



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS V- ESCRITOR JOSÉ LINS DO REGO  
CCBSA- CENTRO DE CIÊNCIA BIOLÓGICAS E SOCIAIS APLICADAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

**ISABELLA BARBOSA LOIOLA**

**O PAPEL DO PETRÓLEO NA CONSTRUÇÃO DE LAÇOS SINO-SAUDITAS  
(2013-2021)**

**JOÃO PESSOA**

**2025**

**ISABELLA BARBOSA LOIOLA**

**O PAPEL DO PETRÓLEO NA CONSTRUÇÃO DE LAÇOS SINO-SAUDITAS  
(2013-2021)**

Dissertação apresentada ao Mestrado em Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba para a obtenção do título de Mestre em Relações Internacionais.

Linha de Pesquisa: Política Externa e Segurança.

Orientador: Alexandre César Cunha Leite.

JOÃO PESSOA

2025

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L834p Loiola, Isabella Barbosa.

O papel do petróleo na construção de laços sino-sauditas (2013-2021) [manuscrito] / Isabella Barbosa Loiola. - 2025.  
112 f. : il. color.

Digitado.

Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas, 2025.

"Orientação : Prof. Dr. Alexandre Cesar Cunha Leite, Coordenação do Curso de Relações Internacionais - CCBSA".

1. Segurança energética. 2. Arábia Saudita. 3. China. 4. Petróleo. 5. Strategic Hedging. I. Título

21. ed. CDD 333.79

ISABELLA BARBOSA LOIOLA

O PAPEL DO PETRÓLEO NA CONSTRUÇÃO DE LAÇOS SINO-SAUDITAS  
(2013-2021)

Dissertação apresentada à  
Coordenação do Curso de Programa de  
Pós-Graduação em Relações  
Internacionais da Universidade  
Estadual da Paraíba, como requisito  
parcial à obtenção do título de Mestra  
em Relações Internacionais

Linha de Pesquisa: Política Externa e  
Segurança.

Aprovada em: 17/02/2025.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado eletronicamente por:

- **Carlos José de Oliveira e Silva Rodrigues** (\*\*\*.994.99-\*\*), em **22/04/2025 09:34:54** com chave **314abf561f7611f0b33d2618257239a1**.
- **Fábio Rodrigo Ferreira Nobre** (\*\*\*.547.894-\*\*), em **22/04/2025 10:49:57** com chave **ad83c9001f8011f0ac6c2618257239a1**.
- **Alexandre Cesar Cunha Leite** (\*\*\*.632.006-\*\*), em **22/04/2025 09:28:53** com chave **5a1c0d141f7511f0a83d06adb0a3afce**.

Documento emitido pelo SUAP. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse [https://suap.uepb.edu.br/comum/autenticar\\_documento/](https://suap.uepb.edu.br/comum/autenticar_documento/) e informe os dados a seguir.

**Tipo de Documento:** Folha de Aprovação do Projeto Final

**Data da Emissão:** 24/04/2025

**Código de Autenticação:** 5fd72c



## **Agradecimentos**

Muitas pessoas trabalharam de forma direta e indireta para a conclusão deste trabalho, e deixo aqui meu mais sincero agradecimento a todas elas.

Agradeço primeiramente à minha família, que sempre esteve ao meu lado com apoio incondicional em todos os meus projetos. Aos meus pais, Teresa e Junior, sou imensamente grato pelo suporte emocional e financeiro, pilares fundamentais para que eu pudesse seguir em frente nesta jornada.

Aos meus amigos e colegas de turma, expressei minha gratidão pelas reflexões, conselhos, histórias compartilhadas e discussões construtivas que tornaram este percurso mais leve.

Ao meu orientador, Professor Dr. Alexandre Leite, registro meu agradecimento pelo apoio constante, pelas oportunidades, conversas, conselhos e paciência. Sua experiência e orientação foram essenciais para a construção e conclusão deste trabalho.

Estendo também minha gratidão ao Professor Dr. Carlos Rodrigues, meu orientador durante o período do mestrado sanduíche na Universidade de Aveiro, agradeço pela oportunidade, pelas conversas e pelos conselhos que foram fundamentais para a finalização desta pesquisa.

Aos professores do Mestrado em Relações Internacionais, registro meu agradecimento pelas contribuições dadas durante as aulas, pelas conversas, conselhos e histórias compartilhadas, que me serviram de inspiração e foram fundamentais para minha trajetória acadêmica.

Por fim, agradeço ao financiamento desta pesquisa pela CAPES e pela FAPESQ-PB, cujas contribuições foram indispensáveis para a realização deste trabalho acadêmico.

A todos, meu mais sincero obrigado.

## Resumo

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a estratégia chinesa de estabelecer relações entre países visando a segurança energética, com foco nas relações com a Arábia Saudita e considerando que o petróleo é a segunda fonte energética primária mais utilizada pelos chineses (Statista, 2024). O crescimento econômico chinês, impulsionado pela industrialização e pela urbanização nas últimas quatro décadas, aumentou significativamente a demanda energética, levando o país a se tornar o maior importador de petróleo do mundo. A China tem buscado diversificar suas fontes de energia e estabelecer relações estratégicas com países produtores de petróleo, com foco na Arábia Saudita, devido à sua posição estratégica e vasta produção de petróleo. A pesquisa utiliza a teoria do *Strategic Hedging* para compreender como a China navega em um ambiente geopolítico complexo, equilibrando riscos e oportunidades para garantir seu abastecimento energético (Goh, 2005; Medeiros, 2005; Tunsjø, 2010; Tessman, Wolfe, 2011). A metodologia empregada será qualitativa e explicativa, utilizando fontes primárias e secundárias, como documentos oficiais, artigos científicos e notícias. O Estudo de Caso e a ferramenta de *Process Tracing* serão empregados para analisar a relação sino-saudita no mercado petrolífero, especialmente após a criação da *Belt Road Initiative*, em 2013.

**Palavras-chaves:** China; Arábia Saudita; Segurança Energética; Petróleo; *Strategic Hedging*.

## Abstract

This research aims to analyze China's strategy of establishing relationships between countries with a focus on energy security, particularly its relations with Saudi Arabia, considering that oil is the second most widely used primary energy source by the Chinese (Statista, 2024). China's economic growth, driven by industrialization and urbanization over the past four decades, has significantly increased its energy demand, making the country the largest importer of oil in the world. China has sought to diversify its energy sources and establish strategic relations with oil-producing countries, focusing on Saudi Arabia due to its strategic position and vast oil production. The research utilizes the theory of Strategic Hedging to understand how China navigates a complex geopolitical environment, balancing risks and opportunities to secure its energy supply (Goh, 2005; Medeiros, 2005; Tunsjø, 2010; Tessman, Wolfe, 2011). The methodology employed will be qualitative and explanatory, using primary and secondary sources such as official documents, scientific articles, and news reports. The Case Study method and the Process Tracing tool will be used to analyze the Sino-Saudi relationship in the oil market, particularly after the creation of the *Belt Road Initiative* in 2013.

**Keywords:** China; Saudi Arabia; Energy Security; Oil; Strategic Hedging.

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1- Os 10 maiores consumidores de energia primária do mundo em 2022, por país (em exajoules).....</b>	<b>24</b>
<b>Gráfico 2- Produção e consumo de petróleo na China (em barris por dia).....</b>	<b>25</b>
<b>Gráfico 3- Consumo de energia primária na China em 2021 por combustível.....</b>	<b>27</b>
<b>Gráfico 4 - Os 10 principais fornecedores de petróleo bruto para a China em 2021.....</b>	<b>31</b>
<b>Gráfico 5- Importações diárias de petróleo bruto dos EUA da Arábia Saudita 2013-2023 (em 1000 barris).....</b>	<b>46</b>

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1 – Conceitos de Segurança Energética .....</b>	<b>18</b>
<b>Quadro 2– Os sete principais temas da segurança energética, segundo Ang, Choong e Ng(2015).....</b>	<b>21</b>
<b>Quadro 3- Estratégias e Ações para o setor de energia no Plano Quinquenal da China (2021-2025).....</b>	<b>28</b>
<b>Quadro 4- Eventos Antecedentes - Bases Históricas das Relações China-Arábia Saudita (1990-2012).....</b>	<b>41</b>
<b>Quadro 5: Eventos da Parceria Energética e Econômica: Relações Sino-Sauditas (2013-2021).....</b>	<b>48</b>
<b>Quadro 6: Artigos coletados trabalham com o Strategic Hedging.....</b>	<b>56</b>
<b>Quadro 7: Os três principais conceitos de Strategic Hedging nas Relações Internacionais.....</b>	<b>61</b>
<b>Quadro 8: Três elementos que compreendem o strategic hedging, segundo Evelyn Goh (2005).....</b>	<b>64</b>
<b>Quadro 9: Critérios para ser considerado um Estado hedge.....</b>	<b>70</b>
<b>Quadro 10: Elementos para ser considerado um comportamento do Strategic Hedging.....</b>	<b>74</b>

## LISTA DE ABREVIACOES E SIGLAS

BRI	<i>Belt and Road Initiative</i>
BRICS	Brasil, Russia, Índia, China e África do Sul
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEIC	<i>Global Economic Data, Indicators, Charts &amp; Forecasts</i>
EC	Estudo de Caso
EIA	<i>Energy Information Administration</i>
EUA	Estados Unidos da América
FAPESQ-PB	Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba
OPEC	<i>Organization of the Petroleum Exporting Countries</i>
PCCh	Partido Comunista Chinês
RI	Relações Internacionais
SCO	Organização para Cooperação de Xangai
SH	<i>Strategic Hedging</i>

## SUMÁRIO

<b>1. Introdução.....</b>	<b>12</b>
<b>2. Segurança Energética e Crescimento Econômico da China: O Papel do Petróleo.....</b>	<b>18</b>
2.1. Evolução do Conceito de Segurança Energética.....	19
2.2. Segurança Energética da China: Diversificação de Fontes e Alianças Estratégicas.....	30
<b>3. As Relações entre China e Arábia Saudita no mercado petrolífero.....</b>	<b>40</b>
3.1 Metodologia: Estudo de Caso e <i>Process Tracing</i> .....	42
3.2. As Bases Históricas das Relações entre China e Arábia Saudita (1990-2012).....	43
3.3. Cooperação Sino-Saudita: Energia, Comércio e Diversificação Econômica (2013-2021).....	50
<b>4. <i>Strategic Hedging</i>: Elementos Construtivos e as Perspectivas na Política Internacional Contemporânea.....</b>	<b>58</b>
4.1. Metodologia.....	59
4.2. <i>Strategic Hedging</i> (SH) nas Teoria de Relações Internacionais (TRI).....	65
4.2.1. Contribuição de Goh (2005) sobre Comportamento <i>Hedge</i> .....	66
4.2.2. A Contribuição de Medeiros (2005) para o <i>Strategic Hedging</i> nas Relações entre Grandes Potências.....	68
4.2.3. O <i>Strategic Hedging</i> como uma “Apólice de Seguro”: As Contribuições de Tessman e Wolfe (2011).....	70
4.3. <i>Frameworks</i> Teóricos do <i>Strategic Hedging</i> : Caminhos para a Análise Sino-Saudita.....	73
<b>5. A Relação Sino-Saudita no Mercado Petrolífero sob a Ótica do <i>Strategic Hedging</i>.....</b>	<b>77</b>
5.1. Geopolítica e Petróleo: A Posição Saudita entre China e EUA.....	78
5.2. A Segurança Energética Chinesa no Contexto do <i>Strategic Hedging</i> .....	82
<b>6. Considerações finais.....</b>	<b>88</b>
<b>Referências.....</b>	<b>92</b>

## 1. Introdução

O crescimento econômico chinês registrado nas últimas quatro décadas tem sido notável, impulsionado principalmente pela expansão do setor industrial e pela abertura gradual de sua economia ao comércio global iniciada, em 1978, por Deng Xiaoping (Corrêa, 2015). O país tem registrado elevadas taxas de crescimento industrial, com uma média de 10,3% entre 1995 e 2024, de acordo com dados do CEIC (2024). Esse crescimento econômico foi acompanhado pelo fortalecimento do poder militar, grandes projetos de infraestrutura e um acelerado processo de urbanização, todos contribuindo para o aumento significativo da demanda energética (Majerowicz, Paraná, 2022). Como resultado, a China enfrenta uma crescente necessidade de energia para sustentar seu desenvolvimento.

A pesquisa foca no petróleo como uma das fontes energéticas. O país também possui um consumo significativo de outras fontes, como carvão, gás natural, energia hidrelétrica e nuclear (Si et al., 2018). É importante destacar que o governo chinês adota uma variedade de estratégias para garantir o fornecimento de recursos energéticos, incluindo o estabelecimento de relações diplomáticas estratégicas com países produtores de petróleo.

A China se tornou importadora de petróleo em 1993, causando repercussões econômicas e estratégicas no âmbito externo, especialmente em relação à sua segurança energética. Essa mudança levou a China a buscar ativamente garantir seus interesses energéticos para além de suas fronteiras nacionais (Wu, 2014; Corrêa, 2015). Diante disso, o país tem buscado diversificar suas fontes de petróleo, estabelecendo relações estratégicas com países produtores, como a Arábia Saudita, um dos principais fornecedores de petróleo (Hong, 2014; Loiola, Leite, Spellman, 2023).

A crescente dependência da China no mercado global de petróleo a levou a reconhecer a importância estratégica da Arábia Saudita. A Arábia Saudita é o segundo maior produtor mundial de petróleo e possui 17% das reservas do mundo (EIA, 2021; OPEC, 2022), desempenhando um importante papel no fornecimento de petróleo globalmente. O estabelecimento de relações entre China e Arábia Saudita é relevante pois a China é, atualmente, o maior importador de petróleo do mundo e segundo maior consumidor de energia do globo (Wu, 2014; EIA, 2022).

A demanda mundial por recursos energéticos transformou diversas regiões do globo em áreas de interesse estratégico para as grandes potências, como China e EUA (Yergin, 2014). A Arábia Saudita, como um dos maiores produtores de petróleo bruto do mundo, tem cultivado uma relação com a China que vai além das simples transações comerciais de petróleo (Fulton,



estratégias que os Estados empregam diante das incertezas nas Relações Internacionais (RI), especialmente em cenários geopolíticos complexos. O SH sugere que ao invés de optar por abordagens tradicionais como o balanceamento, o bandwagoning ou a neutralidade, os Estados tendem a adotar uma postura intermediária que busca maximizar os benefícios e minimizar os riscos (Waltz, 1979; Mearsheimer, 2001; Goh, 2005; Medeiros, 2005; Tunsjø, 2010; Tessman e Wolfe, 2011).

Goh (2005) e Tessman e Wolfe (2011) discutem que o SH representa uma resposta pragmática a desafios que não podem ser facilmente enfrentados por meio das estratégias convencionais de política externa. Dessa forma, o SH permite aos Estados uma maior flexibilidade e resiliência ao lidar com incertezas e complexidades no cenário internacional.

O SH sugere que os Estados formulem políticas que visam assegurar o acesso a recursos vitais, como discutem Tessman e Wolfe (2011). A teoria propõe que a China adote as estratégias de *hedge*, não apenas para fortalecer sua posição militar, mas também para garantir a continuidade do fornecimento de bens públicos, como segurança alimentar, energética e marítima. No contexto específico da segurança energética, a China diversifica suas fontes de energia e estabelece relações estratégicas com países produtores de petróleo, como a Arábia Saudita (Garlivk, Havlová, 2020).

Essas estratégias incluem investimentos em infraestrutura energética global, cooperação bilateral com países produtores de energia e promoção de acordos comerciais e diplomáticos que garantam o acesso contínuo a recursos energéticos essenciais (Yin, 2022). A teoria do SH fornece bases teóricas para uma abordagem multifacetada que vai além da mera dependência de uma única fonte de energia ou de uma única rota de abastecimento. Dessa forma, segundo Tessmann e Wolfe (2011), a China "navega" de forma flexível em um ambiente geopolítico complexo e desconhecido, garantindo assim sua segurança energética a longo prazo (Tunsjø, 2010).

O problema de pesquisa se centra na crescente demanda energética da China, que levou o país a se tornar o maior importador de petróleo do mundo em 1993 (Côrrea, 2015), desencadeando uma série de implicações econômicas, estratégicas e geopolíticas. Nesse contexto, surge a necessidade de analisar como a segurança energética da China influencia suas relações com a Arábia Saudita.

A pergunta de pesquisa é, como as necessidades energéticas da China influenciam à sua relação com a Arábia Saudita, considerando as estratégias de *hedge* adotadas pela China em um ambiente geopolítico global em constante mudança?

A pesquisa busca entender de que maneira a dependência energética molda as políticas externas da China e como estas, por sua vez, impactam a dinâmica geopolítica, considerando aspectos econômicos, estratégicos e de segurança. Nesse sentido, o objetivo geral da pesquisa é analisar a estratégia chinesa em busca de segurança energética da China e sua influência nas relações com a Arábia Saudita. O governo chinês busca garantir um acesso contínuo a recursos energéticos vitais em um ambiente geopolítico global em constante mudança. A delimitação temporal da pesquisa foi estabelecida entre 2013 a 2021, considerando a criação da *Belt and Road Initiative* (BRI) em 2013 pelo Governo Chinês como um elemento-chave nas relações sino-sauditas, até 2021, por motivos de disponibilidade de dados e materiais bibliográficos. Além disso, define-se os seguintes objetivos específicos:

1. Analisar o impacto do crescimento econômico chinês na demanda energética, com foco no Petróleo e ações tomadas pelo Governo Chinês para garantir seus interesses energéticos para além de suas fronteiras nacionais.
2. Investigar o papel da Arábia Saudita como fornecedor de petróleo para China, levando em consideração a importância estratégica do Reino Saudita no contexto global de fornecimento de recursos energéticos.
3. Analisar a aplicação da teoria do *Strategic Hedging* na segurança energética da China, identificando estratégias para diversificar fontes de energia e estabelecer relações estratégicas com países produtores e como isso reflete no desenvolvimento das relações com a Arábia Saudita no mercado petrolífero.

A metodologia desta pesquisa baseia-se em um estudo bibliográfico, que inclui a análise de artigos científicos e material documental e exploratório. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa e explicativa, utilizando tanto fontes primárias (como documentos oficiais) quanto fontes secundárias (como artigos científicos e notícias). Além disso, incorpora a análise de dados quantitativos, como indicadores econômicos e dados comerciais, com o objetivo de corroborar as conclusões obtidas por meio das análises qualitativas.

No primeiro capítulo, realiza-se uma revisão de literatura narrativa sobre o crescimento da demanda energética da China, considerando seu crescimento econômico e as ações tomadas pelo governo chinês para garantir seus interesses energéticos além de suas fronteiras nacionais. Documentos oficiais da China e artigos científicos sobre essa temática servem para identificar as estratégias do governo chinês na diversificação das fontes de energia e na aplicação do *Strategic Hedging*, explorada no terceiro capítulo.

No segundo capítulo, conduz-se uma análise detalhada de documentos oficiais, acordos bilaterais e uma revisão da literatura relevante (livros e artigos) sobre a relação entre China e Arábia Saudita, com ênfase no mercado petrolífero desde a criação da *Belt Road Initiative* (BRI) em 2013. O objetivo é examinar como as relações entre sino-sauditas foram se expandindo ao longo dos anos. Além disso, coletam-se e analisam-se dados quantitativos descritivos sobre o fluxo de investimentos e comércio, com foco específico no mercado de petróleo entre chineses e sauditas, destacando que a estratégia chinesa de aproximação e estabelecimento de relações geralmente começa por vias comerciais (Leite, 2011).

Considerando as particularidades das relações entre China e Arábia Saudita no mercado petrolífero, utiliza-se o Estudo de Caso (EC) como instrumento metodológico complementar, permitindo a compreensão das especificidades do fenômeno estudado. O EC visa delinear os eventos das relações entre chineses e sauditas entre 2013 e 2021, iniciando com a criação da *Belt and Road Initiative* (BRI) em 2013 e indo até 2021, conforme a disponibilidade de dados.

O uso do Process Tracing, como ferramenta metodológica qualitativa nas relações internacionais, serve para descrever, avaliar e gerar hipóteses para explicar fenômenos a partir de eventos selecionados, permitindo uma análise histórica analítica dos mecanismos causais do fenômeno estudado (Henriques, Leite, Júnior, 2015). Seu objetivo final é fornecer uma explicação causal que gere um determinado resultado (Venesson, 2008). Assim, ao combinar o Estudo de Caso com o Process Tracing, obtém-se uma compreensão mais profunda e abrangente das dinâmicas que influenciam a segurança energética da China e suas relações com a Arábia Saudita.

No terceiro capítulo, analisa-se a aplicação do *Strategic Hedging* (SH) na segurança energética da China, por meio do estudo bibliográfico de artigos científicos sobre a estrutura teórica do SH, juntamente com a identificação das estratégias do governo chinês para diversificar fontes de energia e estabelecer relações com países produtores.

A teoria do *Strategic Hedging* é escolhida por abordar como potências em ascensão perseguem seus interesses econômicos e militares, ajudando os estados a lidar com possíveis riscos ou ameaças à segurança (Haacke, 2019; Ciorciari, Haacke, 2019). O foco da pesquisa está nos possíveis riscos à segurança energética da China, examinando como o país implementa estratégias para mitigar essas ameaças e garantir um abastecimento energético estável e diversificado.

No primeiro capítulo da dissertação, propõe-se descrever a linha do tempo do conceito de segurança energética, desde a década de 1960 até os dias atuais, com o objetivo de

compreender os fatos que tornam essa temática crucial para o desenvolvimento dos países. Essa análise histórica permite identificar como eventos geopolíticos, crises energéticas, avanços tecnológicos e mudanças climáticas moldam a percepção e a importância da segurança energética ao longo do tempo. Além disso, o capítulo 1 explora a relação entre essas dinâmicas e o desenvolvimento do Estado Chinês, destacando suas crescentes necessidades energéticas e as estratégias adotadas para garantir um abastecimento seguro e estável, fundamental para sustentar seu crescimento econômico e a industrialização acelerada que a China apresentou nas últimas quatro décadas.

No segundo capítulo, após apresentar o conceito e os principais temas relacionados à segurança energética, bem como as ações tomadas pela China para suprir suas necessidades energéticas, a análise volta-se para a relação entre China e Arábia Saudita. Este capítulo investiga a importância do reino saudita no espectro geopolítico e estratégico para a China. Com o aumento da demanda energética chinesa, a Arábia Saudita, como um dos maiores produtores de petróleo do mundo, desempenha um papel crucial no fornecimento de recursos energéticos essenciais para sustentar o crescimento econômico e industrial da China. A investigação aborda os aspectos políticos, econômicos e diplomáticos dessa relação, destacando como a parceria sino-saudita se desenvolveu ao longo dos anos e sua relevância para a segurança energética e a estratégia da China.

No terceiro capítulo, realiza-se uma análise da aplicação da teoria do *Strategic Hedging* na segurança energética da China. Este capítulo identifica as estratégias adotadas pelo governo chinês para diversificar suas fontes de energia e estabelecer relações estratégicas com países produtores. A análise foca em como o *Strategic Hedging*, que visa equilibrar riscos e oportunidades em um ambiente internacional incerto, influenciam o desenvolvimento das relações com a Arábia Saudita, especialmente no contexto do mercado petrolífero. Por meio dessa abordagem, compreende-se a busca da China para garantir a estabilidade e a continuidade de seu abastecimento energético em um cenário global dinâmico e competitivo.

## 2. Segurança Energética e Crescimento Econômico da China: O Papel do Petróleo

A segurança energética se tornou um fator decisivo para as relações internacionais no início do século XX em todo o globo, especialmente a transição energética do carvão para o petróleo (Pratt, 2019). Ao longo do século XX, o petróleo emergiu como uma das principais fontes de energia global, desempenhando um papel crucial em diversas esferas, desde a economia e a indústria até a geopolítica e as relações internacionais, com eventos como os Choques do Petróleo de 1973 e 1979 evidenciando a vulnerabilidade das economias globais às flutuações de preços e à instabilidade no fornecimento (Yergin, 1988; Balassa, 1985).

No século XXI, a interdependência dos mercados de energia tornou a segurança energética uma questão complexa, exigindo a compreensão dos riscos e das demandas associadas, incluindo vulnerabilidades às flutuações de preços, interrupções no fornecimento e impactos geopolíticos (Keohane, Nye, 1987; Ang, Choong, Ng, 2015). Governos e organizações internacionais passaram a tratar a segurança energética como uma prioridade, justificando intervenções políticas, econômicas e até militares para assegurar o fornecimento contínuo e acessível de energia (Pakhomov, 2017). A diversificação das fontes de energia, incluindo renováveis, tem sido uma estratégia central para mitigar riscos e promover um fornecimento energético estável (Attila, 2012).

A evolução do conceito de segurança energética ao longo das décadas reflete as mudanças nas prioridades globais e nas condições domésticas de cada país (Chester, 2010). Inicialmente focada na estabilidade do fornecimento e na acessibilidade econômica, a segurança energética passou a incorporar considerações ambientais e de sustentabilidade, respondendo às questões de mudanças climáticas e transição para fontes renováveis (Winzer, 2012).

A segurança energética é uma construção dinâmica e multifacetada, abrangendo questões econômicas, geopolíticas, ambientais e sociais (Mukhammadsidiqov, Turaev, 2018). A abordagem adotada por países como a China, com esforços para diversificar suas fontes de energia e investir em tecnologias avançadas, exemplifica a adaptação constante às novas realidades energéticas globais, destacando a importância de estratégias robustas para enfrentar os desafios associados à segurança energética (Zha, Breslin, 2012).

Este capítulo tem o objetivo de compreender o impacto do crescimento econômico chinês na segurança energética da China, com um foco no petróleo como fonte energética. Para isso, o primeiro tópico do capítulo apresenta a evolução do conceito de segurança energética, utilizando uma seleção histórica de teóricos e artigos que pesquisaram a temática. No segundo

tópico, é demonstrado o crescimento da demanda energética chinesa nas três últimas décadas e como o Estado Chinês busca suprir essa crescente demanda por petróleo, destacando como o Partido Comunista Chinês (PCCh) projeta seus interesses, estratégias e políticas energéticas através dos Planos Quinquenais.

## **2.1- A Evolução do Conceito de Segurança Energética**

A segurança energética se tornou um fator decisivo para as relações internacionais no início do século XX, especialmente nos anos que antecederam a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) (Yergin, 2014). A Marinha Britânica conquistou sua supremacia naval ao converter os navios de guerra do carvão para o petróleo, deixando os navios mais rápidos e fáceis de operar (Gibson, 2012). Essa mudança, promovida por Winston Churchill, então Primeiro Lorde do Almirantado, conferiu à Inglaterra uma vantagem estratégica crucial: os navios movidos a petróleo eram mais rápidos, mais fáceis de operar e tinham custos operacionais menores (Yergin, 2014).

Essa conversão, no entanto, trouxe novos desafios. A Marinha Britânica passou a depender do fornecimento de petróleo da Pérsia (atual Irã). Churchill argumentava que era muito arriscado a marinha inglesa depender de um país tão inseguro, antigo e mal administrado como a Pérsia. Para Churchill, o ponto chave para a segurança energética era a diversificação da oferta, uma estratégia que é relevante até os dias atuais (Reguer, 1982).

Ao longo do século XX, o petróleo emergiu como uma das principais fontes de energia global, desempenhando um papel crucial em diversas esferas, desde a economia e a indústria até a geopolítica e as relações internacionais (Yergin, 2014). No âmbito industrial, o petróleo foi fundamental para o desenvolvimento da indústria automotiva, da aviação e petroquímica, propiciando o crescimento da infraestrutura de transportes e a urbanização (Pratt, 2019).

Para compreender como a conceituação do termo segurança energética é influenciada pelas transformações que foram ocorrendo no Sistema Internacional ao longo dos anos, faz-se necessário adotar uma perspectiva histórica. Neste tópico, o objetivo é mostrar, por meio de uma revisão de literatura narrativa, sobre como o conceito e as prioridades da segurança energética têm-se modificado em resposta às mudanças no panorama global de energia.

O regime energético estabelecido após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) foi caracterizado por um aumento no consumo de combustíveis fósseis não renováveis,

especialmente petróleo e gás natural (Painter, 2012). A crescente demanda por petróleo por parte dos países desenvolvidos gerou instabilidade política nas regiões produtoras e resultou em destruição ambiental em larga escala (Chester, 2010).

Segundo Fernandes (2017), os estudos sobre segurança energética remontam da década de 1960. No período pós-Segunda Guerra Mundial, ainda não havia uma preocupação significativa com o esgotamento dos recursos ou com as possíveis instabilidades políticas nas regiões produtoras que pudessem interromper o fornecimento de petróleo. Naquela época, os países mais desenvolvidos, como os Estados Unidos e as nações europeias, não demonstravam ações estratégicas nem preocupações explícitas em relação ao abastecimento energético.

Nesse período, EUA e alguns países da Europa já tratavam a energia como uma força vital para a economia e para o desenvolvimento da sociedade (Fernandes, 2017). Apenas alguns autores, como Harold Lubell (1961) e Peter Odell (1970), alertavam para os riscos da dependência externa de energia, principalmente com os países do Oriente Médio, e algumas das soluções apresentadas para esse problema seriam a diversificação das fontes importações e o investimento na criação de novas tecnologias de produção energética.

Na década seguinte, a crise do petróleo de 1973-74 despertou preocupações globais sobre a vulnerabilidade no fornecimento de petróleo (Balassa, 1985). A instabilidade política no Oriente Médio levou à interrupção do fornecimento de petróleo em vários países, causando uma triplicação do preço do barril em apenas três meses. Esse evento serviu como um alerta para muitas nações sobre os riscos associados à dependência das importações de petróleo da região (Yergin, 1988).

Geopoliticamente, o petróleo se tornou um recurso estratégico e o controle do acesso a reservas de petróleo influencia até os dias de hoje a política externa de diversos países. Esse controle foi um fator central que resultou em crises, alianças e conflitos, a exemplo dos Choques do Petróleo de 1973 e 1979, que evidenciaram a vulnerabilidade das economias globais à flutuação dos preços do petróleo e à instabilidade no fornecimento (Balassa, 1985; Loiola, Leite, Spellman, 2023). A importância do petróleo não se limitou ao papel como fonte de energia, mas também como um elemento chave na configuração das dinâmicas econômicas e políticas internacionais.

No contexto da década de 1970, James Phillips (1979) define a segurança energética do ponto de vista dos países importadores de petróleo, associando-a a um fornecimento contínuo de petróleo, acompanhado por preços estáveis que facilitam as importações

Segundo Fernandes (2019), nesse período, dois elementos cruciais se inserem no debate da segurança energética: o fornecimento e o preço. O fornecimento se refere à

disponibilidade contínua de energia a preços razoáveis e, para isso, os países precisavam diversificar suas fontes para que tensões geopolíticas não prejudicassem o abastecimento do país. Um exemplo disso seria o Brasil, que devido à crise internacional elevou as despesas com importação de petróleo de US\$ 600 milhões em 1973 para US\$ 2,5 bilhões em 1974 e, em 1975, criou o Programa Nacional do Alcool como alternativa para reduzir a dependência do petróleo (Carvalho, 1989; Alcarde, 2008).

A Revolução Iraniana em 1979 provocou o Segundo Choque do Petróleo (Loiola, Leite, Spellman, 2023). Os dois Choques do Petróleo (1973 e 1979) levaram países como os EUA, a tratar a segurança energética como assunto de segurança nacional. Em 1980, o então presidente dos EUA Jimmy Carter (1977-1981) lança a Doutrina Carter, que possibilita e justifica a intervenção militar dos EUA no Golfo Pérsico para proteger a exportação de petróleo do Oriente Médio para portos ocidentais (Fuser, 2007; Yom, 2020).

Os efeitos da Doutrina Carter (1980) moldaram a política externa dos EUA para o Oriente Médio durante as décadas de 1980 e 1990 até o início do século XXI, destacando a importância estratégica da região para a segurança energética global (Levy, 1980; Fuser, 2007). Na década de 1980, Richard Samuels (1984) caracterizou a segurança energética como a capacidade de reduzir a ameaça e a vulnerabilidade de uma possível crise no mercado internacional de energia que possa interromper o fornecimento de energia, com o objetivo de minimizar impactos domésticos, principalmente no setor militar e econômico.

Outro teórico relevante, Daniel Yergin (1988), descreveu a segurança energética como a garantia do fornecimento de energia e com preços razoáveis, a fim de não comprometer o desenvolvimento nacional do país. Esses conceitos ressaltam que a segurança energética abrange a estabilidade do fornecimento e a acessibilidade econômica da energia. Elas destacam a importância de estratégias diversificadas e robustas para enfrentar os riscos associados às flutuações do mercado energético global e a possíveis crises política, econômica, social nas regiões produtoras, como Oriente Médio, que possam interromper o fornecimento.

Em 1993, Bohi e Toman argumentam que a segurança energética pode ser conceituada de diversas formas, dependendo dos fatores internos e externos específicos de cada Estado. Posteriormente, Bohi e Toman (1996) conceituam a insegurança energética como a perda de bem-estar econômico, que pode ocorrer como resultado de uma alteração no preço ou na disponibilidade da energia.

Nos anos 2000, às preocupações com a segurança energética foram adicionados meios de fomentar a sustentabilidade do setor, devido às preocupações com as mudanças climáticas, uma vez que o uso de combustíveis fósseis são uma das principais causas da poluição

atmosférica (Bauen, 2006; Ajide, Mesagan, 2022). Tem-se observado um aumento nos eventos naturais extremos, como inundações, furacões, incêndios florestais, temperaturas extremas, aumentando a conscientização para as mudanças climáticas e a sustentabilidade do setor energético (Chester, 2010).

A Comissão Europeia (2000) informa que a segurança energética, para garantir o bem-estar dos cidadãos, o bom funcionamento da economia, a disponibilidade física ininterrupta de produtos energéticos no mercado, um preço acessível a todos os consumidores, é necessário respeitar as preocupações ambientais e procurar rumo ao desenvolvimento sustentável (Akerman et al., 2000).

No século XXI, as preocupações com a segurança energética são evidentes devido à crescente dependência dos sistemas energéticos globais (Yergin, 2014). A segurança energética é uma questão complexa, devido à interdependência dos mercados de energia, exigindo uma compreensão profunda dos riscos e das demandas associadas à segurança energética, incluindo vulnerabilidades às flutuações de preços, interrupções no fornecimento e impactos geopolíticos (Keohane, Nye, 1987; Verrastro, Ladislaw, 2007). Esses fatores se somam também à instabilidade de alguns países exportadores, a competição de países pelo acesso aos suprimentos e aos custos da energia importada (Yergin, 2014).

Em 2007, a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OECD, sigla em inglês), publicou o livro "*Energy Security and Climate Policy-Assessing Interactions*", em que demonstrava que a procura mundial de energia está a aumentar, mas o petróleo, o carvão e o gás natural ainda satisfazem a maior parte das necessidades energéticas globais, criando sérias implicações para o ambiente.

Na década de 2010, com mais de quatro décadas de estudo e toda importância da segurança energética no âmbito político, econômico e acadêmico, vários autores salientaram que o termo ainda não está claramente conceituado. Entre eles, Chester (2010) e Winzer (2012), que descrevem o conceito de segurança energética como "escorregadio" ou "difícil", não existindo uma interpretação comum e, segundo eles, essa confusão sobre a segurança energética também se reflete nas ações políticas.

Winzer (2012) compara o cenário estadunidense e brasileiro. Nos EUA, o foco da segurança energética tem sido tradicionalmente colocado na redução da vulnerabilidade, levando os políticos a apelarem à independência energética e aumentar a quota de energia renováveis. Já no Brasil, a visão de independência energética se tornou uma realidade. Houve períodos em que os políticos defenderam uma parcela crescente de combustíveis fósseis (Paiva, 2015). Essa comparação revela como a interpretação e a aplicação da segurança energética

podem variar significativamente entre diferentes contextos nacionais, refletindo as prioridades e as condições específicas de cada país.

Nesse cenário, as facetas relevantes para a segurança energética estão sendo remodeladas. Segundo Ang, Choong e Ng (2015), o conceito de segurança energética é dinâmico e evolui à medida que as circunstâncias mudam ao longo do tempo. Por exemplo, a temática da transição energética para fontes de energia renováveis tem se tornado cada vez mais frequente e urgente devido às mudanças climáticas e os eventos climáticos extremos, sendo presente nas pautas de discursos governamentais, empresariais, acadêmicos e da sociedade civil como todo (Sovacool, 2013; Rabbi et al., 2022).

A temática de segurança energética é onipresente nas discussões sobre questões energéticas e mudanças climáticas (Chester, 2010). O termo, segurança energética, tem sido amplamente utilizado em relatórios e documentos publicados por organizações governamentais e supranacionais, e no discurso acadêmico. No entanto, segundo Chester (2010) raramente foi acompanhado por discussão ou explicação das noções que sustentam seu significado.

Na Comissão Europeia (2024) a política energética é regida por três pilares, que são a eficiência, a sustentabilidade e a segurança do abastecimento energético. O Departamento de Recurso Energéticos dos EUA defende que, para a segurança energética, é necessário que os EUA e seus aliados e parceiros tenham prosperidade econômica por meio de acesso à energia sustentável, acessível e confiável (ENR, 2024).

O 14º Plano Quinquenal Chinês (2021-2025) trata o setor energético como estratégico e o governo concentra seus esforços em aumentar sua capacidade no mesmo ritmo em que a demanda do país dispara e nos investimentos em fontes não fósseis. O PCCh destaca que as principais prioridades no desenvolvimento verde são a melhoria da eficiência energética da China, a expansão das fontes de energia renováveis, pesquisa de tecnologias avançadas de armazenamento de energia e desenvolvimento da rede estatal de energia inteligente (Zha, Breslin, 2012). Esses objetivos refletem o compromisso da China em garantir a segurança energética, tentando reduzir sua dependência de combustíveis fósseis, especialmente o carvão e petróleo, e adotando um caminho mais sustentável e resiliente para seu futuro energético (Statista, 2024).

A segurança energética é um objetivo importante na política de vários países ao redor mundo. O quadro abaixo apresenta uma seleção de alguns conceitos de segurança energética descritos acima. A seleção dos conceitos de segurança energética foi realizada com base no critério cronológico, com o objetivo de mostrar a evolução do conceito ao longo dos anos. Essa seleção cronológica ilustra a adaptação e a expansão do conceito de segurança energética para

incluir não apenas a estabilidade do fornecimento e a acessibilidade econômica, mas também considerações ambientais e de sustentabilidade, refletindo as mudanças nas prioridades e nas condições globais ao longo do tempo.

**Quadro 1: Conceitos de Segurança Energética**

Autor	Conceito
Harold Lubell (1961)	Alertava para os riscos da dependência externa de energia e as algumas das soluções apresentadas para esse problema eram a diversificação das fontes importações e o investimento na criação de novas tecnologias de produção energética.
James Phillips (1979)	Caracteriza a segurança energética na perspectiva dos países que importam petróleo, relacionando-a com um fluxo ininterrupto de importação de energia petróleo e a um nível de preço estáveis que favorecem a importação.
Richard Samuels (1984)	Caracteriza a segurança energética como a capacidade de reduzir a ameaça e a vulnerabilidade de uma possível crise no mercado internacional de energia que possa interromper o fornecimento de energia, com o objetivo de minimizar impactos domésticos, principalmente no setor militar e econômico.
Daniel Yergin (1988)	Define a segurança energética como a garantia do fornecimento de energia e com preços razoáveis, a fim de não comprometer o desenvolvimento nacional do país.
Bohi e Toman (1993)	A segurança energética é influenciada por fatores internos e externos de cada Estado, embora o seu enfoque se limite às questões econômicas relacionadas com o comportamento dos mercados.
Comissão Europeia (2000)	A segurança energética além de garantir o bem-estar dos cidadãos, o bom funcionamento da economia, a disponibilidade física ininterrupta de produtos energéticos no mercado, a um preço acessível a todos os consumidores, é necessário respeitar as preocupações ambientais e procurar rumo ao

	desenvolvimento sustentável .
OECD (2007)	Apresenta a segurança energética como preocupação ambiental, uma vez que a procura mundial de energia está a aumentar, mas o petróleo, o carvão e o gás natural ainda satisfazem a maior parte das necessidades energéticas globais, criando sérias implicações para o meio ambiente.
Winzer (2012)	O conceito de segurança energética como "escorregadio" ou "difícil" de conceituar, não existe uma interpretação comum e que essa confusão sobre a segurança energética também se reflete nas ações políticas.
Ang, Choong e Ng (2015)	A conceituação de segurança energética é dinâmica e evolui à medida que as circunstâncias mudam ao longo do tempo.
Partido Comunista Chinês (14º Plano Quinquenal)	O 14º Plano Quinquenal (2021-2025) destaca como um dos principais prioridades segurança energética do país, o desenvolvimento verde, a melhoria da eficiência energética da China, a expansão das fontes de energia renováveis, pesquisa de tecnologias avançadas de armazenamento de energia e desenvolvimento da rede estatal de energia inteligente.

Fonte: Elaborado pela própria autora.

O termo segurança energética evoluiu e continua evoluindo com as transformações no regime energético mundial (Chester, 2010). Essas transformações incluem o domínio dos combustíveis fósseis não renováveis, a liberalização dos mercados energéticos, o desenvolvimento da energia nuclear, as crescentes exigências energéticas das nações em desenvolvimento, os impactos da instabilidade política, dos acontecimentos naturais de grande escala e, na última década, os debates e ações que fomentem a transição energética segurança (Attila, 2012).

No conceito de securitização de Buzan (1991), a securitização ocorre quando um ator político apresenta uma questão como uma ameaça existencial, justificando medidas extraordinárias para enfrentá-la (Buzan, Hansen, 2009). Aplicando este conceito à segurança energética, observa-se que ao longo dos anos, especialmente desde as crises do petróleo nas

décadas de 1970 e 1980, a energia passou a ser vista não apenas como um recurso econômico, mas como uma questão de segurança nacional e internacional.

Governos e organizações internacionais começaram a tratar a segurança energética como uma prioridade crítica, justificando intervenções políticas, econômicas e até militares para assegurar o fornecimento contínuo e acessível de energia (Winzer, 2012). Esta mudança reflete a securitização da segurança energética, em que as vulnerabilidades associadas ao fornecimento de energia foram elevadas ao status de ameaças existenciais, levando à implementação de políticas mais robustas e à cooperação internacional para mitigar esses riscos (Buzan, 1991; Radoman et. al., 2007).

Apesar de todo esse destaque, não há um consenso na conceitualização do termo segurança energética (Chester, 2010). Diante disso, é importante apresentar alguns conceitos de segurança energética para melhor compreender suas diferentes dimensões. A segurança energética não apenas evoluiu para abranger preocupações econômicas e geopolíticas, mas também incorporou a dimensão ambiental, refletindo a necessidade de uma abordagem sustentável para a gestão dos recursos energéticos (Winzer, 2012).

Essa retrospectiva, quadro 1, mostra que o conceito de segurança energética é dinâmico e evolui constantemente à medida que as circunstâncias mudam, conforme proposto por Ang, Choong e Ng (2015). Em suma, não há um consenso fixo sobre o conceito de segurança energética, pois ela é momentânea e varia conforme o contexto internacional e às condições domésticas de cada país, englobando questões econômicas, sociais e políticas. As estratégias de segurança energética são superar situações em que os mercados energéticos não funcionam adequadamente (Chester, 2010).

Os estudos relacionados à segurança energética abrangem sete grandes temas, como mostra o quadro abaixo: disponibilidade de energia, infraestrutura, preço da energia, efeitos sociais, ambiente, governança, eficiência energética.

**Quadro 2:** Os sete principais temas da segurança energética, segundo Ang, Choong e Ng(2015).

Principais temas de Segurança Energética	Contexto
--	----------

Disponibilidade de energia	A diversificação e os fatores geopolíticos são questões-chave que determinam a disponibilidade de energia. <del>Através</del> da diversificação das fontes de abastecimento, os importadores de energia podem reduzir e mitigar melhor os riscos de perturbações nas importações. As preocupações sobre questões geopolíticas incluem alguns eventos, como eclosão de guerras, regimes desestabilizados ou tensões regionais que podem levar a interrupções no fornecimento de petróleo ou gás.
Infraestrutura	A infraestrutura é essencial para fornecer fornecimento de energia estável e ininterrupto. Estas instalações incluem instalações de transformação de energia, por exemplo, refinarias de petróleo e centrais elétricas, e instalações de distribuição e transmissão, por exemplo, oleodutos, linhas de transmissão de eletricidade, subestações e instalações de armazenamento de energia.
Preços da energia	Os preços da energia determinam a acessibilidade do fornecimento de energia e têm uma série de dimensões, tais como o nível absoluto de preços, a volatilidade dos preços e o grau de concorrência nos mercados energéticos. Os preços voláteis dos combustíveis fósseis podem causar problemas na garantia do abastecimento de energia e afetar a capacidade dos decisores políticos para planejar a expansão da capacidade e outras medidas de curto prazo.
Efeitos sociais	A energia é uma necessidade básica da vida, o bem-estar social foi incluído no conceito de segurança energética em alguns estudos. As preocupações sociais incluem a pobreza energética, algumas parcelas da população poderiam ser privadas dos serviços energéticos básicos. A segurança energética deve garantir que o desenvolvimento econômico e social do país não seja materialmente restringido.
Ambiente	A sustentabilidade e as questões ambientais estão intimamente associadas à energia devido ao carbono e outras emissões que contribuem para o aquecimento global e a poluição atmosférica. Outros riscos ambientais associados à energia são a inundação de florestas como resultado de projetos hidroelétricos ou fugas e derrames de petróleo durante a exploração ou transporte de petróleo bruto.

Governança	Políticas governamentais sólidas ajudam a proteger e a mitigar perturbações energéticas de curto prazo. Os governos com visão de futuro apoiam o planejamento eficaz das necessidades de infra-estruturas para garantir a segurança energética a longo prazo. O governo tem um papel importante a desempenhar como principal recolhedor de informações, uma vez que dados de alta qualidade facilitam o planejamento eficaz em grande escala para a segurança energética.
Eficiência energética	Tecnologias, sistemas e práticas de melhoria energética ajudam a reduzir as necessidades energéticas e a melhorar a segurança energética. Um conceito intimamente relacionado à eficiência energética é a intensidade energética, que é a energia necessária para produzir cada unidade de produção. A redução da intensidade energética de uma economia pode melhorar a segurança energética, reduzindo a quantidade de energia necessária para funcionar.

Fonte: Elaborada pela própria autora com informações retiradas de Ang, Choong e Ng (2015)

Os sete principais temas da segurança energética — disponibilidade de energia, infraestrutura, preços da energia, efeitos sociais, ambiente, governança e eficiência energética — delineiam um panorama abrangente das complexidades envolvidas na garantia de um fornecimento energético estável (Ang, Choong, Ng, 2015). A literatura muitas vezes trata a discussão sobre segurança energética apenas no âmbito dos combustíveis fósseis, especialmente o petróleo, devido à sua centralidade nas economias e geopolíticas globais (Bielecki, 2002).

A vulnerabilidade da economia mundial perante os países produtores de hidrocarbonetos (petróleo e gás natural), concentrados no Golfo Pérsico, norte da África e em partes da antiga União Soviética, da África Ocidental e da América Latina, é uma preocupação central na elaboração de políticas energéticas de vários países, principalmente dos mais desenvolvidos, como EUA, União Europeia e China (Wu, 2014).

As discussões sobre a instabilidade e emergência do abastecimento de petróleo frequentemente conduzem a uma visão da segurança energética como sinônimo da necessidade de reduzir a dependência do consumo de petróleo (Ang, Choong, Ng, 2015). No entanto, a segurança energética não se limita apenas ao petróleo. Outras fontes energéticas como o carvão, gás natural, energia nuclear e renováveis, hidrelétrica, solar e eólica, também são fundamentais para garantir a segurança energética (Yergin, 2014). Logo, a análise de segurança

energética não se reduz apenas para a segurança petrolífera, mas essa pesquisa foca no mercado petrolífero.

Vale ressaltar que a transição energética para fontes renováveis tem ganhado importância, refletindo uma mudança nas prioridades globais em direção à sustentabilidade ambiental e à mitigação das mudanças climáticas (Ajide, Mesagan, 2022; Rabbi et al., 2022). Essa transição não apenas responde às questões de segurança energética, mas também integra preocupações ambientais e sociais, ampliando o escopo da segurança energética além da mera disponibilidade de combustíveis fósseis.

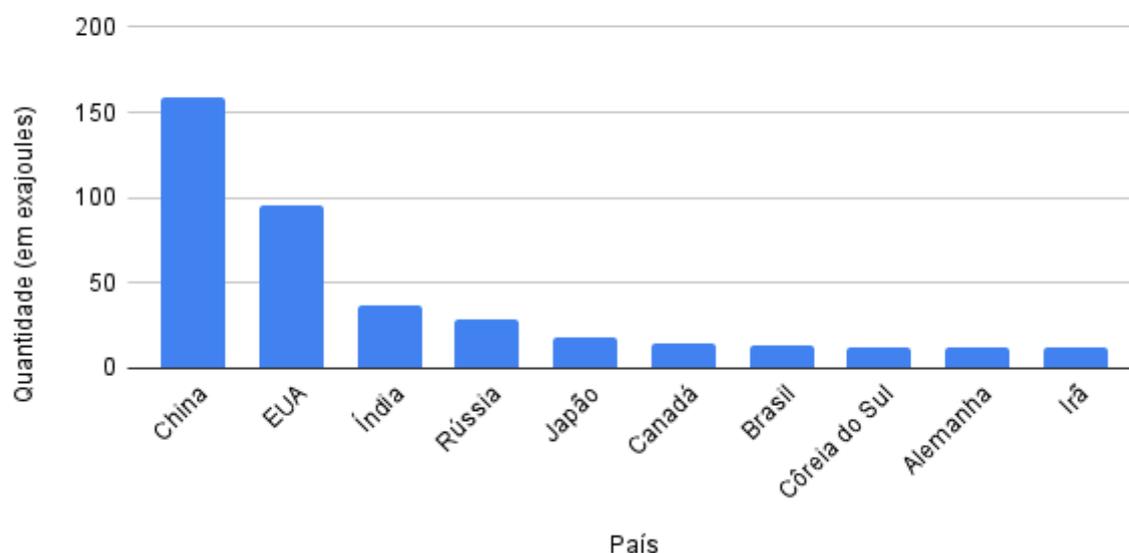
A evolução do conceito de segurança energética ao longo das últimas décadas ilustra como as transformações no cenário global e nas prioridades nacionais moldaram a maneira como os países abordam essa questão (Chester, 2010; Winzer, 2012). Desde os primeiros alertas sobre a dependência externa de energia na década de 1960 até as preocupações contemporâneas com a sustentabilidade e a transição para fontes renováveis, a segurança energética passou de um tema econômico e estratégico para uma questão multidimensional que abrange considerações econômicas, geopolíticas, ambientais e sociais. A análise cronológica dos conceitos mostra que a segurança energética é uma construção dinâmica, que se adapta às circunstâncias e desafios de cada época.

Para a China, a industrialização e a urbanização aceleradas das últimas quatro décadas tornaram a segurança energética uma prioridade estratégica (Yao, Chang, 2014). A crescente demanda por energia para sustentar o crescimento econômico levou o país a adotar uma abordagem multifacetada para garantir a segurança de seu abastecimento energético.

Em 2022, a China se tornou o maior consumidor de energia primária do mundo (Statista, 2024). Esse aumento se deve ao impressionante crescimento econômico médio de 10,3% nas últimas três décadas, segundo o CEIC (2024), impulsionado pela industrialização e urbanização aceleradas, que simultaneamente elevaram o consumo de energia. Em resposta a esses desafios, a segurança energética passou a ocupar uma posição central na agenda do Partido Comunista Chinês (PCCh).

**Gráfico 1:** Os 10 maiores consumidores de energia primária do mundo em 2022, por país (em exajoules)

## Os 10 maiores consumidores de energia primária do mundo em 2022, por país (em exajoules)



Fonte: Elaborado pela própria autora, baseado em Statista (2024).

O 14º Plano Quinquenal destaca os esforços da China em diversificar suas fontes de energia, aumentar a eficiência energética, investir em tecnologias avançadas de armazenamento de energia e desenvolver uma rede elétrica inteligente. Essas iniciativas são essenciais para reduzir a dependência de combustíveis fósseis, especialmente carvão e petróleo, e para enfrentar os desafios associados às mudanças climáticas e à sustentabilidade ambiental (Statista, 2024).

A aplicação do conceito de securitização de Buzan (1991) à segurança energética chinesa reflete como o país vê a energia como uma questão existencial. A dependência de fontes externas de energia, combinada com as crescentes necessidades internas, impulsionou a China a buscar parcerias estratégicas e diversificar suas fontes de energia.

A cooperação com países produtores, como a Arábia Saudita, exemplifica a estratégia de *hedging* estratégico, onde a China busca mitigar riscos por meio de alianças e investimentos em diferentes regiões e tipos de energia (Tessman, Wolfe, 2011). A segurança energética da China é um exemplo de como um recurso essencial pode moldar políticas nacionais e internacionais, influenciando a geopolítica global e as relações entre os Estados.

### 2.2- A Segurança Energética da China: Diversificação de Fontes e Alianças Estratégicas

O tópico anterior mostra que o conceito de segurança energética varia de país para país. Nesse subcapítulo, será analisada como a China lida com sua segurança energética e as ações tomadas pelo governo para isso, com foco no mercado de petróleo com a Arábia Saudita. A China, como o maior importador mundial de petróleo, depende fortemente de fornecedores externos para atender à sua enorme demanda energética (Wu, 2014).

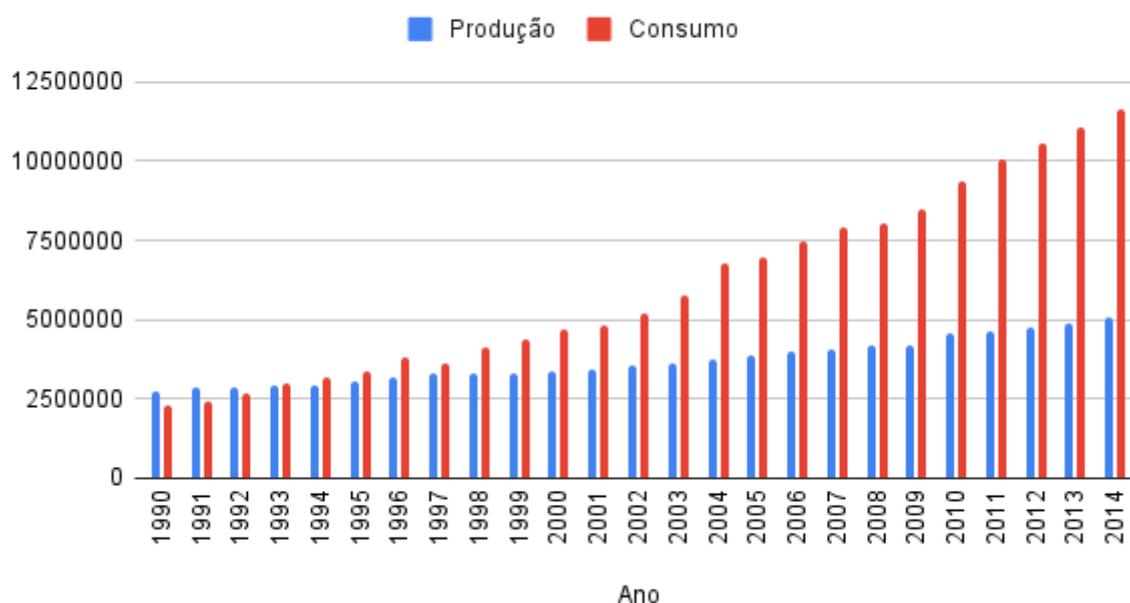
Para mitigar os riscos associados a essa dependência, o governo chinês tem buscado fortalecer suas relações bilaterais com grandes produtores de petróleo, um deles é a Arábia Saudita (Fulton, 2020). Esse relacionamento estratégico inclui acordos de longo prazo para garantir um fornecimento estável de petróleo, investimentos em infraestrutura de energia e cooperação em projetos de energia renovável.

Além disso, a China tem diversificado suas fontes de abastecimento energético e investido em reservas estratégicas de petróleo para aumentar sua resiliência frente a possíveis interrupções no fornecimento global (Fan, Xia, 2012). Segundo Wu (2014), para a China a segurança energética significa, em primeiro lugar, a segurança no abastecimento de petróleo. Essas medidas fazem parte de uma estratégia mais ampla para assegurar a estabilidade energética e promover um desenvolvimento econômico sustentável.

A segurança energética da China sofreu transformações significativas nas últimas quatro décadas, desde o início do período de abertura econômica em 1978 até 2021, impulsionada pela crescente industrialização e urbanização (Wu, 2014; Majerowicz, Paraná, 2022). O país se tornou importador líquido de petróleo em 1993, marcando o início de sua crescente dependência de recursos energéticos externos (Côrreia, 2015). O consumo de petróleo na China superou sua produção, em 1993, e nos anos subsequentes, a diferença entre produção e consumo aumentou progressivamente, sendo essa lacuna preenchida por importações. O gráfico abaixo ilustra esse distanciamento crescente entre produção e consumo de petróleo na China.

**Gráfico 2:** Produção e consumo de petróleo na China (em barris por dia)

## Produção e consumo de petróleo na China (em barris por dia)



Fonte: Elaborado pela própria autora, com dados do Worldometer (2016)

A demanda crescente por energia também levou a China a se tornar importador líquido de gás natural em 2007 e, posteriormente, importador líquido de carvão em 2009. Em outras palavras, a China agora é um importador líquido dos três principais tipos de energia fóssil – petróleo, gás natural e carvão (Wu, 2014). Embora a pesquisa tenha foco no petróleo como fonte energética, é importante ressaltar que o país também tem um consumo substancial de outras fontes energéticas, como carvão, gás natural e energia hidrelétrica e nuclear.

A matriz energética da China ainda é dependente de fontes fósseis, com mais de 70% da sua energia primária proveniente de combustíveis fósseis, como carvão, petróleo e gás natural, como mostra o gráfico 2 abaixo (EIA, 2023; Statista, 2024). No setor petrolífero, Wu (2014) observa que, embora a China possua uma grande capacidade de refino e ainda depende significativamente da importação de petróleo bruto. Em 2021, aproximadamente 72% do petróleo consumido no país foi importado (Daily China, 2023).

**Gráfico 3:** Consumo de energia primária na China em 2021 por combustível

Fonte: Elaborado pela própria autora baseado em EIA (2023) e Statista (2024).

No contexto da China, o conceito de segurança energética adquire uma complexidade singular, dada a escala massiva de sua economia e a rápida transformação de sua matriz energética. A segurança energética é entendida não apenas como a garantia do fornecimento contínuo de energia para sustentar o crescimento econômico e o desenvolvimento social, mas também como uma questão de soberania nacional e estabilidade política (Yao, Chang, 2014). Dadas as altas taxas de urbanização e industrialização, a China enfrenta desafios significativos para garantir um suprimento estável de energia para alimentar suas indústrias, cidades e transporte.

A dependência crescente de fontes de energia importadas, como o petróleo, torna o país vulnerável a flutuações nos mercados internacionais e a potenciais interrupções no fornecimento (Fulton, 2020). Portanto, para a China, a segurança energética não se limita apenas a garantir o acesso físico à energia, mas também envolve a diversificação de fontes de energia, o fortalecimento da infraestrutura energética, a promoção da eficiência energética e a busca por autossuficiência energética sempre que possível (Wu, 2014). Essa abordagem reflete a compreensão abrangente da China sobre os múltiplos aspectos da segurança energética, integrando considerações econômicas, políticas, ambientais e de segurança nacional.

Devido à sua dependência de combustíveis fósseis, os governantes chineses, no 12º Plano Quinquenal da China (2011- 2015), enfatizaram estratégias de segurança energética focadas em três elementos principais (Li, Wang, 2012). Primeiro, promovem o investimento petrolífero no exterior, buscando garantir o acesso estável a recursos energéticos além de suas

fronteiras. Segundo, desenvolveram reservas estratégicas de petróleo, acumulando estoques para mitigar os riscos associados a interrupções no fornecimento. Terceiro, investiram em gás não convencional, como o gás de xisto, para diversificar as fontes de energia e reduzir a dependência de importações. Essas estratégias visam fortalecer a resiliência energética da China e assegurar a continuidade do crescimento econômico e da industrialização do país.

A análise feita por Donald W. Jones (1991), em seu artigo "*How Urbanization Affects Energy Use in Developing Countries*," demonstra que as taxas de industrialização e de urbanização caminham juntas durante o desenvolvimento econômico e exercem uma série de influências na utilização e na demanda de energia.

No caso da China, esse processo tem sido evidente. A rápida industrialização e urbanização aumentaram significativamente a demanda por fontes energéticas, tornando o país um dos maiores importadores de combustíveis fósseis do mundo. Jones (1991) argumenta que o crescimento urbano leva a mudanças nos padrões de consumo de energia, com uma maior dependência de fontes não renováveis para sustentar o ritmo acelerado de desenvolvimento econômico e a expansão das infraestruturas urbanas.

As metas e diretrizes para o desenvolvimento econômico e social da China nos próximos anos são expostas no 14º Plano Quinquenal (2021-2025), que destaca o setor energético e o tecnológico como setores-chave para o país. Este último plano lançado pelo PCCh dá continuidade às políticas climáticas adotadas nos Planos anteriores, sinalizando objetivos em termos de intensidade energética e de intensidade de carbono por unidade do PIB, bem como de incremento da participação de fontes não-fósseis em sua matriz energética (Ungaretti, 2021). O plano quinquenal sublinha a necessidade de diversificar as fontes de energia da China, além de demonstrar preocupações com os combustíveis fósseis e as alterações climáticas.

No Plano Quinquenal (2021-2025), a temática ambiental apresenta-se como uma demanda urgente para se pensar o desenvolvimento no século XXI, especialmente por parte da China, principal emissor de gases do efeito estufa e maior consumidor de energia primária do mundo, como mostra o gráfico 1 (Statista, 2024). O quadro abaixo, mostra uma seleção de temas relacionados com o setor energético, que são colocados no 14º Plano Quinquenal (2021-2025).

**Quadro 3:** Estratégias e Ações para o setor de energia no Plano Quinquenal da China (2021-2025)

Temáticas/ Áreas	Detalhamento
Diversificação de Fontes de Abastecimento	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Promover a diversificação das fontes de importação de recursos energéticos.</li> <li>● Foco em áreas ricas em recursos energéticos, de modo a adaptar políticas específicas para diferentes áreas.</li> <li>● Ampliação da cooperação com países da Iniciativa Cinturão e Rota (BRI) para garantir acesso a recursos energéticos.</li> </ul>
Indústria e Tecnologia	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Novos veículos elétricos.</li> <li>● Desenvolvimento dos biomateriais, da bioenergia e de outras indústrias, para aumentar a bioeconomia em tamanho e força.</li> <li>● Energia de hidrogênio e armazenamento de energia.</li> <li>● A energia e a segurança industrial, requer a coordenação política para alcançar avanços em áreas prioritárias.</li> </ul>
Investimentos no Setor Energético	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Na transmissão de energia e gás e transporte ao longo da costa, rios e zonas fronteiriças.</li> <li>● O desenvolvimento de energia hidroelétrica no curso inferior do rio Yarlung Zangb.</li> <li>● Investimentos no setor energético visando aumentar a produção doméstica e as linhas de transmissão.</li> <li>● Melhorar o desenvolvimento energético e o layout dos transportes.</li> </ul>
Eficiência dos Recursos Energética	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Implementação de políticas para melhorar a eficiência energética em todos os setores da economia.</li> <li>● Promoção de tecnologias de economia de energia e incentivos para sua adoção.</li> <li>● Conscientização do público sobre a importância da eficiência energética e adoção de hábitos de consumo consciente.</li> <li>● Aumentar a eficiência do uso de energia em campos emergentes, como 5G e grandes centros de dados.</li> </ul>

Energias Renováveis- Construindo um Sistema Energético Moderno	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Aumentar vigorosamente a escala da energia eólica e da geração de energia fotovoltaica</li> <li>● Construir uma série de bases de energia limpa com desenvolvimento energético integrado</li> <li>● Descarbonizar o setor de energia.</li> <li>● Aumentar a proporção de energia não fósseis no consumo total de energia para cerca de 20%.</li> </ul>
Energia e as Alterações Climáticas	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Foco no controle do consumo de energia fóssil.</li> <li>● Promoveremos o uso de energia limpa, com baixo teor de carbono, seguro e eficiente.</li> <li>● Desenvolvimento verde e implementar políticas fiscais conducentes à conservação de energia, à protecção ambiental e à utilização abrangente dos recursos.</li> </ul>
Governança Ambiental e Regulamentação	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Participação ativa em fóruns internacionais e organizações energéticas para promover a segurança energética global.</li> <li>● Conservação de energia e redução de emissões de poluentes, metas obrigatórias de protecção ambiental.</li> <li>● Melhorar a complementaridade do sistema energético e as capacidades de regulação inteligente</li> </ul>
Segurança energética	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Aumentar a capacidade de fornecimento sustentável e estável de energia e de gestão e controle de riscos, visando garantir que o abastecimento básico de carvão seja seguro, que a principal procura de petróleo e gás seja satisfeita pelo abastecimento interno e que o abastecimento de energia seja estável e confiável</li> <li>● Ter um sistema de gestão e controle de emergências energéticas para garantir o fornecimento de energia elétrica às principais cidades e utilizadores.</li> <li>● proteger melhor as principais instalações e redes energéticas.</li> </ul>

Fonte: Elaborado pela própria autora baseado no 14º Plano Quinquenal (2021-2015).

A partir desta seleção de temas, é possível visualizar que a China está caminhando para uma transição energética, direcionando seus esforços para a ampliação do uso de energias renováveis. O 14º Plano Quinquenal Chinês (2021-2025) estabelece metas para aumentar a

proporção de energia não fósseis no consumo total de energia para cerca de 20%. O plano inclui ações para promover a energia eólica e a geração de energia fotovoltaica em grande escala, além de construir bases de energia limpa com desenvolvimento energético integrado (Ungaretti, 2021).

O desenvolvimento de tecnologias como a energia de hidrogênio e o armazenamento de energia também estão em foco, com o objetivo de criar um sistema energético moderno e sustentável. Além disso, o governo chinês está investindo na bioeconomia, promovendo o desenvolvimento de biomateriais e bioenergia para fortalecer essas indústrias emergentes. A implementação dessas políticas visa não apenas reduzir a dependência de combustíveis fósseis, mas também promover o uso de energia limpa, com baixo teor de carbono, segura e eficiente (Su, Tan, 2023).

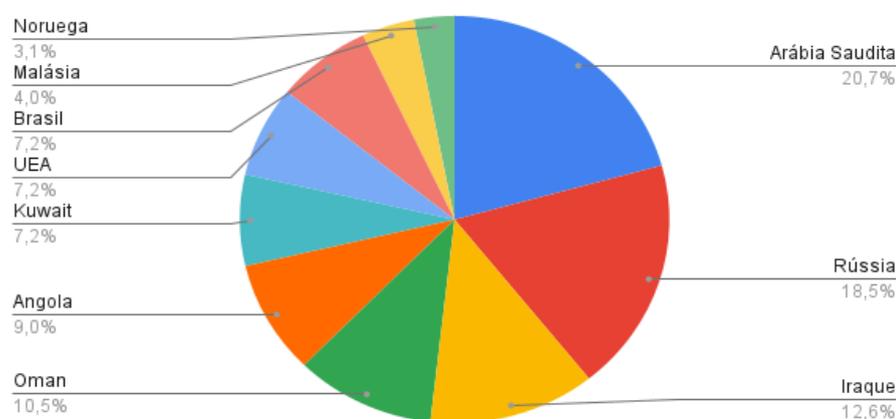
Apesar desses esforços, a China ainda enfrenta desafios significativos na redução do uso de combustíveis fósseis, particularmente no que diz respeito ao petróleo (Bloch, Rafiq, Salim, 2015). Embora o país esteja comprometido com o desenvolvimento sustentável e a descarbonização de seu setor energético, o consumo de petróleo ainda não atingiu seu pico (Li et al., 2022). Segundo Shan (2023), a previsão é de que até o final desta década o país atinja o pico de consumo de petróleo e posteriormente, passará por declínio a longo prazo, à medida que o país prossegue ativamente a transição energética (Wang, 2010).

Nos próximos anos, o petróleo continuará sendo uma fonte energética importante para a China, necessitando de estratégias robustas de diversificação de fontes de abastecimento e cooperação internacional (Shan, 2023). A ampliação da infraestrutura de armazenamento estratégico e a melhoria da eficiência energética em todos os setores são medidas essenciais para garantir a segurança energética do país durante essa transição.

Assim, enquanto a China avança em direção a um futuro mais verde, o petróleo permanecerá um componente crucial de sua matriz energética, exigindo um equilíbrio entre as metas de sustentabilidade e as necessidades energéticas imediatas. Dado que o petróleo continuará sendo importante pelo menos por mais duas décadas, abaixo estão os principais fornecedores de petróleo para a China em 2021.

**Gráfico 4:** Os 10 principais fornecedores de petróleo bruto para a China em 2021

### Os 10 principais fornecedores de petróleo bruto para a China em 2021



Fonte: Elaborado pela própria autora baseado em Statista (2024).

A fim de manter o abastecimento de petróleo, a China realiza investimentos no setor petrolífero, coordenados pelo governo central como parte de uma estratégia geopolítica para contornar possíveis riscos de interrupção no abastecimento (Wolfe, Tessman, 2012). Esses investimentos são desenvolvidos com o objetivo de garantir um fornecimento estável e seguro de petróleo, fundamental para sustentar o crescimento econômico contínuo do país (Wu, 2014). A centralização dessas iniciativas permite ao governo chinês alinhar os interesses econômicos e energéticos com sua política externa, assegurando que o país esteja melhor preparado para enfrentar quaisquer crises energéticas globais.

Para garantir o fornecimento de petróleo bruto, o país adota o *Strategic Hedging*, a teoria será pesquisada no terceiro capítulo desta dissertação, o SH transcende a tradicional diversificação de fornecedores. Embora a diversificação seja fundamental, a China busca parcerias estratégicas com países exportadores de petróleo, como Arábia Saudita, Rússia e Iraque, como mostra o gráfico 4 (Tessman, Wolfe, 2011; Goh, 2005). O comportamento *hedge* vai além da diversificação tradicional, incorporando ferramentas financeiras, políticas, militares e diplomáticas para garantir o acesso confiável e acessível ao petróleo bruto, um recurso vital para o desenvolvimento socioeconômico do país (Tunsjø, 2010).

A *Belt and Road Initiative* (BRI), anunciada pelo líder chinês Xi Jinping em 2013 (Ayoama, 2016), visa fortalecer a cooperação com várias regiões do mundo, incluindo Ásia, Europa, Norte da África e, recentemente, América Latina, por meio da diplomacia econômica (Sidaway et. al., 2020). A BRI é implementada por Pequim como uma iniciativa "guarda-chuva", abrangendo uma série de projetos de infraestrutura terrestre e marítima, além

de diversos acordos bilaterais de comércio. Esse projeto se tornou peça fundamental para a política externa chinesa, servindo como uma estratégia de soft power para gerar influência econômica e política em ambientes estrangeiros de interesse do governo chinês (Pautasso, Ungaretti, 2016; Loiola, Leite, Spellman, 2023).

Arábia Saudita assume um papel crucial na BRI, devido à sua localização estratégica no Golfo Pérsico, reservas de petróleo e influência no mundo árabe ( Nakov, Nuno, 2013). A parceria entre China e Arábia Saudita se intensificou nos últimos anos (Fulton, 2020) . Em 2021, a Arábia Saudita se destacou como o principal fornecedor de petróleo para a China, reforçando uma relação de interdependência crucial entre ambos os países (Statista, 2024).

A abundância de recursos naturais e a localização estratégica da Arábia Saudita despertam grande interesse por parte da China, que depende fortemente das importações de petróleo para sustentar seu crescimento econômico e industrial ( Kaplan, 2013; Fulton, 2020). A capacidade saudita de fornecer petróleo de maneira estável e confiável torna o reino um parceiro indispensável para atender à demanda energética chinesa, que é a maior do mundo (Al-Tamini, 2013).

Nos últimos anos, a China tem buscado estreitar laços com a Arábia Saudita não apenas no setor energético, mas também como investidora em infraestrutura, comunicação e na transição energética para fontes limpas. Reconhecendo que o petróleo é um recurso finito, a China apoia o projeto Vision 2030 do governo saudita, que visa diversificar a economia saudita e reduzir sua dependência do petróleo (Chen, Shu, Wen, 2018; Vision 2030, 2022). Esse apoio se traduz em investimentos e colaborações que promovem inovação e sustentabilidade. No próximo capítulo, explorar-se-ão as relações entre a China e a Arábia Saudita, examinando como esses vínculos moldam suas políticas e estratégias de desenvolvimento mútuo.

Embora o país esteja investindo significativamente em fontes de energia renováveis e alternativas, como energia hidrelétrica, solar e nuclear, a transição para uma matriz energética mais limpa é um desafio complexo. A predominância de combustíveis fósseis reflete a rápida industrialização e urbanização da China, que impulsionaram a demanda energética a níveis elevados. Esta dependência contínua de energia fóssil importada tem implicações geopolíticas e ambientais para a segurança energética do país (Wu, 2014).

### 3. Relações Sino-Sauditas: Cooperação Econômica e Estratégica

As relações diplomáticas entre a China e a Arábia Saudita foram estabelecidas em julho de 1990, e desde então os países se tornaram importantes parceiros econômicos (Al-Tamimi, 2012; Fulton, 2020). Antes de 1990, as interações entre os dois países foram escassas e caracterizadas pelo distanciamento, motivado principalmente pelas diferenças ideológicas que surgiram em meio à Guerra Fria (1946-1991) (Brooks, Wohlforth, 2000).

O Reino da Arábia Saudita, unificado em 1932, alinou-se aos Estados Unidos em uma relação estratégica marcada pelo petróleo, consolidando uma postura pró-Occidente e anti-comunista (Nevo, 1998). Já a República Popular da China, estabelecida em 1949, inicialmente ao lado da União Soviética, promoveu uma política socialista que era vista com receio pelas monarquias do Oriente Médio, incluindo a Arábia Saudita (Roman, Dresch, 2017).

As relações entre a China e a Arábia Saudita podem ser divididas em três momentos. No primeiro momento, compreendido pelo intervalo entre 1949 a 1990, os países não mantiveram relações diplomáticas oficiais e a Arábia Saudita reconhecia o governo de Taiwan como representante legítimo da China. No contexto da polarização da Guerra Fria (1946-1991), esses fatores resultaram em quatro décadas sem relações diplomáticas oficiais entre os dois países, com raras tentativas de cooperação (Baer, 2022).

O segundo momento inicia-se em 1990, quando os países estabeleceram oficialmente relações diplomáticas. Esse passo foi motivado por mudanças no cenário geopolítico global e pelo crescente interesse de ambos em cooperação econômica, especialmente nas áreas de energia e comércio, com a China se tornando anos depois um dos principais consumidores de petróleo saudita (Brooks, Wohlforth, 2000).

O terceiro momento tem início após 2013, com o lançamento da *Belt and Road Initiative* (BRI) pela China, que inaugura uma nova era nas relações sino-saudistas. Através da BRI, a China aprofundar seus laços econômicos e estratégicos com a Arábia Saudita, investindo em infraestrutura e promovendo uma parceria que vai além do comércio de petróleo, abrangendo áreas como tecnologia, logística e desenvolvimento sustentável, consolidando uma relação de crescente interdependência e cooperação estratégica entre os dois países (Fulton, 2020).

Este capítulo tem como foco as relações entre a China e a Arábia Saudita no período após o lançamento da Belt and Road Initiative (BRI) em 2013. O objetivo é analisar como essas relações evoluíram no setor petrolífero, culminando no fato da Arábia Saudita ser o principal fornecedor de petróleo para a China em 2021 (gráfico 4). Além disso, o capítulo explora como

a BRI contribuiu para consolidar uma parceria estratégica entre os dois países, que vai além do comércio de petróleo e abrange áreas fundamentais como infraestrutura, tecnologia e desenvolvimento sustentável. A análise destaca os mecanismos e os marcos dessa cooperação, evidenciando o papel da BRI na construção de um relacionamento multifacetado entre as duas nações.

Para isso, é utilizada a metodologia do Estudo de Caso (EC), visto que, no Capítulo 1, foram apresentadas as necessidades energéticas da China e seus principais parceiros no setor petrolífero. Este capítulo, por sua vez, avança para uma análise mais detalhada das especificidades presentes nas relações entre China e Arábia Saudita, o foco específico escolhido para a investigação. Essa abordagem permite compreender em profundidade os aspectos únicos dessa parceria estratégica, considerando tanto suas dimensões econômicas quanto suas implicações geopolíticas.

Para fortalecer o rigor metodológico da análise, é aplicado o método de *process tracing*, que permite identificar e examinar os mecanismos causais que sustentam a evolução dessa relação ao longo do tempo. O *process tracing* permite um exame detalhado das relações sino-sauditas no setor petrolífero, partindo do fato de que, em 2021, a Arábia Saudita foi o maior fornecedor de petróleo para a China, como mostra o gráfico 4.

Essa abordagem possibilita uma compreensão das dinâmicas que sustentam a crescente interdependência e cooperação estratégica entre os dois países, fornecendo *insights* sobre os fatores que impulsionam essa parceria além do comércio de petróleo e fortalecem os laços econômicos e estratégicos no contexto da BRI.

Este capítulo está estruturado em três partes principais. A primeira parte descreve a metodologia de *process tracing* e detalha como essa abordagem será aplicada no Estudo de Caso (EC) sobre as relações entre China e Arábia Saudita. Nessa seção, a metodologia é contextualizada para destacar seu papel na identificação dos processos causais e na análise da interdependência entre os dois países.

A segunda parte deste estudo concentra-se nos eventos que antecederam o período delimitado para o *process tracing* (2013-2021). Esses eventos também são considerados importantes para compreender as dinâmicas estruturais e históricas que moldaram o desenvolvimento das relações sino-sauditas, fornecendo um contexto essencial para a análise.

A terceira parte, por sua vez, apresenta uma descrição detalhada dos eventos-chave, que contribuíram significativamente para que a Arábia Saudita se tornasse o principal fornecedor de petróleo para a China em 2021 (Gráfico 4). Essa seção oferece uma visão cronológica dos

acontecimentos que influenciaram a evolução dessa relação estratégica, destacando os marcos que pavimentaram o caminho para a cooperação energética entre as duas nações.

### **3.1. Metodologia: Estudo de Caso e *Process Tracing***

Primeiramente, antes de compreender o papel do *process tracing* nesta pesquisa, é necessário entender a importância do estudo de caso nas Relações Internacionais (RI). Nas RI, as questões são caracterizadas por grande complexidade e exigem uma análise cuidadosa das variáveis estruturais e sistêmicas, bem como das interações entre diferentes atores no cenário global (Vennesson, 2008; Henriques, Leite, Júnior, 2015).

Henriques, Leite e Junior (2015) fazem uma analogia que ilustra bem essa abordagem: eles comparam o estudo das relações internacionais a uma floresta, onde cada árvore representa a especificidade, enquanto a floresta representa a totalidade. O Estudo de Caso, então, prioriza o exame em profundidade de uma "árvore" particular, permitindo uma análise detalhada e específica dentro de um cenário mais amplo.

No caso desta pesquisa, o EC é as relações entre China e Arábia Saudita no setor petrolífero, um tema que envolve interesses econômicos e geopolíticos. Para fortalecer a análise do EC e assegurar um rigor metodológico, adota-se o *process tracing*, que permite uma compreensão sequencial e causal das ações e dos processos que moldam essa relação ao longo do tempo (Waldner, 2012).

O *process tracing* é uma ferramenta essencial de análise qualitativa, definida como o exame sistemático de evidências selecionadas e analisadas à luz de um fenômeno selecionado pelo investigador (Collier, 2011). Ao focar no rastreamento de processos, o método permite uma contribuição decisiva tanto para a descrição de questões políticas e sociais quanto para a avaliação de discussões causais (Cunha, Araújo, 2018).

O método se destaca em pesquisas nas ciências sociais pela capacidade de exploração e compreensão específicas e dinâmicas, que geralmente envolve múltiplas causas e contextos (Ragin, 1994). A metodologia atende a uma necessidade central das pesquisas sociais: investigar especificidades sociais de relevância e significância, seja pela sua sistematicidade, objetividade, verificabilidade (King; Keohane; Verba, 1994).

O Estudo de Caso (EC) aliado com o *process tracing*, que busca explicar características específicas ao considerar as especificidades e os detalhes contextuais. Assim, o *process tracing* permite apenas compreender o "como" e o "porquê" de certas características e

também favorece a identificação de padrões e causalidades que poderiam passar despercebidos em abordagens menos aprofundadas (Cunha, Araújo, 2018).

Para aplicar o *process tracing* neste Estudo de Caso, o objetivo é analisar como a Arábia Saudita se tornou o maior fornecedor de petróleo para a China em 2021, considerando o período entre 2013 e 2021. Durante esse intervalo, serão examinados os principais eventos (variáveis) que moldaram as relações sino-sauditas no mercado petrolífero, como visitas diplomáticas, acordos de cooperação e iniciativas conjuntas que culminaram no fenômeno final.

Nesta pesquisa, optou-se por utilizar o termo eventos em vez de variáveis, como a tradição empregada na teoria, devido à natureza do que se pretende analisar. A termo variáveis sugere algo que pode mudar ou variar ao longo do tempo, o que não corresponde à essência dos eventos neste caso, já que se trata de fatos históricos concretos e, portanto, não estão sujeitos a variações.

O processo analítico inicia-se com a identificação e coleta dos eventos, que serão organizados e analisados de forma cronológica e sistemática, com o objetivo de compreender como cada um deles contribuiu para o resultado final. Primeiramente, será conduzida a análise eventos que antecedem o período temporal delimitado para o *process tracing*, buscando entender como as relações entre a China e a Arábia Saudita foram se desenvolvendo, além de identificar os fatores externos que influenciam essa relação. Em seguida, será realizada a análise do período temporal do *process tracing*, entre 2013 e 2021, com foco nos eventos que marcaram as relações diplomáticas e o âmbito do mercado petrolífero entre a China e a Arábia Saudita.

### **3.2. As Bases Históricas das Relações entre China e Arábia Saudita (1990-2012)**

A análise dos eventos que antecedem o período delimitado para o *process tracing* (2013-2021) é fundamental para compreender as bases estruturais e históricas que moldaram as relações entre a China e a Arábia Saudita. Nesse sentido, é necessário entender como o crescimento econômico chinês, as mudanças no mercado energético global e as interações diplomáticas entre os dois países ao longo das décadas estabeleceram as premissas para as interações no período analisado. Este tópico busca, portanto, contextualizar as relações sino-sauditas, destacando os principais marcos históricos e estratégicos que pavimentaram o caminho para a cooperação entre os dois países no século XXI.

A construção do quadro 4 foi realizada com base em uma seleção de eventos históricos, econômicos e diplomáticos que antecedem o período delimitado para o *process*

*tracing* (2013-2021). A seleção se baseia em fontes acadêmicas e documentais reconhecidas, priorizando eventos com relevância direta para o desenvolvimento das relações entre a China e a Arábia Saudita, bem como para o contexto do mercado petrolífero e energético global. O objetivo do quadro é destacar as dinâmicas regionais, as decisões estratégicas, além de eventos externos estruturais que moldaram as interações sino-sauditas ao longo do tempo, fornecendo uma base para compreender os antecedentes e os condicionantes que influenciaram as relações entre os dois países no período aplicado.

**Quadro 4: Eventos Antecedentes - Bases Históricas das Relações China-Arábia Saudita (1990-2012)**

<b>Ano</b>	<b>Evento</b>	<b>Descrição</b>
<b>1990</b>	China e Arábia Saudita firmam relações diplomáticas	Em 21 de julho de 1990, o príncipe Bandar bin Sultan, embaixador da Arábia Saudita nos Estados Unidos, fez uma visita a Pequim com um acordo para estabelecer relações diplomáticas (Al-Timini, 2013).
<b>1990-1991</b>	A Guerra do Golfo.	A guerra sublinhou a vulnerabilidade dos países que dependiam do fornecimento de petróleo, incentivando os países a diversificar suas fontes e a busca fortalecer relações com parceiros no Oriente Médio, para que eventos como esses não prejudiquem a segurança energética dos países que dependem do petróleo da região (Lieber, 1992) .
<b>1999</b>	A primeira visita diplomática entre a Arábia Saudita e a República Popular da China (visita oficial)	A primeira visita diplomática entre a Arábia Saudita e a República Popular da China ocorreu em 1999, quando o secretário-geral do PCC, Jiang Zemin , visitou Riad, o que resultou na assinatura mútua do acordo de Cooperação Estratégica de Petróleo (Ministry of Foreign Affairs The People's Republic of China, 2024).
<b>Anos 2000</b>	Expansão da Saudi Aramco no Mercado Asiático	A Saudi Aramco passou a expandir suas operações no mercado asiático, incluindo investimentos em refinarias e instalações petroquímicas na China, como o projeto na província de Fujian (Kobayash, 2007; Kayani, Saleem, 2024).

<b>2001</b>	O ingresso da China na Organização Mundial do Comércio (OMC)	A entrada da China na OMC, consolidando sua posição como um ator importante do comércio internacional. O aumento do comércio internacional impulsiona as importações de petróleo pela China, fazendo com que a China fortaleça a sua relação com a Arábia Saudita (Ianchovichina, Martin, 2001).
<b>2001</b>	Após os ataques de 11 de setembro de 2001	As tensões regionais e as relações dos EUA e Oriente Médio em questões de segurança tornaram a China um parceiro mais atraente para a Arábia Saudita, devido à sua abordagem pragmática e focada no comércio, sem interferência nos assuntos internos (Simons, Tucker, 2007).
<b>2002</b>	Memorando de Entendimento sobre Cooperação Petrolífera entre o Governo da República Popular da China e o Governo do Reino da Arábia Saudita	Documento derivado do encontro do Vice-Ministro da Comissão Econômica e Comercial do Estado da República Popular da China, se encontrou com o Ministro do Petróleo e Recursos Minerais do Reino da Arábia Saudita em Riad em 30 de outubro de 1999. Ambos os lados expressaram sua disposição de estabelecer relações amigáveis e cooperativas de longo prazo no campo do petróleo (China, 2002).
<b>2004</b>	Acordo para a exploração de gás em Rub' al Khali	A Sinopec , a empresa petrolífera estatal da China, assinou um acordo para explorar gás em Rub' al Khali na Arábia Saudita (Klaus, 2004).
<b>2004</b>	Investimento saudita em instalação petroquímica na China.	A Saudi Aramco da Arábia Saudita investiu quase 1/3 dos US\$ 3 bilhões em fundos necessários para a construção de uma instalação petroquímica na província de Fujian , no sudeste da China , que está planejada para processar 8 milhões de toneladas de petróleo bruto saudita (Chen, Shu, Wen, 2018).
<b>2005</b>	Primeiro conjunto de negociações formais entre a China e a OPEP.	A República Popular da China e a Organização dos Países Exportadores de Petróleo ( OPEP ) realizaram seu primeiro conjunto de negociações formais (Al-Tamimi, 2012).

<b>2006</b>	O Rei Abdullah visita a China (visita oficial).	Em janeiro de 2006, o rei Abdullah foi o primeiro chefe de Estado saudita a visitar a China. O rei assinou cinco grandes acordos sobre cooperação energética. A visita também foi usada como uma forma de discutir acordos econômicos, fiscais e técnicos mais amplos, um acordo de treinamento vocacional, bem como finalizar um empréstimo de desenvolvimento urbano para o Banco de Desenvolvimento da Arábia Saudita na província chinesa de Xinjiang (Embassy of the RPC in the Kingdom of Saudi Arabia, 2006).
<b>2006</b>	Primeira visita de Hu Jintao à Arábia Saudita (visita oficial).	Em abril de 2006, Hu Jintao foi o segundo líder estrangeiro na história a quem foi concedida permissão para discursar no conselho legislativo da Arábia Saudita. Durante esse tempo, os dois líderes supostamente assinaram vários acordos sobre maior exploração de energia e colaboração em segurança (Tang, 2006).
<b>2006</b>	Política <i>Look east</i>	Depois de reivindicar o trono em 2005, o rei Abdullah adotou uma política comercial pró-asiática, "olhe para o leste", com mais da metade do petróleo saudita indo para a Ásia (Pant, 2006).
<b>2008</b>	Crise econômica de 2008	A crise financeira global desacelerou as economias ocidentais, enquanto a China manteve um crescimento econômico. A Arábia Saudita se voltou ainda mais para a China, que continuava a apresentar uma demanda crescente por energia (Salah, 2010).
<b>2009</b>	Segunda visita de Hu Jintao a Arábia Saudita (visita oficial).	Em fevereiro de 2009, Hu visitou a Arábia Saudita pela segunda vez. A viagem do presidente chinês teve mais a ver com fortalecer laços políticos do que garantir suprimentos de energia (Al-Jazeera, 2009)
<b>2009</b>	Construção de monotrilho em Meca por empresa chinesa.	A China Railway Company venceu uma licitação de US\$ 1,8 bilhão para construir um monotrilho em Meca como forma de ajudar no transporte de peregrinos (Schelden, 2020).

<b>Anos 2010</b>	Petróleo de xisto nos EUA.	A descoberta e exploração de reservas de gás de xisto nos Estados Unidos transformaram o mercado global de energia. A crescente autossuficiência energética dos EUA reduziu drasticamente sua dependência de petróleo importado, incluindo das exportações sauditas. Essa mudança influenciou a Arábia Saudita a procurar novos mercados, tornando a China um parceiro para as exportações de petróleo (Melikoglu, 2014).
<b>2012</b>	Acordo de cooperação nuclear.	Em 15 de janeiro de 2012, a China e a Arábia Saudita assinaram um acordo que significa maior cooperação nuclear. De acordo com a Arábia Saudita, o objetivo é "aumentar a cooperação entre os dois países no desenvolvimento e uso da energia atômica para fins pacíficos" (Burkhard, 2017).

Fonte: Elaborado pela própria autora.

O período entre 1985 e 1995 representou um ponto de inflexão no desenvolvimento econômico da China, com taxas médias de crescimento de 10,2% ao ano, de acordo com Medeiros (2012) e o Banco Mundial (2024). Esse avanço foi impulsionado pelas reformas econômicas lançadas por Deng Xiaoping em 1978, que abriram uma economia chinesa ao mercado internacional e transformaram o país em um dos maiores centros industriais do mundo.

A rápida expansão industrial e urbana resultante dessas mudanças representa significativamente a demanda por recursos energéticos, especialmente o petróleo. Nesse contexto, na década de 1990, desempenhou um papel estratégico ao preparar o terreno para um fortalecimento das relações econômicas e diplomáticas entre a China e os países exportadores de petróleo, com destaque para a Arábia Saudita. A necessidade crescente de fontes seguras e ampliadas de energia tornou-se um pilar das políticas externas chinesas.

O estabelecimento das relações diplomáticas sino-sauditas em 1990 foi uma decisão estratégica oficializada após a visita do príncipe Bandar bin Sultan a Pequim, onde um acordo para formalizar os laços foi selado (Al-Timini, 2013). A parceria representou o início de uma cooperação que visava não apenas interesses econômicos, mas também políticos, posicionando os dois países como aliados em um cenário global em transformação.

A Guerra do Golfo (1990-1991), embora não tenha ocorrido diretamente no âmbito das relações sino-sauditas, teve impactos sobre o mercado global de energia e na geopolítica do petróleo. O conflito evidenciou a vulnerabilidade dos países dependentes do petróleo

proveniente do Oriente Médio, expondo os riscos associados à instabilidade regional (Mork, 1994).

Esse cenário estimulou os principais importadores de energia a diversificarem suas fontes de abastecimento e a fortalecerem relações com parceiros mais estáveis, buscando mitigar os efeitos de crises futuras que pudessem comprometer a segurança energética global (Lieber, 1992; Yergin, 2014).

A primeira visita diplomática oficial entre a Arábia Saudita e a República Popular da China, ocorrida em 1999, marcou um ponto de inflexão nas relações entre os dois países. Durante a visita de Jiang Zemin, então secretário-geral do Partido Comunista da China, à capital saudita, Riad, foi firmado um Acordo de Cooperação Estratégica de Petróleo, simbolizando o início de uma parceria no campo energético (Ministry of Foreign Affairs The People's Republic of China, 2024).

O comprometimento de ambas as nações em desenvolver relações amigáveis e cooperativas de longo prazo no setor petrolífero, é um marco de importância considerando a crescente demanda energética da China e a busca da Arábia Saudita por diversificar seus mercados consumidores. O documento resultante desse entendimento foi publicado em 2002, consolidando a disposição mútua de aprofundar os laços e fortalecendo as bases para uma colaboração duradoura no setor energético (China, 2002).

Nesse contexto, nos anos 2000, a Saudi Aramco iniciou uma expansão no mercado asiático, investindo em refinarias e instalações petroquímicas na China, como o projeto de Fujian (Kobayash, 2007; Kayani, Saleem, 2024). Essa estratégia reforçou ainda mais os laços sino-sauditas e mostrou o compromisso da Arábia Saudita em atender à crescente demanda energética chinesa. Esses investimentos fortaleceram a interdependência econômica entre os dois países.

Os ataques de 11 de setembro de 2001 é outro evento que ocorreu fora do âmbito das relações sino-saudita, mas que impactou no relacionamento entre os dois países. Após os ataques, a imagem da Arábia Saudita nos Estados Unidos foi seriamente danificada por suas conexões com o terrorismo. O país era o lar de 15 dos 19 sequestradores, e mais de 100 cidadãos sauditas compunham a maior parte dos prisioneiros de guerra do Afeganistão detidos na base naval dos EUA na Baía de Guantánamo (Zhang, Benoit, 2004).

A percepção global do envolvimento saudita no financiamento de extremistas levou a um distanciamento gradual entre Riad e Washington (Ottaway, 2009). A China passa a emergir como um parceiro alternativo e atraente para os sauditas, oferecendo uma abordagem

pragmática focada no comércio, sem interferências nos assuntos internos dos países (Al-Tamimi, 2012; Fulton, 2020).

Nesse cenário, a política "Look East", lançada em 2005 pelo rei Abdullah, representa o início de uma mudança estratégica na política externa saudita. Nesse período, a Arábia Saudita já tinha mais da metade das exportações de petróleo saudita destinadas à Ásia, essa política reforçou os laços com potências asiáticas, como a China (Pant, 2006). Essa iniciativa foi impulsionada por fatores como o crescente interesse asiático em petróleo e a necessidade saudita de diversificar seus parceiros comerciais.

A crise financeira global de 2008 foi outro ponto de inflexão. Enquanto as economias ocidentais enfrentavam uma recessão, a China não sofreu tanto com os efeitos da crise, pois seu mercado interno passou a absorver uma parcela significativa da produção, consolidando-se como um mercado estratégico para o petróleo saudita (Schmidt, 2009).

Esse cenário evidenciou uma oportunidade para a Arábia Saudita fortalecer seus laços com a China, enquanto os Estados Unidos, sob a presidência de George W. Bush e posteriormente de Barack Obama a partir de 2009, concentravam suas atenções em questões domésticas. Entre os desafios enfrentados estavam a recuperação econômica, a crise imobiliária provocada pelo colapso do mercado de hipotecas, a regulação do setor financeiro e a necessidade de estímulos fiscais para evitar um colapso ainda maior da economia (Helleiner, 2011).

Na década de 2010, outro fator que alterou as dinâmicas do mercado global de energia foi a revolução da exploração de petróleo e gás de xisto nos Estados Unidos. Essa descoberta transformou o cenário energético mundial, permitindo que os EUA se tornassem cada vez mais autossuficientes no abastecimento energético (Melikoglu, 2014).

Os Estados Unidos diminuíram as compras de petróleo da Arábia Saudita, reduzindo a dependência pelos recursos energéticos do Oriente Médio (Statista, 2024). Este evento obrigou Riad a buscar novos compradores para o petróleo que anteriormente era destinado aos EUA (Rodhan, 2023). A China, com sua demanda energética crescente, tornou-se o foi um mercado alternativo para o petróleo saudita.

Essa mudança estrutural no mercado é ilustrada pelo declínio nas exportações de petróleo saudita para os EUA, conforme demonstrado no gráfico abaixo, e destaca como o panorama energético global influenciou a reorientação estratégica da Arábia Saudita.

**Gráfico 5:** Importações diárias de petróleo bruto dos EUA da Arábia Saudita 2013-2023 (em 1000 barris)



Fonte: Elaborado pela própria autora baseado em Statista (2024).

O período inicial das relações sino-sauditas, estabelecidas oficialmente em 1990, foi marcado por uma série de eventos estruturais e transformações globais que moldaram a trajetória dessa parceria. Este tópico explora as bases fundadoras dessa aliança estratégica, que se consolidou a partir de interesses econômicos convergentes.

Esse contexto inicial oferece uma base indispensável para compreender os eventos-chave do período do *process tracing* entre 2013 e 2021, próximo tópico. Durante esse intervalo, as interações sino-sauditas aprofundaram-se ainda mais, com a Arábia Saudita se adaptando às transformações no mercado energético global e a China solidificando sua posição como principal consumidor de petróleo saudita.

### 3.3 Cooperação Sino-Saudita: Energia, Comércio e Diversificação Econômica (2013-2021)

O marco temporal do *Process Tracing* de 2013 a 2021 foi escolhido por representar um período importante na evolução das relações sino-sauditas. Em 2013, a China lançou a *Belt and Road Initiative* (BRI), a iniciativa tem como objetivo conectar comercialmente e com projetos de infraestrutura as regiões da Europa, África e Ásia, e posteriormente também se expandiu para as Américas (Lim, 2016).

A localização geográfica da Arábia Saudita, no Oriente Médio, um ponto de convergência entre os continentes europeu, africano e asiático, fez do país um elemento para a consolidação da estratégia chinesa (Kaplan, 2013; Loiola, Leite, Spellman, 2023). A iniciativa BRI não só reforçou a cooperação econômica entre China e Arábia Saudita, mas também serviu como catalisador para o fortalecimento de parcerias em setores como energia, infraestrutura e investimentos estratégicos (Fulton, 2020).

O ano de 2021 marcou outro ponto alto nesse período, com a Arábia Saudita se destacando como o principal fornecedor de petróleo para a China, representando pouco mais de 20% do total importado pelo país asiático, como mostra o Gráfico 4 (Statista, 2024). Esse marco reflete a relevância da Arábia Saudita na segurança energética da China e sua posição como um parceiro confiável no fornecimento energético.

A relação entre China e Arábia Saudita foi moldada por eventos significativos, como o alinhamento entre a Belt and Road Initiative e a Vision 2030 da Arábia Saudita, além de investimentos estratégicos em refinarias, armazenamento de petróleo e mais recentemente acordos em energia renovável. O quadro abaixo período 2013-2021, portanto, evidencia o aprofundamento das relações sino-sauditas.

**Quadro 5: Eventos da Parceria Energética e Econômica: Relações Sino-Sauditas (2013-2021)**

Ano	Evento	Aspecto a Observar
2013	Lançamento da <i>Belt and Road Initiative</i> (BRI) pela China	A China lançou a BRI com o objetivo de criar uma vasta rede de comércio e infraestrutura conectando a Ásia, Europa, África e posteriormente a iniciativa se expandiu para países do continente americano (Sarker, 2018; Fulton, 2020).
2015	Participação Saudita no Fórum de Cooperação China-Estados Árabes (CASCF)	A Arábia Saudita participou ativamente da 6ª Reunião Ministerial do CASCF, em Pequim. Durante o evento, foram firmados compromissos para intensificar a cooperação em energia, comércio e investimentos, incluindo esforços para fortalecer o fornecimento de petróleo saudita para a China, enquanto Pequim apoiaria projetos de infraestrutura sauditas. Este encontro destacou o papel da Arábia Saudita como um fornecedor essencial de energia para a China e como um ator estratégico na BRI (BRICS, 2016).

<b>2016</b>	O presidente chinês Xi Jinping visitou a Arábia Saudita.	Em janeiro de 2016, Xi Jinping realizou uma visita oficial ao Reino Saudita. Durante o encontro, os dois países negociaram acordos que reforçaram a cooperação em energia e infraestrutura, pavimentando o caminho para uma parceria estratégica abrangente (MFA, 2016; BBC, 2016).
<b>2016</b>	Lançamento da Vision 2030	Em abril de 2015, foi lançada a Vision 2030 que é um programa governamental lançado pela Arábia Saudita que visa atingir a meta de maior diversificação econômica, social e cultural, de acordo com a visão do príncipe herdeiro saudita e primeiro-ministro Mohammed bin Salman (Nurunnabi, 2017)
<b>2016</b>	Visita do Príncipe Herdeiro Mohammed bin Salman à China	Em agosto de 2016, o Príncipe Herdeiro Mohammed bin Salman visitou Pequim, onde foram assinados 15 acordos e memorandos de entendimento, incluindo cooperação no setor energético. Essa visita reforçou a parceria estratégica entre os dois países, alinhando a Belt and Road Initiative (BRI) com a Vision 2030 da Arábia Saudita (Reuters, 2016; Zhang, 2016).
<b>2016</b>	Parceria Estratégica Abrangente Sino-Saudita	A formalização da Parceria Estratégica Abrangente consolidou compromissos energéticos e comerciais, fortalecendo a colaboração entre os dois países e promovendo a interconexão de suas respectivas estratégias nacionais, Vision 2030 e BRI (Fulton, 2020).
<b>2017</b>	Acordo de Investimento entre Saudi Aramco e PetroChina	Em março de 2017, a Saudi Aramco assinou um acordo com a PetroChina para investir em refinarias chinesas, fortalecendo a presença saudita no mercado de refino da China a fim de garantir um mercado estável para seu petróleo bruto (Reuters, 2017).
<b>2017</b>	Criação do Fundo de Investimento Conjunto Sino-Saudita	Criado em 2017, é uma iniciativa emblemática que demonstra uma convergência estratégica entre a China e a Arábia Saudita. Esse fundo foi estabelecido como parte de um amplo esforço para alinhar a Iniciativa Cinturão e Rota (BRI), da China, com o programa Visão 2030 da Arábia Saudita. Seu objetivo principal é financiar projetos que impulsionem a conectividade econômica, o desenvolvimento sustentável e a cooperação bilateral em setores estratégicos, como energia, infraestrutura e tecnologia (Chen, Han, 2019).

2019	Visita do Príncipe Herdeiro Mohammed bin Salman à China	Em fevereiro de 2019, o Príncipe Herdeiro realizou outra visita oficial à China, resultando na assinatura de 35 acordos econômicos avaliados em US\$ 28 bilhões, abrangendo setores como energia, petroquímica e mineração. Além disso, a Saudi Aramco assinou um acordo para construir uma refinaria e um complexo petroquímico no valor de US\$ 10 bilhões na província de Liaoning (Ashraf, 2020).
2020	Acordo para o Aumento do Armazenamento de Petróleo na China	A Saudi Aramco e a China assinaram um contrato que permitia à Arábia Saudita expandir sua capacidade de armazenamento de petróleo em instalações chinesas estratégicas. Esse acordo foi crucial para garantir suprimentos de petróleo saudita à China em períodos de volatilidade do mercado global, como o observado durante a pandemia de COVID-19 (Chen, 2021).
2021	Parceria em energia renovável e sustentabilidade	China e Arábia Saudita intensificaram cooperações em projetos de energia renovável, alinhados à Visão 2030 e ao compromisso chinês com a sustentabilidade, fortalecendo a interdependência em um momento de transição energética global (Alfehaid, Young, 2024; Kayani, Saleem, 2024)
2021	A Arábia se destaca como o principal fornecedor de petróleo para a China.	Em 2021, a Arábia Saudita se destacou como o principal fornecedor de petróleo para a China, reforçando uma relação de interdependência crucial entre ambos os países (Statista, 2024).

Fonte: Elaborado pela autora.

Os eventos listados no Quadro 5 têm como marco inicial o lançamento da Belt and Road Initiative (BRI) pela China, em 2013. Nesse contexto, a energia desempenha um papel fundamental para o desenvolvimento econômico e social, com a cooperação energética figurando como um dos pilares centrais da estratégia da BRI (Khan et al., 2021). Para atender às suas crescentes demandas energéticas e reduzir riscos econômicos, a China adotou como prioridade a diversificação de suas importações de petróleo. Essa abordagem é vista como um mecanismo para mitigar as flutuações dos preços do petróleo e lidar com possíveis emergências em um cenário de alta dependência dessa *commodity* (Xiaopeng et al., 2017).

Dentro desse cenário, a localização geoestratégica da Arábia Saudita a posiciona como uma peça-chave na execução da BRI, além de ter papel como potência regional no Oriente Médio (Mapa 1). Essa relação entre o comércio de importação de petróleo e os fatores

geoestratégicos é discutida por Huang (2009), que destacou a importância da geografia no comércio de petróleo, e por Wang (2006), que analisou a estrutura e os desafios enfrentados pela China nesse mercado. Esses autores sugerem estratégias como a comercialização, globalização e diversificação para melhorar a competitividade das empresas petrolíferas chinesas e garantir o fornecimento energético no longo prazo (Xiaopeng et al., 2017).

Dentro do contexto da BRI, os países participantes têm se consolidado como as principais fontes de importação de petróleo da China, com a Arábia Saudita ocupando uma posição de destaque. Essa interconexão estratégica reflete como fatores econômicos, geográficos e políticos moldaram a parceria sino-saudita, consolidando-a como um pilar fundamental da BRI (Xiaopeng et al., 2017; Fulton, 2020).

A China vem aproveitando as oportunidades estratégicas do BRI para buscar avanços como: construir estradas, fortalecer o comércio de petróleo entre os países e o relacionamento de interconexão, construir a rede de interconexão e multinível correspondente para alcançar diversificação, autonomia, equilíbrio e desenvolvimento sustentável de muitos países, promover a cooperação estratégica entre a China e os países da BRI para promover a cooperação internacional em energia (Sarker et. al., 2018).

Entretanto, apesar desses interesses mútuos, a presença dos Estados Unidos na região do Golfo Pérsico continua sendo significativa. Esse cenário exige que o relacionamento sino-saudita seja cuidadosamente administrado, de forma a evitar um confronto direto com Washington (Fulton, 2020).

Esta pesquisa parte do pressuposto de que a China adota uma estratégia baseada no *Strategic Hedging* para desenvolvimento de suas relações com a Arábia Saudita. Ao concentrar-se em objetivos econômicos e de desenvolvimento, alinhados tanto à *Belt and Road Initiative* (BRI) quanto à *Saudi Vision 2030*, a China busca aprofundar essa parceria estratégica com os sauditas, evitando antagonizar os Estados Unidos (EUA).

Essa estratégia vem se tornando evidente ao longo dos anos das relações sino-saudita. Em 2015, quando a Arábia Saudita participou ativamente da 6ª Reunião Ministerial do Fórum de Cooperação China-Estados Árabes (CASCF), realizada em Pequim (BRICS, 2016). Nesse evento, os dois países firmaram compromissos em áreas como energia, comércio e infraestrutura, destacando o aumento do fornecimento de petróleo saudita à China.

Essa interação consolidou a Arábia Saudita como uma parceira para a segurança energética chinesa, ao mesmo tempo em que os sauditas concretizam uma estratégia para atrair investimentos chineses para o reino. A teoria do SH explica esse movimento como parte de uma estratégia saudita para aumentar sua influência no sistema internacional, balanceando

parcerias econômicas com a China e sua tradicional parceria político e militar com os Estados Unidos (Tessman, Wolfe, 2011; Fulton, 2020).

Em janeiro de 2016, a visita do presidente chinês Xi Jinping à Arábia Saudita marcou um novo capítulo na intensificação das relações bilaterais. Durante a visita, os dois países negociaram acordos focados em energia e infraestrutura, formalizando uma "parceria estratégica abrangente" (BBC, 2016).

Esse evento evidenciou o crescente protagonismo da China na política energética do Oriente Médio, promovendo uma diversificação estratégica benéfica para ambas as partes. Para a Arábia Saudita, essa aproximação com Pequim representou um avanço dentro do *Strategic Hedging*, ampliando suas opções estratégicas em um momento em que os Estados Unidos começaram a reduzir sua dependência do petróleo do Oriente Médio (MFA, 2016).

A Vision 2030, lançada em abril de 2016, foi uma iniciativa da Arábia Saudita para diversificar sua economia e reduzir sua dependência do petróleo (Thompson, 2017). Alinhada à ambição chinesa da BRI, essa iniciativa abriu espaço para uma convergência estratégica entre os dois países. A Vision 2030 tornou-se um catalisador para atrair investimentos chineses em setores além da energia, como tecnologia e infraestrutura, permitindo à Arábia Saudita explorar múltiplas dimensões do *Strategic Hedging* ao buscar diversificação econômica e segurança estratégica (Saudi Arabia, 2016; Fulton, 2020).

O plano de desenvolvimento Saudi Vision 2030 reforça sua relevância como parceira da China, alinhando os objetivos estratégicos sauditas com as metas de diversificação e conectividade econômica promovidas pela BRI (Fulton, 2020). Para a Arábia Saudita, essa parceria não apenas diversifica seus parceiros econômicos, mas também fortalece sua presença global, integrando suas ambições nacionais aos esforços de cooperação internacional.

Em agosto de 2016, o Príncipe Herdeiro Mohammed bin Salman visitou Pequim, resultando na assinatura de 15 acordos e memorandos de entendimento, muitos relacionados ao setor energético. Essa visita destacou a interconexão entre a *Belt and Road Initiative* e a *Vision 2030*, reforçando a parceria estratégica sino-saudita (Reuters, 2016; Zhang, 2016).

Ainda em 2016, os dois países formalizaram sua parceria estratégica abrangente, consolidando compromissos energéticos e comerciais (Fulton, 2020). Essa parceria possibilitou que a China garantisse acesso ao petróleo saudita e que a Arábia Saudita acessasse financiamento e tecnologia chinesa. No contexto do *Strategic Hedging*, essa parceria permitiu à Arábia Saudita expandir e diversificar parcerias fora do eixo dos EUA, enquanto aproveitava o crescente papel da China no cenário global (Tessman, Wolfe, 2011).

Em março de 2017, a Saudi Aramco firmou um acordo com a PetroChina para investir em refinarias chinesas, garantindo um mercado estável para o petróleo saudita. Esse movimento estratégico demonstrou o compromisso saudita em fortalecer sua posição na cadeia de valor energética chinesa, ao mesmo tempo em que diversificava seus parceiros econômicos (Sen, 2017).

Em fevereiro de 2019, o Príncipe Herdeiro voltou à China, resultando na assinatura de 35 acordos avaliados em US\$ 28 bilhões, além de um projeto de refinaria e complexo petroquímico de US\$ 10 bilhões na província de Liaoning (World Bank, 2019). Essa visita reforçou os laços econômicos entre os dois países e demonstrou o esforço saudita de alinhar sua economia aos interesses da China. As importações de petróleo aumentaram significativamente, devido ao rápido desenvolvimento econômico da China. À medida que a demanda por petróleo aumentou, o processamento da refinaria de petróleo foi melhorando (Houghton, 2022).

Em 2021, a Arábia Saudita consolidou sua posição como o principal fornecedor de petróleo para a China, representando pouco mais de 20% do total importado (Statista, 2024; gráfico 4). Esse marco é o resultado de anos de cooperação estratégica e investimentos mútuos, culminando na interdependência econômica e energética entre os dois países. Esse desfecho evidencia o sucesso do SH saudita, que diversificou seus mercados de exportação de petróleo, fortalecendo sua segurança econômica e geopolítica em um mundo multipolar.

Os eventos narrados são fundamentais para a construção do processo de *process tracing*, pois delineiam um conjunto de ações e decisões que evidenciam a interação entre as políticas externas da China e da Arábia Saudita. Cada evento, desde o lançamento da BRI em 2013 até os acordos bilaterais de 2021, ilustra como fatores econômicos, políticos e estratégicos se entrelaçam para formar uma relação de cooperação e interdependência entre os dois países.

Esses eventos formam a base para o entendimento dos mecanismos de interação entre os dois países e ajudam a construir uma narrativa coerente sobre a dinâmica de poder e cooperação no Oriente Médio, a partir de uma perspectiva temporal e causal.

A análise desses marcos permite traçar a evolução da parceria sino-saudita e compreender como as estratégias de *Strategic Hedging* (SH) e diversificação econômica foram aplicadas pela Arábia Saudita para proteger seus interesses em um cenário global complexo. Além disso, as visitas de líderes e os acordos subsequentes mostram como a Arábia Saudita ajustou sua política externa e suas alianças aproveitando as oportunidades criadas pela crescente importância da China no mercado energético global.

Ao longo deste capítulo, as relações entre China e Arábia Saudita foram utilizadas como um exemplo da aplicação da teoria do SH. Através dessa análise, foi possível observar

como a Arábia Saudita, ao ampliar sua parceria com a China, buscou garantir investimentos estratégicos de longo prazo, ao mesmo tempo em que manteve um relacionamento paralelo com os Estados Unidos, refletindo a complexidade de sua posição no sistema internacional.

Este capítulo preparou o terreno para a exploração mais aprofundada da teoria do SH, o que será feito no próximo capítulo. No próximo capítulo, as premissas fundamentais e os principais teóricos dessa teoria serão discutidos, proporcionando um embasamento teórico para entender os movimentos estratégicos da Arábia Saudita nesse período e as implicações dessa abordagem para a sua política externa e segurança energética.

#### 4. *Strategic Hedging*: Uma Abordagem para a Análise das Relações Internacionais

O *Strategic Hedging* (SH), inicialmente concebido como uma teoria de gestão financeira de riscos, evoluiu para uma abordagem estrutural no campo das Relações Internacionais (RI) (Mello & Parsons, 1999). Essa perspectiva tem sido amplamente utilizada para compreender o comportamento dos Estados no período pós-Guerra Fria (1947-1991) (Tessman & Wolfe, 2011). Neste capítulo, serão exploradas as bases teóricas dessa abordagem, com o objetivo de fundamentar a análise das relações sino-sauditas no capítulo seguinte.

A relevância do *Strategic Hedging* reside na sua capacidade de preencher lacunas deixadas por abordagens tradicionais das RI, como a balança de poder, *bandwagoning* e neutralidade, que se tornaram insuficientes para lidar com a complexidade das dinâmicas contemporâneas (Waltz, 1979; Mearsheimer, 1994; Goh, 2005; Salman & Geeraerts, 2015; Ciorciari & Haacke, 2019).

As primeiras análises e aplicação do SH nas RI concentram-se em avaliar a relação dos Estados da Ásia-Pacífico com os EUA, considerado líder do sistema, e a ascensão chinesa, posteriormente, posteriormente o SH foi utilizado para compreender e analisar outros atores estatais, como Oriente Médio e Europa (Ciorciari & Haacke, 2019).

O *Strategic Hedging* quando utilizado nas RI trata de potências em ascensão perseguem seus interesses econômicos e militares, evitam o confronto com o líder do sistema e auxiliam os estados com os possíveis riscos ou ameaças à segurança (Haacke, 2019; Ciorciari & Haacke, 2019). Como abordado no capítulo 2 nas relações entre China e Arábia Saudita, essa dinâmica ilustra a aplicação prática do SH como uma estratégia de balanceamento e adaptação a um sistema internacional multipolar e competitivo.

Este capítulo tem como objetivo analisar a construção teórica do *Strategic hedging* através de três trabalhos realizados pelos seguintes pesquisadores (e seus respectivos artigos), Evelyn Goh (2005), Evans Medeiros (2005), Brock Tessman e Wojtek Wolfe (2011). Considerando o SH, uma teoria que busca explicar a competição entre os Estados no período pós-Guerra Fria e com os estados de segunda linha<sup>1</sup> usam o SH no sistema unipolar. Vale ressaltar, que o *Strategic Hedging* não ocorre exclusivamente em sistemas unipolares, mas essa condição torna o ambiente mais propício para a aplicação do SH (Tessman & Wolfe, 2011).

---

<sup>1</sup> Os Estados de segunda linha são países que desempenham um papel importante no sistema internacional, possuindo influência e relevância significativas, embora não alcancem o mesmo nível de poder ou status do líder do sistema, atualmente ocupado pelos Estados Unidos, de acordo com a teoria. Esses países geralmente têm economias sólidas, capacidade militar significativa e/ou posições geográficas estratégicas, como China, Índia, Rússia, Arábia Saudita.

#### 4.1-Metodologia

A metodologia empregada neste capítulo envolve uma seleção de conceitos e aplicações do SH, realizado através da coleta de dezenove artigos relacionados ao tema. O processo de coleta foi conduzido por meio dos seguintes critérios: o ano de publicação, o tema de pesquisa de cada estudo, o periódico de publicação e quais foram as principais bases teóricas utilizadas (Quadro 1). A seleção dos artigos buscou na literatura acadêmica bases confiáveis e relevantes que abordassem o SH no contexto das Relações Internacionais.

Durante a análise, foram identificados três trabalhos essenciais que desempenham um papel central na construção teórica do SH. Por intermédio da análise realizada nos dezenove artigos, constatou-se que os três artigos servem como referência e base teórica do SH. E como esse artigo objetiva analisar a construção teórica do SH, os três artigos serviram de base de análise. Vale ressaltar, que nos dezenove artigos analisados, os três trabalhos-chaves não são incorporados de forma simultânea, mas pelo menos um dos trabalhos-chaves foi utilizado como referência.

**Quadro 6:** Artigos coletados trabalham com o *Strategic Hedging*.

Ano de publicação	Título do artigo	Temática	Autoria	Periódico	Principais referências
2010	<i>Hedging Against Oil Dependency: New Perspectives on China's Energy Security Policy</i>	China; Petróleo; Segurança energética.	Øystein Tunsjø	<i>Sage Journals: International Relations</i>	Goh 2006/2007; Medeiros, 2005.
2013	<i>The Impact of Strategic Hedging on the Foreign Politics of Great Powers: The Case of Chinese Energy Strategy in the Middle East.</i>	Relações China-Oriente Médio; Segurança energética; Produção de petróleo no	Mohammad Salman e Gustaaf Geeraerts	<i>China Goes Global 2013</i>	Medeiros, 2005; Tessman & Wolfe 2011; Tessman, 2012; Wolfe, 2013.

		Oriente Médio.			
2014	<i>Power, trust, and network complexity: three logics of hedging in Asian security</i>	Ásia-Pacífico segurança; EUA; China.	Van Jackson	<i>International Relations of the Asia-Pacific</i>	Goh, 2005/2007; Tessman & Wolfe, 2011.
2014	<i>Measuring Strategic Hedging</i>	Desenvolvimento teórico.	Mohammad Salman e Gustaaf Geeraerts	<i>The American Political Science Association Annual Meeting 2014</i>	Tessman & Wolfe 2011; Tessman, 2012; Wolfe, 2013.
2015	<i>Strategic Hedging and Balancing Model under the Unipolarity</i>	Desenvolvimento teórico.	Mohammad Salman e Gustaaf Geeraerts	<i>Midwest Political Science Association 2015</i>	Goh, 2005/2006/2007; Medeiros, 2005; Tessman & Wolfe 2011; Tessman, 2012.
2015	<i>Strategic hedging and China's economic policy in the Middle East</i>	Relações China-Oriente e Médio; Países de segunda linha; Segurança energética; Produção de petróleo no Oriente	Mohammad Salman e Gustaaf Geeraerts	<i>China Report</i>	Goh, 2005/2006/2007; Medeiros, 2005/2006; Tessman & Wolfe 2011; Tessman, 2012.

		Médio.			
2015	<i>Hedging in the Middle East and China-U.S. Competition</i>	Relações China-Orient e Médio; Relações EUA-Oriente Médio; Países de segunda linha.	Mohammad Salman; Moritz Pieper e Gustaaf Geeraerts	<i>Asian Politics &amp; Policy</i>	Goh, 2005/2006/2007; Medeiros, 2005/2006; Tessman & Wolfe 2011; Tessman, 2012.
2015	<i>Strategic Hedging Partnership: A New Framework for Analyzing Sino-Saudi Relations</i>	China; Países de segunda linha; Arábia Saudita.	Mordechai Chaziza	<i>Israel Journal of Foreign Affairs</i>	Goh, 2007; Tessman & Wolfe, 2011
2018	<i>The Concept of "Hedging" Revisited: The Case of Japan's Foreign Policy Strategy in East Asia's Power Shift</i>	Desenvolvimento teórico; Japão.	Kei Koga	<i>International Studies Review</i>	Goh, 2005/2006; Tessman & Wolfe, 2011
2018	<i>Russia in the South China Sea: Balancing and Hedging</i>	Rússia; China; Mar do Sul da China.	Alexander Korolev	<i>Foreign Policy Analysis</i>	Goh, 2006; Tessman & Wolfe, 2011; Tessman, 2012; Wolfe, 2013.
2018	<i>Strategic Hedging and Changes in Geopolitical</i>	Desenvolvimento teórico; Países de	Nikolas Vander Vennet e	<i>Chinese Political Science</i>	Tessman & Wolfe 2011; Tessman,

	<i>Capabilities for Second-Tier States</i>	segunda linha.	Mohammad Salman	<i>Review (2019)</i>	2012.
2019	<i>The concept of hedging and its application to Southeast Asia: a critique and a proposal for a modified conceptual and methodological framework</i>	Desenvolvimento teórico; China; Sudeste da Ásia; Países de segunda linha.	Jurgen Haacke	<i>International Relations of the Asia-Pacific</i>	Goh, 2005; Medeiros, 2005; Tessman & Wolfe 2011; Tessman, 2012.
2019	<i>Hedging in international relations: an introduction</i>	Desenvolvimento teórico.	John D. Ciorciari e Jurgen Haacke	<i>International Relations of the Asia-Pacific</i>	Goh, 2005; Medeiros, 2005; Tessman & Wolfe 2011; Tessman, 2012.
2019	<i>The Variable Effectiveness of Hedging Strategies</i>	Desenvolvimento teórico.	John D. Ciorciari	<i>International Relations of the Asia-Pacific</i>	Goh, 2005; Medeiros, 2005; Tessman & Wolfe 2011; Tessman, 2012.
2019	<i>Australia's strategic hedging in the Indo-Pacific: a 'third way' beyond either China or the US</i>	Austrália; China; Eua; Indo-Pacífico .	Lai-Ha Chan	<i>Australia-China Relations Institute Policy Paper</i>	Goh, 2005; Medeiros 2005.

2020	<i>China's "Belt and Road" Economic Diplomacy in the Persian Gulf: Strategic Hedging amidst Saudi-Iranian Regional Rivalry</i>	China; Belt and Road Initiative (BRI); Diplomacia econômica; Golfo Pérsico.	Jeremy Garlick e Radka Havlova	<i>Journal of Current Chinese Affairs 2020</i>	Medeiros, 2005; Tessman & Wolfe 2011; Tessman, 2012; Wolfe, 2013.
2020	<i>The Hedging Strategy of Small Arab Gulf States</i>	Pequenos Estados; Golfo Pérsico.	Sofie Hamdi e Mohammad Salman	<i>Asian Politics &amp; Policy</i>	Goh. 2005
2022	<i>Strong power to weak power strategic hedging in regional conflicts and China's involvement in the Saudi Arabia-Iran rivalry</i>	China; Rivalidade Arábia Saudita- Irã.	Tianqi Yin	<i>International Journal of Asian Social Science</i>	Goh, 2005; Medeiros, 2005; Tessman & Wolfe 2011.
2023	<i>Eu-China Relations: Exploring The Possibility Of Cognitive Dissonance</i>	China; União Europeia; Strategic Hedging.	Carlos Rodrigues	Universidade Autónoma de Lisboa-Dossiê temático-Relações União Europeia-China (Janus).	Goh, 2005

Fonte: Elaborado pela própria autora.

Com base no quadro acima foram selecionados três artigos, sendo considerados bases para o *Strategic Hedging* (SH). O primeiro deles é o de Evelyn Goh (2005), o SH é destacado

como uma estratégia de segurança seguida por pequenas e médias potências que desejam ter relações triangulares com a China e os EUA (Goh, 2005; Haacke, 2019).

O segundo trabalho-chave é o realizado por Evans Medeiros (2005); segundo esse autor, o SH refere-se ao comportamento de uma grande potência ou de uma potência em ascensão em um ambiente competitivo, dando meios para garantir uma maior cooperação entre as nações, enquanto adotam medidas de segurança para se manter seguro no sistema internacional (Medeiros, 2005; Tessman, 2012; Haacke, 2019). No terceiro artigo, escrito por Brock Tessman e Wojtek Wolfe (2011), os autores vêem o SH como uma forma dos Estados de segunda linha podem utilizar novos tipos de estratégias competitivas para lidar com as incertezas de um sistema unipolar (Quadro 2) (Tessman & Wolfe, 2011; Salman e Geeraerts, 2015; Ciorciari & Haacke, 2019).

**Quadro 7:** Os três principais conceitos de *Strategic Hedging* nas Relações Internacionais

<b>Teóricos</b>	<b>Conceito</b>
Evelyn Goh (2005)	O SH como uma estratégia de segurança seguida por pequenas e médias potências que desejam ter relações triangulares com a China e os EUA.
Evans Medeiros (2005)	O SH como uma estratégia mista de um governo que engaja em direção ao líder do sistema ou a uma potência em ascensão, tanto por meios diplomáticos quanto por meios econômicos e ao mesmo tempo adota medidas de segurança alternativas para se manter seguro.
Brock Tessman e Wojtek Wolfe (2011)	O SH como uma forma dos Estados lidar com as vulnerabilidades estratégicas e econômicas específicas, como a segurança energética e alimentar.

Fonte: Elaboração própria

Na primeira parte deste capítulo, será apresentada a teoria do *Strategic Hedging* a partir das perspectivas dos teóricos, Evelyn Goh, Evans Medeiros, Brock Tessman e Wojtek Wolfe, que contribuíram para o entendimento dessa abordagem nas Relações Internacionais. A exposição dessas perspectivas permite compreender as nuances e os fundamentos teóricos que sustentam a teoria.

Na segunda parte do capítulo, serão selecionadas as principais premissas derivadas dessas abordagens, as quais servirão de base para o capítulo seguinte. No capítulo seguinte, essas premissas serão aplicadas ao estudo de caso das relações sino-sauditas, analisando a maneira como a teoria do *Strategic Hedging* é utilizada para interpretar os movimentos estratégicos da China e Arábia Saudita, levando em consideração o contexto econômico e político global.

#### **4.2- O *Strategic Hedging* (SH) nas Teoria de Relações Internacionais (TRI)**

O *Strategic Hedging* (SH) é uma teoria que permite fazer análises das dinâmicas das Relações Internacionais, especialmente na interação de grandes potências e países em ascensão. Após ser feito um levantamento de artigos que abordam o SH, chegou-se ao resultado de três artigos-chaves que surgem como pilares fundamentais para compreender seus pressupostos, elementos construtivos e critérios que definem o SH. Esse tópico apresenta, os artigos de Evelyn Goh (2005), Evans Medeiros (2005) e Brock Tessman e Wojtek Wolfe (2011) proporcionam uma base para abordar e compreender a natureza e aplicação do SH nas RI.

##### **4.2.1- A Contribuição de Goh (2005) sobre o Comportamento *Hedge***

Evelyn Goh (2005) é uma das primeiras autoras que trouxe o *Strategic Hedging* para o âmbito das Relações Internacionais. Seu trabalho intitulado de "*Meeting the China Challenge: The U.S. in Southeast Asian Regional Security Strategies*" foi publicado pelo *East-West Center (Washington, D.C.), Policy Studies* em 2005. O artigo investiga a dinâmica da segurança regional no sudeste da Ásia, partindo do pressuposto que os Estados Unidos é um ator vital para a segurança da região e a ascensão da China está levando a uma transição de poder sistêmica, na qual os Estados do sudeste asiático terão que decidir entre o poder em ascensão (China) ou poder instituído (EUA) (Goh, 2005).

Para Goh (2005), o SH é definido como um conjunto de estratégias utilizadas pelos Estados quando não podem decidir por alternativas diretas, como balanceamento, *bandwagoning* ou neutralidade. Em vez disso, eles tomam uma posição intermediária, para evitar escolher um lado em detrimento do outro. A autora deixa claro que o SH não se refere a qualquer comportamento que se situe entre balanceamento e *bandwagoning* (Goh, 2005).

Inicialmente, Evelyn Goh (2005) distingue *hedge* de balanceamento e *bandwagoning*. A balança de poder na literatura de relações internacionais é um dos conceitos mais usados na política internacional, a ideia básica é reduzir o peso da balança mais pesada e aumentar o peso

da balança mais leve, ou seja criar uma força compensatória contra o poder hegemônico/ameaçador (Andersen, 2018; Giri, 2021). No sistema internacional há uma distribuição desigual de capacidades e isso poderia fazer com que os Estados mais poderosos engolissem os mais fracos, mas a balança de poder consegue criar métodos e mecanismo para que os Estados mais fracos sobrevivessem, assim os Estados mais fracos e mais fortes conseguem coexistir (Waltz, 1979).

Enquanto, o *bandwagoning* ocorre quando o Estado escolhe se alinhar com o poder ameaçador, com o objetivo de limitar a ameaça e se aproveitar das vantagens oferecidas pela nova distribuição de poder (Waltz, 1979). No artigo de Evelyn Goh (2005), o objeto de pesquisa é o sudeste da Ásia, os países da buscam uma política de engajamento<sup>2</sup> com a China através do desenvolvimento de laços políticos e econômicos mais estreitos, os atraindo para o sistema internacional e direcionando os líderes para tomadas de decisões mais pacíficas.

Segundo Goh (2005), ao contrário do *bandwagoning*, as políticas de engajamentos podem ser utilizadas ao mesmo tempo que as políticas de balanceamento e quando essa mistura ocorre, o SH é o termo mais correto para esse tipo de estratégia. Diante disso, a autora cita três elementos do SH, o primeiro envolve o balanceamento indireto, ou seja, o Estado *hedge* deve persuadir outras grandes potências, em principal os EUA, a agir como um contrapeso diante da influência regional chinesa.

O segundo elemento do comportamento *hedge* requer um complexo envolvimento da China nos níveis político, econômico e estratégico (políticas de engajamento), fazendo com que os líderes chineses sejam persuadidos a obedecer às normas internacionais, ou sejam, as políticas de engajamento podem ser entendidas como uma proteção para que a China não domine esses Estados de forma agressiva. O terceiro elemento é que o conjunto de políticas utilizadas pelo Estado *hedge* deve abranger ao máximo as potências regionais, dando a elas participação na construção de uma ordem estável. Seguindo esses três elementos, os Estados estão se protegendo contra três resultados indesejáveis: uma dominação chinesa da região, a retirada do poder norte-americano ou de uma ordem regional instável (Goh, 2005).

**Quadro 8:** Três elementos que compreendem o *strategic hedging*, segundo Evelyn Goh (2005)

Elemento 1	O Estado <i>hedge</i> deve persuadir outras grandes potências, em principal os EUA, a agir como um contrapeso diante da influência regional
------------	---

<sup>2</sup>Políticas de engajamento no *Strategic Hedging* refere-se à dimensão da estratégia na qual um estado busca estabelecer e fortalecer relações cooperativas com múltiplos atores internacionais, visando benefícios econômicos, políticos e de segurança. Trata-se de uma abordagem que envolve interações, como acordos comerciais, parcerias de investimento e cooperação diplomática, sem comprometer-se inteiramente com qualquer lado ou parceiro em particular.

	chinesa.
Elemento 2	O comportamento hedge requer um complexo envolvimento da China nos níveis político, econômico e estratégico (políticas de engajamento), fazendo com que os líderes chinês sejam persuadidos a obedecer às normas internacionais, ou sejam, as políticas de engajamento podem ser entendidas como uma proteção para que a China não domine esses Estados de forma agressiva.
Elemento 3	O conjunto de políticas utilizadas pelo Estado hedge deve abranger ao máximo as potências regionais, dando a elas participação na construção de uma ordem estável.

Fonte: Goh, 2005. Elaborado pela própria autora.

O SH para Goh (2005) refere-se a tomada de medidas para garantir a proteção contra resultados indesejáveis, geralmente apostando em posições alternativas. A autora aborda que as nações do sudeste asiático, empregam intencionalmente as estratégias de hedge para maximizar seus ganhos na cooperação com os EUA e a China. Na aplicabilidade do comportamento hedging, Goh (2005) utiliza os Estados do sudeste asiático que adotam uma série de estratégias hedge e que elas variam de Estado para Estados (Goh, 2005; Tessman & Wolfe, 2011).

Evelyn Goh (2005) em seu trabalho analisa os Estados do Sudeste Asiático e parte do ponto que os EUA exercem um papel garantidor da segurança diante da ascensão chinesa. Então Goh (2005) fundamenta em dois pontos principais. Em primeiro lugar, os pequenos e médio Estados do sudeste da Ásia em suas relações com China e EUA não utilizam nem o balanceamento nem o bandwagon, em vez disso o comportamento hedging englobando o balanceamento indireto (influenciando uma das potências a agir como um contrapeso) e um complexo envolvimento entre os Estado (Waltz, 1979; Mearsheimer, 2001; Goh 2005). Em segundo lugar, os países do sudeste asiático utilizam diferentes estratégias, mas ocorre uma semelhança entre os objetivos estratégicos, a ascensão da China requer um maior engajamento por parte dos EUA nos âmbitos político, econômico e militar (Goh, 2005),

Além dos novas ameaças a segurança impostos pela ascensão da China e após os ataques terrorista a New York e Washington em 11 de setembro de 2001 surgiu uma nova ameaça do terrorismo internacional (Abuza, 2002). E no sudeste asiático os Estados tiveram que administrar todas essas novas ameaças em conjunto (Goh, 2005). No caso de Singapura, após os ataques de 2001, as decisões dos líderes do governo passaram a ver o terrorismo e o

islã político como prioridades de segurança maiores do que a ameaça da ascensão da China, uma vez que o pequeno Estado está cercado por Estados de maioria muçulmana, Malásia e Indonésia, fazendo com que Singapura fortaleça sua parceira estratégica com os EUA (Abuza, 2002; Goh, 2005; Chanlett-Avery, 2008; Peng Er, 2021).

A Tailândia vê no crescimento econômico chinês oportunidade de crescimento no comércio bilateral, o governo tailandês enfatiza os efeitos positivos dos laços entre os dois países. Ao mesmo tempo, Bangkok está empenhada em manter os laços com os EUA, dando-lhes apoio político e militar na guerra contra o terrorismo (Goh, 2005; Hewison, 2018). No Vietnã, os ataques de 11 de setembro de 2001 não provocaram grandes mudanças estratégicas, o terrorismo não é uma questão que desperte grandes interesses de Hanoi. Enquanto que a China é uma preocupação estratégica dos líderes vietnamitas, a fronteira entre os países facilita a inserção do poder chinês sob o Vietnã (Goh, 2005; Tien, 2018).

Goh (2005), ao analisar os casos de Singapura, Tailândia e Vietnã, aponta que o *Strategic Hedging* leva esses Estados a se balancear em relação à China e aos EUA. Constatando que a Tailândia apresenta um forte comportamento hedging, mantendo relações estreitas com os EUA e a China e maximizando seus ganhos (Hewison, 2018). Enquanto, Singapura e Vietnã apresentam um fraco comportamento hedging, uma vez que Cingapura decidiu solidificar suas relações com Washington e se afastar de Pequim e o Vietnã acaba aprofundando suas relações com a China (Abuza, 2002; Goh, 2005; Tien, 2018; Chanlett-Avery, 2008; Peng Er, 2021).

Em resumo, o *hedging* para Goh (2005) refere-se a tomada de medidas para garantir a proteção contra resultados indesejáveis, geralmente apostando em posições alternativas. A autora aborda que as nações do sudeste asiático, empregam intencionalmente as estratégias de *hedge* para maximizar seus ganhos na cooperação com os EUA e a China. No tópico de aplicabilidade do comportamento *hedging*, será analisado como os Estados do sudeste asiático adotam uma série de estratégias *hedge* e que elas variam de Estado para Estados (Goh, 2005; Tessman & Wolfe, 2011).

#### **4.2.2- A Contribuição de Medeiros (2005) para o *Strategic Hedging* as Relações entre Grandes Potências**

A pesquisa de Evans Medeiros, publicada pelo *The Washington Quarterly* em 2005, com o título "*Strategic hedging and the future of Asia-pacific stability*". A publicação do artigo de Medeiros (2005) ocorre em um período próximo ao de Evelyn Goh (2005), mas

diferentemente de Goh (2005) trabalha com o SH empregado a pequenas e médias potências da Ásia, Medeiros (2005) enfatiza o comportamento *hedge* através de grandes potências ou de potências em ascensão, na qual é analisado as relações sino-estadunidense.

Para Medeiros (2005), China e EUA se protegem adotando políticas que por um lado enfatizam a integração e por outro enfatizam a balança de poder no modelo realista (Waltz, 1979; Andersen, 2018). De acordo com o autor, o SH adotado pelos chineses e norte-americanos poderia ser considerado uma manifestação das dinâmicas do dilema de segurança no mundo globalizado (Wivel, 2011). No entanto, o SH é repleto de complicações e perigos, uma vez que há uma interdependência entre os países, podendo precipitar uma mudança em direção a rivalidade ou causar uma instabilidade regional (Medeiros, 2005).

Segundo Medeiros (2005), desde o final da Guerra Fria, o sistema internacional está centrado nos Estados Unidos. No continente asiático, a potência americana possui várias parcerias bilaterais proporcionando estabilidade, segurança e apoiando o desenvolvimento econômico regional. Contudo, a arquitetura de segurança da Ásia está passando por transformações devido à ascensão da China e ao ressurgimento da Índia na ordem da região.

Nesse cenário, a maioria das nações do sudeste asiático estão adotando a postura de buscar ter relações tanto com a China quanto os Estados Unidos, gerando uma interdependência econômica e tecnológica entre os países. As complexas dinâmicas, fazendo com que os Estados necessitem gerenciar cuidadosamente suas ações no cenário internacional para não criar uma competição precipitada entre China e EUA (Medeiros, 2005).

O SH permite a Washington e Pequim manter laços econômicos e tecnológicos extensos de forma mútua, paralelamente os países conseguem abordar e gerenciar as incertezas e preocupações de segurança. Os EUA adotam o SH devido ao impacto que a ascensão da China causa na influência que os EUA detêm na região da Ásia, tendo a possibilidade de gerar uma instabilidade regional como um conflito em Taiwan. Medeiros (2005) apresenta a China como uma potência em ascensão que utiliza o SH impulsionada pela incerteza da sua segurança internacional provocada principalmente pelas relações sino-americanas.

Medeiros (2005) utiliza o SH no contexto das grandes potências para combater potenciais riscos em casos de incertezas do sistema internacional. Tendo como cenário as relações sino-americanas, o objetivo é evitar a escalada de tensões e a competição descontrolada entre China e EUA, em vez disso possibilitar a cooperação entre as nações para enfrentar desafios comuns e garantir a segurança e a estabilidade do sistema internacional (Medeiros, 2005).

#### 4.2.3- O *Strategic Hedging* como uma “Apólice de Seguro”: As Contribuições de Tessman e Wolfe (2011)

Brock Tessman e Wojtek Wolfe apresentam a construção teórica do *strategic hedging*, em um artigo intitulado de “*Great Powers and Strategic Hedging: The Case of Chinese Energy Security Strategy*”, publicado pela *International Studies Review* em 2011. O artigo é desenvolvido a partir de uma análise do caso chinês em relação à segurança energética, baseado no fato de que Pequim busca oportunidades no mercado internacional e precisa lidar com as incertezas do sistema internacional, para manter suas vias de importação de petróleo.

Para Tessman e Wolfe (2011), a teoria tradicional de balança de poder é considerada ineficiente para o caso da segurança energética chinesa. A balança de poder tem suas bases na teoria realista e está na estrutura do sistema internacional, onde se refere à distribuição de capacidades e recursos entre os Estados (Waltz, 1979; Mearsheimer, 2001). A teoria da balança de poder prevê que os Estados mais fracos se balanceiam contra o Estado mais forte, as diferenças de poder são consideradas uma ameaça à sobrevivência dos Estados mais fracos. No período pós- Guerra Fria, as expectativas da teoria de balança de poder não eram atendidas, a superioridade dos EUA levou o sistema internacional a unipolaridade (Tessman & Wolfe, 2011).

O SH é uma extensão estrutural da teoria tradicional de balança de poder, o SH abrange uma gama mais ampla de estratégias militares e não militares. Os autores partem do pressuposto que no sistema internacional os Estados buscam a maximização da sua segurança para que consigam sobreviver, considerando que o *strategic hedging* auxilia a competição entre Estados de segunda linha e os ajudam a lidar com as incertezas unipolaridade do sistema, como uma “apólice de seguro”, que serve para se proteger de duas possibilidades: as relações entre o Estado *hedge* e o líder do sistema se deteriorem a ponto de uma crise militarizada e/ou o líder do sistema suspenda o fornecimento de certos bens públicos ou subsídios diretos que o estado de hedge (Mearsheimer, 2001; Tessman & Wolfe, 2011).

Os estados de segunda linha através do *strategic hedging* melhoram sua posição diante do líder sistema, se venham a ocorrer mudanças estruturais no sistema internacional, podem permitir que eles desafiam o líder do sistema com mais chances de sucesso. Segundo Tessman e Wolfe (2011), os Estado de segundo nível normalmente se beneficiam de bens públicos ou subsídios diretos fornecidos pelo líder do sistema. Se o líder do sistema vê sua vantagem relativa decair à medida que sistema muda para a multipolaridade, ele pode suspender o fornecimento dos bens públicos ou subsídios diretos para o Estado de segunda linha, se for um

Estado com comportamento *hedging* provavelmente estará preparado para essa possibilidade com antecedência, ou seja, saber lidar com as incertezas e riscos do sistema internacional.

Tessman e Wolfe (2011), utilizam dois tipos de classificação de *strategic hedging*. O comportamento *hedging* tipo A, envolve a melhora da capacidade do Estado *hedge* de competir com o líder do sistema no contexto de competição interestatal militarizada, por meio do desenvolvimento de tecnologias militares, diversificação nas vias de importação de petróleo para caso vir a ocorrer bloqueio ou sanções econômicas o Estado esteja preparado e a criação de conexões diplomáticas que podem ser por meio de organizações internacionais voltadas para a segurança. A segunda classificação que os autores utilizam é o *hedging* tipo B, onde o Estado *hedge* desenvolve maneiras de compensar a perda de bens públicos ou subsídios diretos que são fornecidos pelo líder do sistema, através da procura de fornecedores alternativos ou que podem compensar por conta própria trabalhando para diminuir ou eliminar sua dependência com o líder do sistema.

Para ser considerado um caso de *Strategic Hedging*, Tessmann e Wolfe (2011) utiliza quatro critérios, se todos os critérios não forem atendidos não é um exemplo de *strategic hedging*. O primeiro é a melhora significativa nas capacidades competitivas do estado *hedge*, para sua proteção caso algum dia ele entre em confronto militar com o líder do sistema. O segundo critério é o evitar um confronto direto com o líder do sistema através da formação de uma aliança militar explícita voltada para o líder do sistema. O terceiro critério é a ser estratégico, em relação às políticas tomadas pelo estado deve ser comandada pelos altos níveis do governo e envolver temas de grande interesse nacional. E o quarto critério é que deve envolver custos domésticos e internacionais observáveis, não só no âmbito econômico, mas também diplomático.

**Quadro 9:** Critérios para ser considerado um Estado *hedge*

Critério 1	A melhora significativa nas capacidades competitivas do estado <i>hedge</i> , para sua proteção caso algum dia ele entre em confronto militar com o líder do sistema.
Critério 2	Evitar um confronto direto com o líder do sistema através da formação de uma aliança militar explícita voltada para o líder do sistema.

Critério 3	Ser estratégico, em relação às políticas tomadas pelo estado deve ser comandada pelos altos níveis do governo e envolver temas de grande interesse nacional.
Critério 4	O <i>strategic hedging</i> deve envolver custos domésticos e internacionais observáveis, não só no âmbito econômico, mas também diplomático.

Fonte: Tessman & Wolfe (2011). Elaboração própria.

O artigo de Tessman e Wolfe (2011) estrutura o *Strategic Hedging* e explica como os Estado de segunda linha podem utilizar novos tipos de estratégias competitivas sob as condições de um sistema unipolar. Ao apresentar os quatro critérios para ser considerado um Estado *hedge*, os autores demonstram os mecanismos de identificação para detectar casos de *hedging* (Salman & Geeraerts, 2015).

A análise apresentada por Tessman & Wolfe (2011) do caso chinês em relação a segurança energética, evidencia que a teoria tradicional de balanço de poder, fundamentada na estrutura realista, é insuficiente para explicar essa dinâmica. O SH emerge como uma extensão estrutural dessa teoria, concebida como um "apólice de seguro" em um sistema internacional marcado por incertezas.

Tessman e Wolfe (2011) categorizam o SH em dois tipos distintos: A e B. O tipo A, envolve a busca por melhoria militar, diversificação de fontes de recursos e desenvolvimento de alianças são características centrais. E o tipo B, envolve a procura por alternativas para compensar perdas de bens públicos e subsídios diretos que caracterizam o tipo B. No contexto da segurança energética da China, o SH desempenha um papel fundamental na formulação de políticas que visam assegurar o acesso a recursos vitais. Assim, a China adota as estratégias de *hedge*, não apenas para fortalecer sua posição militar, mas também busca garantir a continuidade do fornecimento de bens públicos, como segurança alimentar, energética e marítima.

O tópico seguinte realizará uma análise das três bases teóricas apresentadas, considerando as contribuições de Evelyn Goh (2005), Evans Medeiros (2005) e Brock Tessman e Wojtek Wolfe (2011) para o entendimento do conceito de *Strategic Hedging*. A partir dessa fundamentação teórica, foram selecionados três elementos centrais que servirão de base para a análise das relações entre China e Arábia Saudita no contexto da segurança energética. Esses elementos refletem os critérios destacados pelos autores e serão aplicados no capítulo

subsequente para investigar como as estratégias de hedging moldam a dinâmica entre esses dois países, evidenciando suas implicações para o sistema internacional contemporâneo.

#### **4.3- Frameworks Teóricos do *Strategic Hedging*: Caminhos para a Análise Sino-Saudita**

No capítulo, foram analisados dezenove artigos que utilizam o conceito de *Strategic Hedging* (SH) nas Relações Internacionais. A partir dessa coleta, identificaram-se três artigos fundamentais que servem como base teórica, devido à recorrência de sua citação nos trabalhos analisados. As bases teóricas selecionadas foram os estudos de Evelyn Goh (2005), Evans Medeiros (2005), Brock Tessman e Wojtek Wolfe (2011). Esses textos são amplamente utilizados, já que os artigos coletados referenciam pelo menos um deles.

Embora os três estudos compartilhem o interesse em compreender como os Estados utilizam o SH para lidar com as incertezas do Sistema Internacional, suas perspectivas e aplicações diferem. Goh (2005) explora o SH no contexto das relações entre Estados Unidos, China e países do Sudeste Asiático. Medeiros (2005) foca nas interações sino-americanas, enquanto Tessman e Wolfe (2011) aplicam o SH ao caso chinês de segurança energética.

Quanto aos elementos do SH, Goh (2005) destaca o balanceamento indireto, o engajamento da China em políticas regionais e a inclusão de outras potências regionais como parte do SH. Medeiros (2005) enfatiza a interdependência econômica e tecnológica entre China e EUA, e Tessman e Wolfe (2011) focam em estratégias para competir com a liderança sistêmica ou compensar a perda de bens públicos.

Com base, nas três bases teóricas analisadas foram selecionados três elementos que compõem a análise do capítulo 4. Segundo Goh (2005), o *Strategic Hedging* (SH) representa uma estratégia que combina políticas de engajamento e balanceamento, sendo mais adequada em cenários onde essas abordagens são usadas simultaneamente.

Nesse sentido, Goh define três elementos centrais do SH. O primeiro é o balanceamento indireto, que exige que o Estado *hedge* persuade grandes potências, especialmente os Estados Unidos, a atuarem como contrapesos à influência regional chinesa. O segundo elemento requer um envolvimento estratégico complexo com a China, abrangendo os níveis político, econômico e estratégico. Essa abordagem visa persuadir os líderes chineses a aderirem às normas internacionais, mitigando os riscos de uma dominação agressiva. O terceiro elemento implica que o conjunto de políticas do Estado *hedge* deve incluir ao máximo outras potências regionais, promovendo sua participação na construção de uma ordem estável e equilibrada (Goh, 2005).

Medeiros (2005) destaca a importância da interdependência econômica e tecnológica como elemento central do SH. Desde o fim da Guerra Fria, os Estados Unidos têm ocupado uma posição central no sistema internacional, especialmente na Ásia, onde mantêm parcerias bilaterais que asseguram estabilidade, segurança e promovem o desenvolvimento econômico regional.

Medeiros (2005) destaca que à medida que a China aumenta seu poder, os EUA buscam alternativas para barrar essa expansão, assim o SH evitar tensões entre os dois países e uma competição desenfreada entre China e os EUA. Para o autor, a ascensão da China e o ressurgimento da Índia estão transformando a arquitetura de segurança da região.

Nesse contexto, muitos países do Sudeste Asiático buscam simultaneamente fortalecer relações com China e Estados Unidos, criando uma complexa interdependência econômica e tecnológica. Essa abordagem permite que os Estados administrem cuidadosamente suas ações no cenário internacional, evitando provocar uma competição direta entre as grandes potências, o que é um elemento-chave para o SH (Medeiros, 2005).

Tessman e Wolfe (2011), explicam o *Strategic Hedging* com um comportamento dos Estados secundários poderiam empregar novos tipos de estratégias sob a condição da unipolaridade. A China utiliza o SH como uma apólice de seguro, para Wolfe (2013) Pequim aceitou os custos para desenvolver sua competitividade, incluindo a área militar e econômica e ao mesmo tempo evitando o confronto com o líder do sistema (Salman & Geeraerts, 2015). Os autores utilizam o caso da segurança energética chinesa para exemplificar um caso de hedge.

Segundo Wolfe (2013), ao analisar o caso da segurança energética chinesa, o autor compreende que a China realiza esforços para aumentar sua influência regional nas áreas produtoras de petróleo através de investimentos e esforços de modernização militar, este tipo de comportamento aumenta o poder de um Estado secundário sem desafiar o líder do sistema (Salman & Geeraerts, 2015).

Tessman e Wolfe (2011) expandem o conceito de SH ao classificá-lo em dois tipos. O SH tipo A envolve o fortalecimento das capacidades competitivas do Estado *hedge*, especialmente no contexto militar, através do desenvolvimento de tecnologias estratégicas, diversificação de rotas de importação de recursos críticos, como petróleo, e o estabelecimento de alianças em organizações internacionais que fortalecem a cooperação.

O SH tipo B, por sua vez, foca em estratégias para compensar a perda de bens públicos ou subsídios oferecidos pelo líder do sistema, reduzindo a dependência de recursos ou benefícios fornecidos por ele. Para que uma estratégia seja considerada um caso de SH, os autores propõem quatro critérios fundamentais: o fortalecimento das capacidades competitivas

do Estado *hedge*, a evitação de confrontos diretos com o líder do sistema, a adoção de políticas estratégicas que envolvam altos níveis do governo, e a demonstração de custos domésticos e internacionais observáveis, tanto econômicos quanto diplomáticos.

**Quadro 10:** Elementos para ser considerado um comportamento do *Strategic Hedging*

<b>Critério</b>	<b>Descrição</b>	<b>Autor(es)</b>
<b>1. Posição Intermediária</b>	O Estado <i>hedge</i> deve cultivar uma posição intermediária quando não pode decidir sobre alternativas mais diretas, como a neutralidade, a balança de poder e/ou <i>bandwagoning</i> .	Goh (2005)
<b>2. Engajamento Econômico, Tecnológico e Cooperação em Segurança.</b>	O Estado <i>hedge</i> adota políticas que, por um lado, priorizam mecanismos de engajamento e integração, e, por outro, destacam o equilíbrio de poder no estilo realista, por meio da cooperação em segurança externa. Conforme analisado por Medeiros (2005), essa abordagem estratégica é direcionada às superpotências China e Estados Unidos.	Medeiros (2005)
<b>3. Gestão de Incertezas em Sistemas Unipolares</b>	O comportamento de <i>Strategic Hedging</i> (SH) é ampliado para abranger tanto superpotências quanto potências em ascensão. O SH é caracterizado como uma estratégia que auxilia os Estados a enfrentar incertezas que tendem a surgir em sistemas unipolares,	Tessman e Wolfe (2011)

Fonte: Elaborado pela própria autora.

Conforme destacado por Goh (2005), o Estado *hedge* utiliza sua posição intermediária para evitar compromissos extremos que possam comprometer sua autonomia estratégica ou gerar antagonismos desnecessários. Essa abordagem exige que o Estado mantenha uma posição flexível e adaptável entre grandes potências, com o objetivo de maximizar seus benefícios e mitigar riscos.

O elemento 2, conforme analisado por Medeiros (2005), descreve uma estratégia em que o Estado *hedge* promove engajamento econômico e tecnológico, ao mesmo tempo que mantém uma postura realista de balança de poder por meio da cooperação em segurança externa. Na prática, isso significa que o Estado busca estabelecer laços comerciais e tecnológicos profundos com grandes potências enquanto mantém parcerias estratégicas na área de defesa e segurança.

Tessman e Wolfe (2011) identificam o *Strategic Hedging* como uma resposta aos desafios impostos por sistemas unipolares, onde uma única potência (como os EUA, no período pós-Guerra Fria) domina o sistema internacional. Nesse contexto, os Estados *hedge* precisam lidar com incertezas relacionadas ao comportamento da potência dominante e às mudanças na balança de poder global. A gestão de incertezas envolve estratégias que combinam a ampliação de capacidades nacionais com a diversificação de parceiros estratégicos, permitindo que o Estado minimize riscos em um ambiente internacional instável.

Os elementos discutidos por esses autores foram selecionados para servir como base teórica na definição do SH como uma estratégia prática nas RI. Esses elementos serão utilizados no capítulo seguinte para compreender como a Arábia Saudita e a China empregam o *Strategic Hedging* em suas políticas internacionais. A análise utiliza os três elementos: a posição intermediária; promover engajamento econômico e tecnológico combinado com cooperação em segurança; e lidar com incertezas no sistema internacional.

## 5. A Relação Sino-Saudita no Mercado Petrolífero sob a Ótica do *Strategic Hedging*

No capítulo 1, foi analisado o conceito de segurança energética e o impacto do crescimento econômico chinês sobre as crescentes demandas energéticas do país, com destaque para o petróleo como sua principal fonte de energia. Em continuidade, o capítulo 2 aprofundou-se nas relações sino-saudita, destacando a evolução das interações no setor petrolífero. Esse processo culminou na consolidação da Arábia Saudita como o principal fornecedor de petróleo para a China em 2021, como evidenciado nos gráficos 4 (Statista, 2024).

No capítulo 3, foi apresentada a base teórica do conceito de *Strategic Hedging* (SH), destacando seu papel como ferramenta analítica para compreender as estratégias de adaptação e balanceamento dos Estados no sistema internacional. Essa teoria oferece uma perspectiva para entender as necessidades energéticas da China e os interesses estratégicos da Arábia Saudita moldam suas interações em um cenário geopolítico em constante transformação, marcado pela competição entre grandes potências.

Este capítulo tem como objetivo principal analisar as relações entre a China e a Arábia Saudita no contexto do mercado petrolífero, utilizando o conceito de *Strategic Hedging* (SH) como base teórica. A partir dessa perspectiva, busca-se compreender como as necessidades energéticas crescentes da China moldam sua relação com a Arábia Saudita, especialmente em um cenário geopolítico global marcado por constantes transformações, rivalidades estratégicas e incertezas.

Essa discussão ganha relevância no contexto do crescimento econômico da China, que exige uma demanda cada vez maior por petróleo, para sustentar seu processo de industrialização, urbanização e desenvolvimento tecnológico. Por outro lado, a Arábia Saudita, como o maior exportador mundial de petróleo e ator central na política energética global, ocupa uma posição estratégica indispensável.

Dessa forma, a relação sino-saudita vai além de uma simples interação bilateral, influenciando diretamente o mercado global de petróleo, reconfigurando as dinâmicas regionais no Oriente Médio e refletindo as disputas entre os Estados Unidos, potência dominante, e a China, potência em ascensão com interesses estratégicos cada vez mais relevantes na região (Tessman & Wolfe, 2011).

Este capítulo analisa o relacionamento estratégico entre China e Arábia Saudita, considerando as perspectivas de ambas as nações e fundamentando-se no conceito de *Strategic Hedging*. A abordagem será estruturada com base nos três elementos destacados no Quadro 10 do Capítulo 3, oferecendo base para a compreensão dessa dinâmica geopolítica.

O primeiro elemento, Posição Intermediária, examina como esses países gerenciam suas relações com grandes potências, evitando alinhamentos exclusivos e maximizando seus interesses estratégicos (Goh, 2005). O segundo, Engajamento Econômico, Tecnológico e Cooperação em Segurança, avalia as parcerias econômicas, trocas tecnológicas e iniciativas de segurança que moldam o relacionamento sino-saudita, além de suas implicações no cenário global (Medeiros, 2005).

Por fim, o terceiro elemento, Gestão de Incertezas em Sistemas Unipolares, investiga como a China utiliza o *Strategic Hedging* para garantir acesso a recursos estratégicos, como o petróleo saudita, ao mesmo tempo em que enfrenta desafios impostos pela hegemonia norte-americana e pelas incertezas do sistema internacional (Tessman, Wolfe, 2011).

Os elementos destacados são fundamentados nos trabalhos de Goh (2005), Medeiros (2005) e Tessman e Wolfe (2011), que fornecem ferramentas analíticas para compreender como a China busca construir parcerias e gerir riscos no mercado energético global, enquanto evita confrontos diretos com outras potências, especialmente os Estados Unidos.

Ao estabelecer essa base analítica, o capítulo busca responder à pergunta central desta pesquisa sobre como as necessidades energéticas da China influenciam sua relação com a Arábia Saudita. Além disso, a análise destaca as implicações mais amplas do *Strategic Hedging* para a política externa chinesa, para a estabilidade da ordem energética global e para as dinâmicas regionais de poder. Por meio da análise da relação sino-saudita no setor petrolífero, o capítulo também ilustra como as estratégias de hedge podem ser implementadas como resposta às incertezas e aos desafios impostos por um sistema internacional em constante mudança.

Este capítulo está organizado em dois tópicos. O primeiro tópico aborda a perspectiva da Arábia Saudita no uso do SH, explorando como o reino equilibra suas parcerias estratégicas, particularmente com a China e os Estados Unidos, para alcançar seus objetivos de segurança energética e diversificação econômica.

O segundo tópico analisa a perspectiva da China sobre a utilização de *Strategic Hedging* no sistema internacional, com ênfase no mercado petrolífero. Nesse contexto, são discutidas as estratégias chinesas para garantir a segurança energética, diversificar seus fornecedores e ampliar sua influência no cenário global.

## **5.1 Geopolítica e o Petróleo: A Posição Saudita entre China e EUA**

O Reino da Arábia Saudita está localizado no Oriente Médio, uma região estratégica por ser ponto de convergência entre os continentes africano, europeu e asiático. Suas vastas reservas de petróleo e gás natural, aliadas à sua posição geopolítica privilegiada, tornam o país

centro de influência e uma área de disputa de poder entre potências como China e Estados Unidos (Kaplan, 2013).

No século XX, o petróleo emergiu como a principal fonte energética, tornando-se essencial tanto para o poder militar quanto para o funcionamento da sociedade moderna (Painter, 2012). O petróleo alimentou o poder e a prosperidade estadunidense e o governo dos EUA trabalhou em parceria com a indústria petrolífera para obter e manter reservas de petróleo no exterior, refletindo os interesses de segurança nacional (Pollack, 2002).

Ao longo da segunda metade do século XX, os interesses estratégicos dos Estados Unidos no Oriente Médio foram se intensificando, à medida que o país passou a depender cada vez mais das importações de petróleo. Nesse contexto, a Arábia Saudita e os EUA consolidaram como importantes parceiros econômicos e militares, sendo uma das conexões mais importantes, duradouras e complexas dos norte-americanos na região (Pollack, 2002).

Essa relação é justificada pela posição central da Arábia Saudita no mercado global de petróleo. Como maior exportador de petróleo bruto do mundo e detentora de aproximadamente 15% das reservas comprovadas globais (EIA, 2021). Sua relevância no setor energético é evidenciada pela crescente demanda mundial por petróleo, que transformou diversas regiões, como o Oriente Médio, em áreas estratégicas para países dependentes desse recurso, como China e Estados Unidos (Yergin, 2014; Loiola, Leite & Spellman, 2023).

Historicamente, a aliança estratégica da Arábia Saudita com os Estados Unidos, combinada com suas políticas anticomunistas, criou uma atmosfera de desconfiança mútua em relação à República Popular da China, enquanto o governo chinês via a monarquia saudita como "reacionária, teocrática e feudal" (Shichor, 1989). Além disso, a manutenção de relações oficiais entre a Arábia Saudita e Taiwan representava um obstáculo adicional ao aprofundamento dos laços bilaterais com a China (Wang, 1993).

Apenas em julho de 1990, a China e a Arábia Saudita estabeleceram as relações diplomáticas formais. Antes disso, o distanciamento entre os dois países era evidente, principalmente devido às diferenças ideológicas e ao contexto da Guerra Fria (Brooks & Wohlforth, 2000).

A ascensão da China como potência global tem transformado as dinâmicas da política energética internacional. Impulsionado pelo seu crescimento econômico, o país enfrenta uma demanda crescente por petróleo, tornando-se importador líquido desse recurso desde 1993. Diante dessa realidade, a China tem implementado políticas estratégicas para garantir acesso seguro e diversificado a fontes de energia, com destaque para a região do Oriente Médio, um

eixo fundamental de sua segurança energética (Pautasso & Oliveira, 2008; Delgado & Febraro, 2017; Corrêa, 2015).

A evolução das relações sino-saudita está em consonância com o modelo de diplomacia econômica da China, que privilegia o desenvolvimento do comércio e do investimento sem vincular interesses econômicos diretamente a questões políticas (Chaziza, 2016). Essa abordagem possibilitou que a China expandiu sua presença econômica em diversos setores na Arábia Saudita, enquanto simultaneamente desenvolvia engajamento político e diplomático (Fulton, 2019).

A parceria sino-saudita evoluiu, transformando a Arábia Saudita no principal fornecedor de petróleo para a China em 2021 (Gráfico 4). Essa relação reflete o foco estratégico de Pequim em diversificar suas fontes de energia e consolidar laços econômicos com países produtores, essenciais para sustentar suas elevadas taxas de crescimento (Côrrea, 2015).

Essa dinâmica é analisada no capítulo 2, onde são mapeados os principais eventos históricos que serviram de base e moldaram as relações entre China e Arábia Saudita, conforme apresentados no Quadro 4.

Na metodologia de *process tracing* utilizada na análise do capítulo 2, são destacados os eventos mais significativos ocorridos entre 2013 e 2021, detalhados no Quadro 5. Esse período começa com o lançamento da Belt and Road Initiative (BRI) em 2013 e se estende até 2021, quando a Arábia Saudita consolidou sua posição como o principal fornecedor de petróleo para a China, representando pouco mais de 20% do total importado (Statista, 2024; Gráfico 4). Esses eventos fornecem a base empírica para a análise desenvolvida neste capítulo, utilizando a teoria do *Strategic Hedging* como referencial teórico.

Para analisar o comportamento da Arábia Saudita no contexto de *Strategic Hedging* em sua política externa, utiliza-se o primeiro elemento do Quadro 10: posição intermediária. A Arábia Saudita adota essa posição quando não consegue optar por alternativas mais diretas, como neutralidade, balança de poder ou bandwagoning (Goh, 2005).

A Arábia Saudita tem uma relação duradoura e importante com os Estados Unidos e, desde o início do século XXI, a China vem se tornando também um parceiro estratégico crescente. Nesse cenário, Riad opta por cultivar uma posição intermediária, evitando ser forçada a escolher um lado em detrimento do outro (Goh, 2005). Essa estratégia permite que a Arábia Saudita aproveite os benefícios tanto de sua aliança com os Estados Unidos quanto das novas oportunidades oferecidas pela crescente parceria com a China.

Vale ressaltar, que as relações entre os Estados Unidos e a Arábia Saudita enfrentaram diversos desafios desde o início do século XXI. Um dos principais eventos que abalaram essa parceria foi o atentado de 11 de setembro de 2001, no qual 15 dos 19 terroristas envolvidos eram de origem saudita, gerando uma série séria entre os dois países (Quadro 4; Simons, Tucker, 2007).

Além disso, a crise econômica de 2008 obrigou os Estados Unidos a redirecionar sua atenção para questões internas em meio à recessão (Quadro 4; Salah, 2010). Outro fator crucial foi o aumento da produção de petróleo e gás de xisto nos EUA, que contribuiu para a redução da dependência estadunidense pelo petróleo saudita (Quadro 4; Melikoglu, 2014)

Apesar desses eventos, as relações entre os dois países se mantiveram, refletindo a posição intermediária da política externa saudita. Em janeiro de 2025, o príncipe herdeiro Mohammed bin Salman expressou a intenção de investir US\$ 600 bilhões nos Estados Unidos nos próximos quatro anos (Reuters, 2025). Além disso, a Arábia Saudita continua sendo um importante comprador de armas do complexo industrial-militar estadunidense, o que mantém uma relação estratégica no setor de defesa (Gastaldi, Mendonça, 2019).

Contudo, em busca de diversificação e segurança estratégica, o governo saudita também passou a buscar novos parceiros econômicos. Esse movimento ficou mais evidente com a política *Look East*, lançada em 2006, que visava estreitar laços com potências emergentes da Ásia, como China e Índia, diversificando suas parcerias além do tradicional eixo com os Estados Unidos (Pant, 2006).

Ao utilizar o *Strategic Hedging* como ferramenta de análise, evidencia-se a maneira como países de segunda linha, como a Arábia Saudita, busca balancear suas relações entre grandes potências, como os Estados Unidos e a China, para preservar sua relevância internacional e evitar conflitos diretos com qualquer uma delas (Goh, 2005).

O elemento 2 do quadro 10: Engajamento Econômico, Tecnológico e Cooperação em Segurança (Medeiros, 2005). O artigo de Evans Medeiros (2005) utiliza o conceito de *Strategic Hedging* no contexto das grandes potências, destacando como ele serve para combater potenciais riscos em cenários de incerteza no sistema internacional.

A análise de Evans Medeiros (2005) traz a China como uma potência em ascensão e o comportamento estratégico adotado pelas nações do Sudeste Asiático. Essas nações têm buscado balancear suas relações tanto com a China quanto com os Estados Unidos, promovendo uma interdependência econômica e tecnológica que, ao mesmo tempo, fortalece suas economias e mitiga os riscos de alinhamento exclusivo a uma das potências, evitando uma competição precipitada.

Trazendo essa análise para o Oriente Médio, com foco na Arábia Saudita, observa-se uma estratégia similar. A Arábia Saudita busca manter relações estratégicas tanto com os Estados Unidos quanto com a China. No caso norte-americano, o país tem sua tradicional parceria militar e de segurança, enquanto no caso chinês, foca em diversificar sua cooperação econômica e tecnológica, especialmente no setor energético ( Gastaldi, Mendonça, 2019, Fulton, 2020).

Essa abordagem permite a Pequim beneficiar-se de uma ordem regional sustentada pela presença militar dos Estados Unidos sem arcar com os elevados custos associados à proteção do Golfo (Tessman, 2012).

Ao adotar essa estratégia, a Arábia Saudita não apenas preserva sua relevância geopolítica, mas também evita a polarização entre as duas principais potências globais. Além disso, explora novas oportunidades de desenvolvimento econômico e tecnológico enquanto mitiga os riscos decorrentes de um sistema internacional cada vez mais competitivo e incerto.

Segundo Yin (2022), o *Strategic Hedging* (SH) é caracterizado como um comportamento “fraco para forte”. Nessa perspectiva, o SH oferece uma explicação para as ações de um Estado relativamente mais fraco ao contrapor a influência de um poder hegemônico por meio de estratégias não militares.

No caso da Arábia Saudita, o SH se manifesta na maneira como o país gerencia suas relações com as potências globais, particularmente os Estados Unidos e a China. Essa diversificação de parceiros econômicos e militares reflete o desejo saudita de reduzir sua vulnerabilidade estratégica frente à influência norte-americana, ao mesmo tempo em que consolida sua posição como um ator essencial no mercado energético global.

Na próxima seção, a análise se volta para a perspectiva chinesa, destacando como a China, por meio do *Strategic Hedging*, busca assegurar sua segurança energética em um cenário global caracterizado pela presença da hegemonia estadunidense e pela crescente competição por recursos estratégicos.

## **5.2. A Segurança Energética Chinesa no Contexto do *Strategic Hedging***

A China tem registrado altas taxas de crescimento industrial ao longo das últimas quatro décadas, com uma média de 10,3% entre 1995 e 2024, conforme dados do CEIC (2024). Para sustentar esse crescimento econômico, a energia tornou-se um elemento estratégico para o governo chinês. Diante de sua crescente demanda energética, o país se tornou um importador líquido de petróleo já em 1993, passando a depender de grandes volumes de importação para

atender às necessidades de sua economia em rápida expansão (Salman, Geeraerts, 2015; Corrêa, 2015).

A China é atualmente o maior consumidor de energia primária do mundo, conforme evidenciado no Gráfico 1 (Statista, 2024). Projeções da *Energy Information Administration* (EIA) indicam que, até 2035, cerca de 75% do petróleo bruto consumido no país será importado, destacando sua crescente dependência de fontes externas para sustentar seu rápido crescimento econômico.

Com a oferta doméstica de petróleo limitada diante de uma demanda em constante ascensão, como mostra o gráfico 2. Pequim implementou uma estratégia de segurança energética que inclui iniciativas para expandir investimentos internacionais e criar “corredores de importação” adicionais. Essas rotas estratégicas garantem o transporte eficiente de petróleo para locais-chave (Tessman, Wolfe, 2011).

A região do Oriente Médio, que abriga vastas reservas de petróleo e gás natural, desempenha um papel crucial como fornecedor de energia e como elemento de estabilidade econômica global (Yetiv, Lu, 2007; Chen, 2011). Nas últimas duas décadas, as importações de petróleo da China provenientes dessa região aumentaram significativamente, evidenciando a integração energética entre a China e os países do Oriente Médio (Salman, Geeraerts, 2015).

A China tem buscado diversificar suas fontes de petróleo, estabelecendo relações estratégicas com países produtores, como a Arábia Saudita, que se consolidou como um de seus principais fornecedores (Hong, 2014; Loiola, Leite, Spellman, 2023). Em 2021, a Arábia Saudita tornou-se o maior fornecedor de petróleo para a China, destacando a relevância dessa parceria energética para ambos os países (Gráfico 3).

No âmbito de sua política externa no Oriente Médio, a China adota a estratégia de *Strategic Hedging* (SH), balanceando seus interesses econômicos e de segurança. Essa abordagem permite à China fortalecer sua competitividade militar e econômica, enquanto evita confrontos diretos com os Estados Unidos, preservando a estabilidade de suas relações internacionais.

A abordagem do *Strategic Hedging* apresentada por Goh (2005), e Tessman e Wolfe (2011) considera que as teorias tradicionais, como a de balanço de poder, neutralidade e *bandwagoning*, são modelos ineficientes para analisar a estratégia chinesa de segurança energética. Esses teóricos argumentam que tais teorias não conseguem explicar o comportamento competitivo entre os principais atores em um sistema unipolar, caracterizado no SH pela consolidação dos Estados Unidos como líder no período Pós-Guerra Fria.

Nesse contexto, ressaltam que a teoria de balanço de poder não leva em consideração ferramentas não militares, que são especialmente relevantes para Estados mais fracos que não têm condições de desafiar o líder do sistema diretamente por meio do uso da força armada, como é o caso da questão da segurança energética da China (Tessman, Wolfe, 2011).

Tessman e Wolfe (2011) apresentam o *Strategic Hedging* como uma explicação estrutural para o comportamento competitivo de estados de segunda linha em um sistema unipolar. Esses teóricos argumentam que o SH expande a teoria da balanço de poder, pois incorpora uma gama mais ampla de estratégias, tanto militares quanto não militares, utilizadas por esses Estados de segunda linha.

Esses Estados através do SH melhoram sua posição diante do líder sistema, se venham a ocorrer mudanças estruturais no sistema internacional, podem permitir que eles desafiem o líder do sistema (EUA, segundo a teoria) com mais chances de sucesso.

Nesta análise, utiliza-se o terceiro elemento do Quadro 10, Gestão de Incertezas em Sistemas Unipolares, para compreender como a China emprega o Strategic Hedging em sua busca por recursos energéticos na Arábia Saudita. Conforme definido por Tessman e Wolfe (2011), este elemento descreve o SH como uma estratégia voltada para lidar com incertezas que surgem em sistemas unipolares, especialmente para Estados que buscam balancear suas necessidades estratégicas em um ambiente dominado por uma potência hegemônica.

No caso da China, como potência em ascensão, sua política energética reflete essa abordagem ao estabelecer relações com a Arábia Saudita, maior exportador mundial de petróleo. A cooperação sino-saudita, impulsionada por iniciativas como a *Belt and Road Initiative* (BRI), representa a tentativa chinesa de assegurar o acesso contínuo a recursos estratégicos enquanto mitiga os riscos associados às incertezas do sistema internacional (Fulton, 2020).

A estratégia de segurança energética da China está intrinsecamente relacionada ao fortalecimento de capacidades competitivas e à diversificação de recursos. O desenvolvimento de tecnologias estratégicas, a diversificação de recursos e a formação de alianças diplomáticas têm sido elementos centrais da política energética chinesa, permitindo que o país aumente sua autonomia e se prepare para lidar com a competição global.

O SH funciona como uma “apólice de segurança”, garantindo que a China possa enfrentar as incertezas associadas à unipolaridade, especialmente em relação à sua dependência de recursos externos, como o petróleo. Segundo Wolfe (2013), ao analisar a segurança energética chinesa, observa que a China adota estratégias que contratam investimentos

diplomáticos e investimentos econômicos em áreas produtoras de petróleo com uma modernização gradual de suas capacidades militares, como mostram os quadros 4 e 5.

Segundo, Tessman e Wolfe (2011) a estratégia de segurança energética da China como foco no mercado petrolífero baseia-se na expansão do acesso e na garantia da estabilidade da oferta de recursos energéticos, o que resulta em quatro objetivos específicos: aumentar e diversificar os investimentos no exterior, construir vias de importação adicionais, como ocorre com petróleo transnacional, estabelece uma reserva estratégica de petróleo e envolve-se na diplomacia do petróleo com estados fornecedores importantes.

Esses esforços são ilustrados pela significativa participação da China em infraestrutura energética e parcerias estratégicas em regiões como o Oriente Médio e a África, fortalecendo sua posição nas cadeias globais de abastecimento sem confrontar diretamente os Estados Unidos, líder do sistema internacional.

A interação diplomática e econômica entre a China e os países do Oriente Médio, incluindo a Arábia Saudita, destaca-se como exemplo de *Strategic Hedging*. Essa abordagem é evidenciada nos Quadros 4 e 5, que mostram a construção das relações econômicas e diplomáticas entre China e Arábia.

A China, ao ampliar seus investimentos no setor energético saudita e fortalecer laços comerciais, consegue garantir um fornecimento estável de petróleo, enquanto a Arábia Saudita aproveita o crescimento econômico chinês para diversificar seus mercados de exportação e reduzir sua dependência do Ocidente.

O SH permite que ambas as nações aumentem suas capacidades econômicas e políticas sem provocar um confronto direto com o líder do sistema, os Estados Unidos. Essa estratégia protege contra potenciais riscos geopolíticos, criando flexibilidade e em um cenário global de incertezas (Salman & Geeraerts, 2015).

No artigo de Tessman e Wolfe (2011), é apresentado um mecanismo de identificação do comportamento de SH baseado em quatro critérios fundamentais, expostos no Quadro 9 do Capítulo 3. Esses critérios estabelecem que, quando todos estão satisfeitos, o comportamento pode ser classificado como um exemplo de hedge estratégico.

O primeiro critério é o objetivo básico do comportamento de hedge: a melhoria da capacidade competitiva imposta pelo Estado secundário diante das incertezas pela unipolaridade do sistema.

Segundo Tessman e Wolfe (2011), esse critério pode ser explicado através dos exemplos de SH tipo A e tipo B. O tipo A refere-se ao aumento das capacidades competitivas de um Estado de segundo nível como um "seguro" contra um possível confronto militar futuro

com o líder do sistema. No caso da China, isso se manifesta em iniciativas como a diversificação das fontes de abastecimento energético, o desenvolvimento de vias adicionais de importação, a construção de reservas estratégicas de petróleo e o fortalecimento de laços com Estados fornecedores.

A cobertura Tipo B, por outro lado, tem como objetivo proteger os interesses do Estado secundário caso o líder do sistema cesse o fornecimento de bens públicos ou subsídios essenciais. Para Tessman e Wolfe (2011), os Estados Unidos desempenham o papel de provedor de bens públicos a nível global, especialmente no Sudeste Asiático, onde sua presença naval protege rotas comerciais contra ataques piratas. Caso os EUA reduzam ou retirem suas forças navais da região, isso poderá gerar instabilidades que afetariam as importações de petróleo da China. Por isso, o governo chinês deve estar preparado para suprir a ausência desses bens públicos, seja por meio de um Estado substituto ou assumir esse papel diretamente.

O segundo critério traçado por Tessman e Wolfe (2011) é que a segurança energética da China está diretamente vinculada ao acúmulo de capacidades militares e à formação de alianças estratégicas. A expansão naval da China é um exemplo claro disso, uma vez que está intimamente ligada ao objetivo de proteger as importações energéticas. Além disso, a Organização para a Cooperação de Xangai (OCX) surge como uma aliança militar externa para a segurança regional e indireta ao enfrentamento da influência dos Estados Unidos (Yuan, 2010; Tessman & Wolfe, 2011).

O terceiro critério destaca que as estratégias relacionadas à segurança energética devem ser formuladas pelos altos níveis de governo. Desde o final da década de 1990, essa questão tem sido tratada como prioridade pelos líderes chineses. Durante o governo do primeiro-ministro Li Peng, foi desenvolvida uma política energética específica, e, sob a liderança de Hu Jintao, foi criada a Comissão Nacional de Energia (NEC), responsável por desenvolver, implementar e rever estratégias de segurança energética tanto no âmbito doméstico quanto no internacional (Daojiong, 2006; Tessman & Wolfe, 2011).

Por fim, o quarto definido por Tessman e Wolfe (2011) é que o SH envolve custos econômicos e diplomáticos observáveis. A relação energética entre a China e a Arábia Saudita é um exemplo desse aspecto. Nos últimos anos, a Arábia Saudita consolidou-se como um dos principais fornecedores de petróleo da China, alternando com a Rússia a posição de principal parceiro energético. Juntos, China e Arábia Saudita já firmaram mais de 30 acordos avaliados em pelo menos US\$ 10 bilhões (EIA, 2021; Sun, 2023).

Após apresentar e aplicar os quatro critérios que servem como mecanismo de identificação do SH, Tessman e Wolfe (2011) concluíram que a segurança energética da China

é um exemplo do comportamento do *Strategic Hedging*. Além disso, os autores argumentam que uma abordagem tradicional da teoria realista da balança de poder não é suficiente para explicar as dinâmicas do sistema internacional pós-Guerra Fria, pois ignoram a relevância de ferramentas econômicas e diplomáticas nas estratégias dos Estados secundários.

A análise da estratégia energética da China sob a ótica do *Strategic Hedging* evidencia como a potência asiática tem buscado balancear suas necessidades econômicas com os riscos de um sistema internacional unipolar.

Diante da dependência crescente do petróleo importado, a China adota medidas para diversificar suas fontes de energia e garantir a segurança do abastecimento, sem confrontar diretamente os Estados Unidos. Essa postura é refletida na cooperação com a Arábia Saudita, um dos maiores exportadores de petróleo do mundo, com quem a China fortalece laços econômicos e diplomáticos para garantir a estabilidade de suas energias.

Os critérios estabelecidos por Tessman e Wolfe (2011) mostram-se fundamentais para identificar o comportamento de Hedging Estratégico adotado por Pequim. A diversificação das rotas de importação, a construção de reservas estratégicas, os investimentos em infraestrutura energética saudita e o fortalecimento das capacidades navais ilustram a busca por alternativas para mitigar riscos e garantir a segurança energética.

Paralelamente, a criação de alianças estratégicas e o desenvolvimento de mecanismos diplomáticos demonstram que a China procura expandir sua influência de forma pragmática, preservando a flexibilidade para lidar com incertezas futuras no cenário global. Ao analisar a cooperação sino-saudita sob essa perspectiva, constata-se que a segurança energética da China não se limita à busca por petróleo, mas abrange uma estratégia ampla de fortalecimento econômico e diplomático em um contexto internacional incorreto.

A teoria de *Strategic Hedging*, ainda pouco explorada na literatura das relações internacionais, mostra-se uma ferramenta inovadora para analisar as dinâmicas contemporâneas entre potências emergentes e hegemônicas. O caso da China e Arábia Saudita evidencia como essa abordagem pode ser aplicada em futuras pesquisas para compreender estratégias de outros Estados secundários no pós-Guerra Fria.

## 6. Considerações Finais

A crescente demanda energética da China desempenha um papel central na relação com a Arábia Saudita. Como maior consumidor de energia do mundo, a China depende fortemente de fontes externas para sustentar seu crescimento econômico e atender às necessidades de sua população em expansão.

Nesse contexto, a Arábia Saudita surge como um parceiro estratégico essencial. Essa relação é caracterizada por uma interdependência pragmática, onde os interesses econômicos de ambas as nações convergem em torno do petróleo, enquanto questões políticas e estratégicas moldam as dinâmicas dessa interação.

A Arábia Saudita, por sua vez, vê na China uma oportunidade de diversificar sua base de exportações de petróleo, com técnicas técnicas nos mercados ocidentais. Esse alinhamento atende não apenas às necessidades econômicas, mas também reflete uma mudança estratégica mais ampla, em que o reino busca laços estreitos com potências emergentes como parte de sua visão de longo prazo para reduzir a dependência de uma economia baseada exclusivamente no petróleo.

Além das trocas comerciais diretas, a demanda energética da China também levou os dois países a fortalecer a cooperação em projetos de infraestrutura e tecnologia. Os investimentos sauditas em projetos chineses e vice-versa, como parte da *Belt and Road Initiative* (BRI) e da *Vision 2030*, refletem uma tentativa de ambas as partes de maximizar os benefícios econômicos da parceria.

No entanto, a relação não está isenta de desafios e dificuldades. A dependência da China do petróleo saudita torna-se vulnerável às oscilações no mercado energético global e às possíveis tensões geopolíticas no Oriente Médio, onde a instabilidade pode comprometer a oferta de recursos.

Da mesma forma, a Arábia Saudita precisa balancear as suas relações com outras potências globais, especialmente os Estados Unidos, ao mesmo tempo em que consolida a sua parceria com a China. Esses fatores demonstram que, embora os interesses econômicos sejam fortes, a complexidade geopolítica representa um aspecto sensível dessa interação.

O aprofundamento dessa relação também reflete um impacto simbólico mais amplo na ordem mundial. A crescente proximidade entre a China e a Arábia Saudita aponta para uma transformação na dinâmica do poder global, com a China desafiando a hegemonia ocidental em várias frentes. Ao fortalecer seus laços no Oriente Médio, a China não apenas atende às suas

necessidades energéticas, mas também amplia sua influência política e econômica na região, consolidando sua posição como uma potência global em ascensão.

A relação entre China e Arábia Saudita é amplamente analisada sob a ótica das necessidades energéticas e da geopolítica global, o conceito de *Strategic Hedging* surge como uma abordagem teórica pouco explorada, mas promissora, para entender as dinâmicas dessa interação. O *Strategic Hedging*, refere-se à prática de estados adotarem simultaneamente estratégias de cooperação e contenção em relação a outras potências, diversificando suas parcerias para minimizar riscos e maximizar ganhos.

No caso da China e da Arábia Saudita, é evidente que ambos os países utilizam essa abordagem para balancear seus interesses em um ambiente internacional cada vez mais complexo e incerto. Essa teoria oferece um arcabouço analítico não apenas para compreender a relação entre essas duas nações, mas também para analisar como outros países buscam manter suas soberanias estratégicas enquanto lidam com potências globais.

A Arábia Saudita, ao estreitar seus laços com a China, busca alternativas econômicas e diplomáticas para reduzir sua dependência dos Estados Unidos, sem, no entanto, romper completamente os vínculos históricos com Washington.

Por outro lado, a China também utiliza o *Strategic Hedging* para fortalecer sua presença no Oriente Médio, ao mesmo tempo em que evita intervenções militares diretas ou envolvimento profundos em conflitos regionais, balanceando sua posição de poder em relação às potências ocidentais.

Embora esta pesquisa tenha se concentrado no período até 2021 das relações sino-sauditas, alguns eventos subsequentes, tanto dentro quanto fora desse contexto bilateral, tiveram um impacto significativo na dinâmica dessa parceria. A Guerra na Ucrânia, a crise energética global, o acordo mediado pela China entre Arábia Saudita e Irã, a ampliação do BRICS Plus e a entrada saudita na Organização de Cooperação de Xangai (SCO).

A Guerra na Ucrânia e a crise energética global tiveram um impacto profundo nas dinâmicas econômicas e estratégicas entre a China e a Arábia Saudita (Appiah-Otoo, 2023). A instabilidade no fornecimento energético europeu gerou um aumento na demanda por petróleo saudita, ao mesmo tempo em que a China reforçou suas importações para garantir segurança energética em um contexto global volátil. Esse cenário fortaleceu a parceria energética entre os dois países, com a Arábia Saudita consolidando seu papel como um fornecedor estratégico para a China, enquanto Pequim manteve seu pragmatismo ao explorar rotas alternativas e fontes diversificadas de energia (Al-Saidi, 2023).

Outro marco relevante foi o Acordo de Reaproximação entre Arábia Saudita e Irã, mediado pela China em 2023. O compromisso de restabelecimento diplomático entre os dois rivais regionais demonstrou a crescente capacidade de Pequim como mediadora no Oriente Médio, em um movimento que contrasta com a tradicional influência diplomática dos Estados Unidos na região (Yin, 2022). Essa mediação alinha-se com o interesse estratégico da China em garantir a estabilidade regional para proteger suas rotas de importação de petróleo e investimentos na região, reforçando o comportamento do SH, ao buscar soluções diplomáticas que evitam envolvimento militares diretos (Tessman, Wolfe, 2011; Jash, 2023).

A expansão do BRICS Plus em 2023, com a entrada da Arábia Saudita e do Irã, também evidenciou a transformação do bloco em um mecanismo de contrapeso ao sistema econômico dominado pelo Ocidente (KAS, 2023). A adesão saudita reforçou os laços com a China e diplomática entre potências emergentes. Para a Arábia Saudita, essa participação diversifica suas parcerias globais e oferece uma plataforma para fortalecer suas ambições econômicas além do eixo ocidental (Goh, 2005).

Além disso, a adesão da Arábia Saudita em 2023 à Organização de Cooperação de Xangai (SCO) sinalizou um aprofundamento da relação estratégica com a China. Essa organização, originalmente focada em questões de segurança regional, tem ampliado seu escopo de cooperação (Shahbazov, 2023). A participação saudita simboliza um passo importante na construção de parcerias políticas e econômicas com o Oriente Médio (Cafiero, 2023).

A volatilidade dos preços do petróleo, agravada por eventos globais recentes, também moldou essa relação bilateral. A necessidade de gerenciar as oscilações de mercado e garantir estabilidade nos preços reforçou a cooperação estratégica entre China e Arábia Saudita (Appiah-Otoo, 2023). Esse alinhamento econômico é coerente com a prática de *Strategic Hedging*, permitindo a ambos os países minimizar os riscos associados à dependência e falta de diversificação de mercado (Tessman, Wolfe, 2011).

A relação entre China e Arábia Saudita pós-2021 reflete uma ampliação dos elementos estratégicos além do petróleo, com a cooperação em segurança, diplomacia e blocos econômicos ganhando protagonismo. A aplicação do *Strategic Hedging* para balancear seus interesses em um cenário global cada vez mais competitivo, explorando parcerias alternativas enquanto evitam alinhamentos unilaterais que possam comprometer suas respectivas autonomias estratégicas.

O *Strategic Hedging* também pode ser aplicado em estudos sobre como potências médias, têm balanceado suas relações entre China e Estados Unidos no período pós-Guerra Fria e, mais recentemente, no contexto do crescente confronto entre essas duas potências.

Esse balanceamento revela uma dinâmica complexa, em que países de médio porte não apenas respondem às pressões das grandes potências, mas também moldam suas estratégias de acordo com suas necessidades internas e prioridades de longo prazo (Yin, 2022). A teoria, portanto, fornece uma estrutura útil para compreender como essas nações adotam posturas híbridas, cooperando com ambos os lados em diferentes frentes enquanto mitigam os riscos de alinhamentos excessivamente unilaterais.

Finalmente, ao expandir a aplicação da teoria de *Strategic Hedging* para além do caso da China e da Arábia Saudita, futuros estudos podem explorar como outras regiões e países adotam estratégias similares em um cenário internacional multipolar. A teoria pode ser usada para analisar como as nações estão respondendo às pressões econômicas, militares e tecnológicas impostas pela rivalidade China-EUA, além de fornecer insights sobre como esses países lidam com a necessidade de diversificar suas economias e estabelecer parcerias estratégicas. Em um mundo cada vez mais marcado pela interdependência e pela competição, o *Strategic Hedging* se torna uma ferramenta teórica indispensável para entender as complexas dinâmicas das relações internacionais contemporâneas.

Portanto, a relação entre China e Arábia Saudita não pode ser vista apenas como um reflexo das necessidades energéticas da primeira. Trata-se de uma relação multifacetada, onde o petróleo serve como ponto de partida, mas que se expande para incluir colaborações em comércio, infraestrutura, tecnologia e geopolítica. Essa complexidade demonstra que os interesses energéticos são apenas uma peça de um quebra-cabeça maior, onde cada país busca maximizar seus interesses nacionais.

As necessidades energéticas da China são o principal motor que molda sua relação com a Arábia Saudita, mas o impacto dessa interação vai além do setor energético. Ao aprofundar sua parceria, os dois países constroem uma relação que combina pragmatismo econômico com estratégias geopolíticas, refletindo mudanças profundas na balança global de poder. Esta dissertação evidencia como o petróleo, embora central, é apenas uma das muitas dimensões dessa parceria, que continuará a evoluir e influenciar não apenas os dois países, mas também a ordem mundial.

## Referências

ABUZA, Z. Tentacles of Terror: Al Qaeda's Southeast Asian Network. **Contemporary Southeast Asia**, p. 427-465, 2002. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/25798610>. Acesso em: 2 jan. 2025.

AJIDE, Kazeem Bello; MESAGAN, Ekundayo Peter. Heterogeneous analysis of pollution abatement via renewable and non-renewable energy: lessons from investment in G20 nations. **Environmental Science and Pollution Research**, v. 29, n. 24, p. 36533-36546, 2022. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s11356-022-18771-5>. Acesso em: 1 jul. 2024.

AKERMAN, Jonas et al. **European transport policy and sustainable mobility**. Routledge, 2000. Disponível em: <https://www.taylorfrancis.com/books/mono/10.4324/9780203857816/european-transport-policy-sustainable-mobility-jonas-akerman-david-banister-karl-dreborg-peter-nijkamp-ruggero-schleicher-tappeser-dominic-stead-peter-steen>. Acesso em: 29 mai. 2024.

ALCARDE, André Ricardo. Do Proálcool ao flex fuel, etanol migrou do Estado para o mercado. **Visão Agrícola**, v. 8, p. 26-28, 2008. Disponível em: <http://www.esalq.usp.br/visaoagricola/sites/default/files/VA08-pesquisa02.pdf>. Acesso em: 24 mai. 2024.

ALFEHAID, Rawan M.; YOUNG, Karen E. Saudi Arabia's Renewable Energy Initiatives and Their Geopolitical Implications. 2024. **Center on Global Energy Policy at Columbia**. Disponível em: <https://www.energypolicy.columbia.edu/saudi-arabias-renewable-energy-initiatives-and-their-geopolitical-implications/>. Acesso em: 6 jan. 2024.

AL JAZEERA. China's Hu begins Saudi visit. **Al Jazeera**, 2009. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2009/2/10/chinas-hu-begins-saudi-visit>. Acesso em: 6 jan. 2025.

AL JAZEERA. Iran signs memorandum to join Shanghai Cooperation Organisation. **Al Jazeera**, 2023. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2022/9/15/iran-signs-memorandum-join-shanghai-cooperation-organisation>. Acesso em: 22 jan. 2025.

AL-SAIDI, Mohammad. White knight or partner of choice? The Ukraine war and the role of the Middle East in the energy security of Europe. **Energy Strategy Reviews**, v. 49, p. 101116, 2023. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2211467X23000664>. Acesso em: 29 jan. 2025.

AL-TAMIMI, Naser M. **China-Saudi Arabia relations, 1990-2012: marriage of convenience or strategic alliance?**. Routledge, 2013. Disponível em: <https://www.taylorfrancis.com/books/mono/10.4324/9780203795460/china-saudi-arabia-relations-1990-2012-naser-al-tamimi>. Acesso em: 10 jun. 2024.

AL-TAMIMI, Naser. China Saudi Arabia relations: economic partnership or strategic alliance?. Discussion Paper. **Durham University, HH Sheikh Nasser Al-Sabah Programme, Durham**. 2012 Disponível em: <https://dro.dur.ac.uk/9683/>. Acesso em: 18 jul. 2024.

ANDERSEN, Morten Skumsrud. Balance of Power. **The Encyclopedia of Diplomacy**, p. 1-12, 2018. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1002/9781118885154.dipl0339>. Acesso em: 2 jan. 2025.

ANG, Beng Wah; CHOONG, Wei Lim; NG, Tsan Sheng. Energy security: Definitions, dimensions and indexes. **Renewable and sustainable energy reviews**, v. 42, p. 1077-1093, 2015. Disponível em: [https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1364032114008892?casa\\_token=sWNizDj2osAAAAAA:ujXIUgsUZDUhF6D-6gBG-1IyJW9cLkajgoyFd8bp2deTwixm0krWsYSKEiPIHcuOtMiyprnwLC9I](https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1364032114008892?casa_token=sWNizDj2osAAAAAA:ujXIUgsUZDUhF6D-6gBG-1IyJW9cLkajgoyFd8bp2deTwixm0krWsYSKEiPIHcuOtMiyprnwLC9I). Acesso em: 19 mai. 2024.

APIIAH-OTOO, Isaac. Russia–Ukraine war and US oil prices. **Energy Research Letters**, v. 4, n. 1, 2023. Disponível em: <https://erl.scholasticahq.com/article/37691-russia-ukraine-war-and-us-oil-prices>. Acesso em: 29 jan. 2025.

ASHRAF, Eram. Economic Visions and the Making of an Islamabad–Beijing–Riyadh Triangle: Assessing Saudi Arabia's Role in the China-Pakistan Economic Corridor. **Dirasat**, v. 58, p. 1-52, 2020. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/343796661\\_Economic\\_Visions\\_and\\_the\\_Making\\_of\\_an\\_Islamabad-Beijing-Riyadh\\_Triangle\\_Assessing\\_Saudi\\_Arabia's\\_Role\\_in\\_the\\_China-Pakistan\\_Economic\\_Corridor](https://www.researchgate.net/publication/343796661_Economic_Visions_and_the_Making_of_an_Islamabad-Beijing-Riyadh_Triangle_Assessing_Saudi_Arabia's_Role_in_the_China-Pakistan_Economic_Corridor). Acesso em: 6 jan. 2024.

ATTILA, Farkas. Energy Security from a Regional Perspective—the Concept of Regional Energy Security Complexes. **MA diplomamunka, CEU Department of International Relations European Studies**, Budapest, 2012. Disponível em: [http://www.etd.ceu.edu/2013/farkas\\_attila.pdf](http://www.etd.ceu.edu/2013/farkas_attila.pdf). Acesso em: 18 jun. 2024.

AOYAMA, Rumi. “One belt, one road”: China's new global strategy. **Journal of Contemporary East Asia Studies**, v. 5, n. 2, p. 3-22, 2016. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/24761028.2016.11869094>. Acesso em: 20 ago. 2024.

BAER, Brian James. On polarization: Translation theory and Cold War politics. **Translation in Society**, 2022, 1.1: 65-82. Disponível em: <https://www.jbe-platform.com/content/journals/10.1075/tris.21010.bae>. Acesso: 13 nov. 2024.

BALASSA, Bela. Exports, policy choices, and economic growth in developing countries after the 1973 oil shock. **Journal of development economics**, v. 18, n. 1, p. 23-35, 1985. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/0304387885900045>. Acesso em: 18 jun. 2024.

BAUEN, Ausilio. Future energy sources and systems—Acting on climate change and energy security. **Journal of Power Sources**, v. 157, n. 2, p. 893-901, 2006. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0378775306004393>.

BBC News. **Xi Jinping's visit shows Saudi Arabia's importance to China**. 2016. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-middle-east-35351391>. Acesso em: 29 dez. 2024.

BIELECKI, Janusz. Energy security: is the wolf at the door?. **The quarterly review of economics and finance**, v. 42, n. 2, p. 235-250, 2002. Disponível em: [https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1062976902001370?casa\\_token=NdSXcqflk4UAAAAA:Qbm6h6sOULUuaNiwHVsywtbXBYUc2Ce0lxhYRUQLawfu2HT6k3RyIW-AcWdJzd2tKHvOfJaiDGu](https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1062976902001370?casa_token=NdSXcqflk4UAAAAA:Qbm6h6sOULUuaNiwHVsywtbXBYUc2Ce0lxhYRUQLawfu2HT6k3RyIW-AcWdJzd2tKHvOfJaiDGu). Acesso em: 9 jun. 2024.

BLOCH, Harry; RAFIQ, Shuddhasattwa; SALIM, Ruhul. Economic growth with coal, oil and renewable energy consumption in China: Prospects for fuel substitution. **Economic Modelling**, v. 44, p. 104-115, 2015. Disponível em: [https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0264999314003459?casa\\_token=H6d7wPQD37UAAAAA:jcW9lq55Utf3pJeWRj3\\_\\_Okm7asLL11JZ-r0RTugybWZWEQWtzowhSHtchqY31dLUZXLapcm3As](https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0264999314003459?casa_token=H6d7wPQD37UAAAAA:jcW9lq55Utf3pJeWRj3__Okm7asLL11JZ-r0RTugybWZWEQWtzowhSHtchqY31dLUZXLapcm3As). Acesso em: 1 jul. 2024.

BOHI, Douglas R.; TOMAN, Michael A. Energy security: externalities and policies. **Energy policy**, v. 21, n. 11, p. 1093-1109, 1993. Disponível em: [https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/030142159390260M?casa\\_token=LqSVqykapwAAAAA:i4N7HTTTTamI3BXW93vTMT2H\\_fnx28AQwFLwTXPcC4LJX6YBBbtZdLJyZ8ilQPKuJxganD7Sc](https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/030142159390260M?casa_token=LqSVqykapwAAAAA:i4N7HTTTTamI3BXW93vTMT2H_fnx28AQwFLwTXPcC4LJX6YBBbtZdLJyZ8ilQPKuJxganD7Sc). Acesso em: 29 mai. 2024.

BOHI, Douglas R.; TOMAN, Michael A. Applications of Energy Security Externalities to Transportation Policy. In: **The Economics of Energy Security**. Dordrecht: Springer Netherlands, 1996. p. 95-119. Disponível em: [https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-94-009-1808-5\\_7](https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-94-009-1808-5_7). Acesso em: 29 mai. 2024.

BRICS Policy Center. **Fórum de Cooperação China-Países Árabes**. 2016. Disponível em: <https://bricspolicycenter.org/forum-de-cooperacao-china-paises-arabes/>. Acesso em: 29 dez. 2024.

BROOKS, Stephen G.; WOHLFORTH, William C. Power, globalization, and the end of the Cold War: Reevaluating a landmark case for ideas. **International Security**, v. 25, n. 3, p. 5-53, 2000. Disponível em: [https://muse.jhu.edu/pub/6/article/447730/summary?casa\\_token=TJmRipyINhAAAAA:paCWDSMI1cAFIv54kxblCF0IO3AEqu9qcf8d8A8nwpuCn4f70HPSfsqi3hcQnS8qSwuO-VIkQA](https://muse.jhu.edu/pub/6/article/447730/summary?casa_token=TJmRipyINhAAAAA:paCWDSMI1cAFIv54kxblCF0IO3AEqu9qcf8d8A8nwpuCn4f70HPSfsqi3hcQnS8qSwuO-VIkQA). Acesso em: 3 de dez, 2024

BURKHARD, Sarah et al. **Saudi Arabia's Nuclear Ambitions and Proliferation Risks**. Washington, DC, USA: Institute for Science and International Security, 2017. Disponível em: [https://freebeacon.com/wp-content/uploads/2017/03/SaudiArabiaProliferationRisks\\_30Mar2017\\_Final.pdf](https://freebeacon.com/wp-content/uploads/2017/03/SaudiArabiaProliferationRisks_30Mar2017_Final.pdf). Acesso em: 6 jan. 2024.

BUZAN, Barry. New patterns of global security in the twenty-first century. **International affairs**, v. 67, n. 3, p. 431-451, 1991. Disponível em: <https://academic.oup.com/ia/article-abstract/67/3/431/2406749>. Acesso em: 9 jun. 2024.

BUZAN, Barry; HANSEN, Lene. **The evolution of international security studies**. Cambridge University Press, 2009.

CAFIERO, Giorgio. Saudi Arabia's Integration into the Shanghai Cooperation Organization. **Amwaj Média**, 2023. Disponível em: <https://amwaj.media/article/saudi-arabia-s-integration-into-the-shanghai-cooperation-organization>. Acesso em: 29 jan. 2025.

CARVALHO, José L. Choques externos e a resposta interna: "Semeando vento e colhendo tempestade" na agricultura brasileira. **Revista Brasileira de Economia**, v. 43, n. 2, p. 139-176, 1989. Disponível em: . <https://periodicos.fgv.br/rbe/article/download/424/7514>. Acesso em: 24 mai. 2024.

CEIC DATA (2024). China Industrial Production Index Growth. **1995 - 2024 | MONTHLY | % | CEIC DATA**. Disponível em: <https://www.ceicdata.com/en/indicator/china/industrial-production-index-growth#:~:text=China%20Industrial%20production%20index%20growth%20rate%20YoY%20data%20is%20update,d.an%20average%20rate%20of%2010.3%20%25>. Acesso em: 19 ago. 2024.

CHAN, L. H. Australia's Strategic Hedging in the Indo-Pacific: A 'Third Way' Beyond Either China or the US. **Australia-China Relations Institute Policy Paper**, 2019. Disponível em: [https://opus.lib.uts.edu.au/bitstream/10453/142849/2/ACRI\\_Australia%E2%80%99s%20strategic%20hedging%20in%20the%20Indo-Pacific%20-%20a%20%E2%80%98third%20way%E2%80%99%20beyond%20either%20China%20or%20the%20US%20-%20Lai-Ha%20Chan.pdf](https://opus.lib.uts.edu.au/bitstream/10453/142849/2/ACRI_Australia%E2%80%99s%20strategic%20hedging%20in%20the%20Indo-Pacific%20-%20a%20%E2%80%98third%20way%E2%80%99%20beyond%20either%20China%20or%20the%20US%20-%20Lai-Ha%20Chan.pdf). Acesso em: 2 jan. 2025.

CHANLETT-AVERY, E. Singapore: Background and US relations. **Congressional Research Service**, 2008. Disponível em: <https://apps.dtic.mil/sti/citations/ADA492975>. Acesso em: 2 jan. 2025.

CHAZIZA, M. Strategic Hedging Partnership: A New Framework for Analyzing Sino-Saudi Relations. **Israel Journal of Foreign Affairs**, v. 9, n. 3, p. 441-452, 2015. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/23739770.2015.1120017?journalCode=rifa20>. Acesso em: 2 jan. 2025.

CHAZIZA, Mordechai. China's Middle East Policy: The ISIS Factor. **Middle East Policy**, v. 23, n. 1, 2016. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Mordechai-Chaziza/publication/374327572\\_China's\\_Middle\\_East\\_Policy\\_The\\_ISIS\\_Factor/links/6571b513ea5f7f02054bf038/Chinas-Middle-East-Policy-The-ISIS-Factor.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Mordechai-Chaziza/publication/374327572_China's_Middle_East_Policy_The_ISIS_Factor/links/6571b513ea5f7f02054bf038/Chinas-Middle-East-Policy-The-ISIS-Factor.pdf). Acesso em: 4 jan. 2025.

CHECKEL, J.T.. Process Tracing. In: Klotz, A., Prakash, D. (eds) **Qualitative Methods in International Relations**. Research Methods Series. Palgrave Macmillan, London. 2020.

CHEN, D. China's Belt and Road Initiative and Saudi Vision 2030: A Review of the Partnership for Sustainability. **The King Abdullah Petroleum Studies and Research Center (KAPSARC), Saudi Arabia**, 2021. Disponível em: <https://www.kapsarc.org/wp-content/uploads/2021/10/KS-2021-DP16-China%E2%80%99s-BR-I-and-Saudi-Vision-2030-A-Review-to-Partnership-for-sustainability.pdf>. Acesso em: 6 jan. 2024.

CHEN, Dongmei; HAN, Wenke. Deepening Cooperation Between Saudi Arabia and China. **King Abdullah Petroleum Studies and Research Center**, p. 24, 2019. Disponível em:

<https://www.kapsarc.org/wp-content/uploads/2019/03/Deepening-Cooperation-Between-Saudi-Arabia-and-China.pdf>. Acesso em: 29 dez. 2024.

CHEN, James. The emergence of China in the Middle East. **Strategic Forum** 2011. Recuperado de: <https://digitalcommons.ndu.edu/strategic-forums/71/>. Acesso em: 18 jan. 2025.

CHEN, Juan; SHU, Meng; WEN, Shaobiao. Aligning China's belt and road initiative with Saudi Arabia's 2030 vision: Opportunities and challenges. **China Quarterly of International Strategic Studies**, v. 4, n. 03, p. 363-379, 2018. Disponível em: <https://www.worldscientific.com/doi/abs/10.1142/S2377740018500203>. Acesso em: 16 dez. 2024.

CHESTER, Lynne. Conceptualising energy security and making explicit its polysemic nature. **Energy policy**, v. 38, n. 2, p. 887-895, 2010. Disponível em: [https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0301421509007861?casa\\_token=MmbGohihEPOAAAAA:JJeM\\_Ugh\\_HIFvGLqRCrlgyRRZw91dpV1HXhL8aEyU5f3HvIQCO2WTgpJXc-cPC\\_F2ypeTnaLVQVA](https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0301421509007861?casa_token=MmbGohihEPOAAAAA:JJeM_Ugh_HIFvGLqRCrlgyRRZw91dpV1HXhL8aEyU5f3HvIQCO2WTgpJXc-cPC_F2ypeTnaLVQVA). Acesso em: 19 mai. 2024.

CHINA. Ministry of Foreign Affairs of the People's Republic of China. **Memorandum of Understanding On Petroleum Cooperation between the Government of the People's Republic of China and the Government of the Kingdom of Saudi Arabia**. 2002 Disponível em: [https://www.fmprc.gov.cn/eng/gjhdq\\_665435/2675\\_665437/2878\\_663746/2879\\_663748/202406/t20240607\\_11413045.html](https://www.fmprc.gov.cn/eng/gjhdq_665435/2675_665437/2878_663746/2879_663748/202406/t20240607_11413045.html). Acesso em: 13 dez. 2024.

CIORCIARI, John D.; HAACKKE, Jürgen. Hedging in international relations: an introduction. **International Relations of the Asia-Pacific**, v. 19, n. 3, p. 367-374, 2019. Disponível em: <https://academic.oup.com/irap/article-abstract/19/3/367/5563899>. Acesso em: 18 abr. 2024.

CIORCIARI, J. D. The variable effectiveness of hedging strategies. **International Relations of the Asia-Pacific**, v. 19, n. 3, p. 523-555, 2019. Disponível em: <https://academic.oup.com/irap/article-abstract/19/3/523/5490628?login=false>. Acesso em: 2 jan. 2025.

COLLIER, David. Understanding process tracing. **PS: political science & politics**, 2011, 44.4: 823-830. Disponível em: [https://philsci-archive.pitt.edu/8872/1/Bennett\\_Chapter\\_in\\_Brady\\_and\\_Collier\\_Second\\_Edition.pdf](https://philsci-archive.pitt.edu/8872/1/Bennett_Chapter_in_Brady_and_Collier_Second_Edition.pdf). Acesso em: 14 de nov. 2024.

CORRÊA, Alexandre Palhano. Industrialização, demanda energética e indústria de petróleo e gás na China. **China em Transformação. dimensões econômicas e geopolíticas do desenvolvimento**, p. 189-236, 2015. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Eduardo-Pinto-11/publication/301892779\\_China\\_em\\_transformacao\\_dimensoes\\_economicas\\_e\\_geopoliticas\\_o\\_desenvolvimento/links/572bb69208ae057b0a095755/China-em-transformacao-dimensoes-economicas-e-geopoliticas-o-desenvolvimento.pdf#page=191](https://www.researchgate.net/profile/Eduardo-Pinto-11/publication/301892779_China_em_transformacao_dimensoes_economicas_e_geopoliticas_o_desenvolvimento/links/572bb69208ae057b0a095755/China-em-transformacao-dimensoes-economicas-e-geopoliticas-o-desenvolvimento.pdf#page=191). Acesso em: 17 abr. 2024.

CUNHA, Eleonora Schettini Martins; ARAÚJO, Carmem E. Leitão. **Process tracing nas Ciências Sociais: fundamentos e aplicabilidade**. Enap: Brasília, 2018.

DAOJIONG, Z.. China's energy security: Domestic and international issues. **Survival**, 48(1), 179-190. 2006. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00396330600594322?journalCode=tsur20>. Acesso em: 22 jan. 2025.

DOWNS, E. S.. The Chinese energy security debate. **The China Quarterly**, 177, 21-41. 2004. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/china-quarterly/article/chinese-energy-security-debate/A35860A63A2D294EE33BE70883D0A924>. Acesso em: 18 jun. 2024.

EIA. China. **U.S. Energy Information Administration**. 2023. Disponível em: <https://www.eia.gov/international/analysis/country/chn>. Acesso em: 10 jun. 2024.

EIA, US ENERGY INFORMATION ADMINISTRATION. **Saudi Arabia**, 2021. Disponível em: <https://www.eia.gov/international/overview/country/sau>. Acesso em: 2 jan. 2025.

EIA. What's driving decreasing gasoline consumption in China?. **Energy Information Administration**. 2024. Disponível em: <https://www.eia.gov/todayinenergy/detail.php?id=63764>. Acesso em: 18 jan. 2025.

EL MALLAKH, R.. *Saudi Arabia: Rush to Development (RLE Economy of Middle East): Profile of an energy economy and investment*. Routledge: London. 2015. Recuperado de <https://www.taylorfrancis.com/books/mono/10.4324/9781315744414/saudi-arabia-rush-development-rle-economy-middle-east-ragaiei-el-mallakh>.

ENR. Bureau of Energy Resources. **U.S. Department of State**. 2024. Disponível em <https://www.state.gov/bureaus-offices/under-secretary-for-economic-growth-energy-and-the-environment/bureau-of-energy-resources/>. Acesso em: 21 mai. 2024.

EUROPEAN COMMISSION (2024). Energy Security. **Energy**. Disponível em: [https://energy.ec.europa.eu/topics/energy-security\\_en](https://energy.ec.europa.eu/topics/energy-security_en). Acesso em: 19 jun. 2024.

EUROPEAN COMMISSION. DIRECTORATE-GENERAL FOR ENERGY. **Green Paper: Towards a European strategy for the security of energy supply**. Office for Official Publications of the European Communities, 2000. Disponível em: <https://op.europa.eu/en/publication-detail/-/publication/0ef8d03f-7c54-41b6-ab89-6b93e61fd37c/language-en>. Acesso em: 29 mai. 2024.

FAN, Ying; XIA, Yan. Exploring energy consumption and demand in China. **Energy**, v. 40, n. 1, p. 23-30, 2012. Disponível em: [https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0360544211006591?casa\\_token=NzIF7hl1RS8AAAAA:O8T2mDdKzJjtzme0IaS3iiaErwYNS3S0ODVRS4ykX5eD8BDdF1tGI\\_wwuyYcIIwNjf5RTh8GjKG5](https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0360544211006591?casa_token=NzIF7hl1RS8AAAAA:O8T2mDdKzJjtzme0IaS3iiaErwYNS3S0ODVRS4ykX5eD8BDdF1tGI_wwuyYcIIwNjf5RTh8GjKG5). Acesso em: 10 jun. 2024,

FERNANDES, Carla Patrício. A contribution to the analysis of energy security. **Geopolitics of Energy and Energy Security**. Lisboa: Instituto da Defesa Nacional, p. 61-78, 2017. Disponível em: [http://chinhnghia.com/idncadernos\\_24.pdf#page=63](http://chinhnghia.com/idncadernos_24.pdf#page=63). Acesso em: 22 mai. 2024.

FERNANDES, Carla Patrício. Segurança Energética: Para Quem, Por Quem e De Que Ameaças?. **Nação e Defesa**, n. 153, p. 73-100, 2019. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/nacao/article/view/30850>. Acesso em: 22 mai. 2024.

FUJIAN PROVINCIAL GOVERNMENT. Outline of the 14th Five-Year Plan (2021-2025) for National Economic and Social Development and Vision 2035 of the People's Republic of China. **Fujian Provincial Government**. 2021. Disponível em: [https://www.fujian.gov.cn/english/news/202108/t20210809\\_5665713.htm](https://www.fujian.gov.cn/english/news/202108/t20210809_5665713.htm). Acesso em: 20 jun. 2024.

FULTON, Jonathan. China-Saudi Arabia relations through the '1+ 2+ 3' cooperation pattern. **Asian Journal of Middle Eastern and Islamic Studies**, v. 14, n. 4, p. 516-527, 2020. Disponível em: [https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/25765949.2020.1841991?casa\\_token=lfV25i1bE3sAAAAA:Kuod9dVbJsOjJEwv-fIllu\\_zEhGXC3hot6uEwMVaxec6vWyTUsAJPxaz06U4JF2-leOYhodDpVANMh4keA](https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/25765949.2020.1841991?casa_token=lfV25i1bE3sAAAAA:Kuod9dVbJsOjJEwv-fIllu_zEhGXC3hot6uEwMVaxec6vWyTUsAJPxaz06U4JF2-leOYhodDpVANMh4keA). Acesso em: 10 jun. 2024.

FULTON, Jonathan. Situating Saudi Arabia in China's belt and road initiative. **Asian Politics & Policy**, v. 12, n. 3, p. 362-383, 2020. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/aspp.12549>. Acesso em: 28 dez. 2024.

FUSER, Igor. O petróleo e a política dos EUA no Golfo Pérsico: a atualidade da Doutrina Carter. **Lutas Sociais**, n. 17/18, p. 23-37, 2007. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/ls/article/view/18655>. Acesso em: 24 mai. 2024.

GARLICK, Jeremy; HAVLOVÁ, Radka. China's "Belt and Road" economic diplomacy in the persian gulf: Strategic Hedging amidst Saudi-Iranian Regional Rivalry. **Journal of Current Chinese Affairs**, v. 49, n. 1, p. 82-105, 2020. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1868102619898706>. Acesso em: 18 jun. 2024.

GASTALDI, Fernanda Castro; MENDONÇA, Filipe. Petróleo, armas e dinheiro: A Arábia Saudita e o poder global dos Estados Unidos (2001-2018). **OIKOS**, v. 18, n. 2, 2019. Disponível em: [https://revistas.ufjf.br/index.php/oikos/article/view/52011/28300?utm\\_source=chatgpt.com](https://revistas.ufjf.br/index.php/oikos/article/view/52011/28300?utm_source=chatgpt.com). Acesso: 24 jan. 2025.

GIBSON, Martin William. **British strategy and oil, 1914-1923**. 2012. Tese de Doutorado. University of Glasgow. Disponível em: <https://theses.gla.ac.uk/3160>. Acesso em: 17 mai. 2024.

GIRI, Naresh. **Balance of Power Theory in Present International System**, 2021. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/349236417\\_Balance\\_of\\_Power\\_Theory\\_in\\_Present\\_International\\_System](https://www.researchgate.net/publication/349236417_Balance_of_Power_Theory_in_Present_International_System). Acesso em: 2 jan. 2025.

GOH, Evelyn. The US-China relationship and Asia-Pacific security: negotiating change. **Asian Security**, v. 1, n. 3, p. 216-244, 2005. Disponível em: [https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/14799850500341916?casa\\_token=kFhJ0JTaarwAAAAA:zEM\\_wbwAC3dF7JKGV3KS5GI412SFr7NMS\\_tT27CeNHGQ9RoYyQ83A4KRvB\\_TPcirBAviFOb0dP4IYWvYg](https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/14799850500341916?casa_token=kFhJ0JTaarwAAAAA:zEM_wbwAC3dF7JKGV3KS5GI412SFr7NMS_tT27CeNHGQ9RoYyQ83A4KRvB_TPcirBAviFOb0dP4IYWvYg). Acesso em: 18 jun. 2024.

HAACKE, Jürgen. The concept of hedging and its application to Southeast Asia: A critique and a proposal for a modified conceptual and methodological framework. **International Relations of the Asia-Pacific**, v. 19, n. 3, p. 375-417, 2019. Disponível em: <https://academic.oup.com/irap/article-abstract/19/3/375/5513236>. Acesso em: 18 abr. 2024.

HAMDI, S.; SALMAN, M. The hedging strategy of small Arab Gulf states. **Asian Politics & Policy**, v. 12, n. 2, p. 127-152, 2020. Disponível em: [https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/aspp.12528?casa\\_token=fdAxUu2fiBoAAAAA:me9\\_g6KTEuQnsfmalHZSlncTr6KDsEYSwJ66N-KTdOIFFSmzbcBCyg2IogIxtLOmr4AN3xme9bNposumEmQ](https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/aspp.12528?casa_token=fdAxUu2fiBoAAAAA:me9_g6KTEuQnsfmalHZSlncTr6KDsEYSwJ66N-KTdOIFFSmzbcBCyg2IogIxtLOmr4AN3xme9bNposumEmQ). Acesso em: 2 jan. 2025.

HELLEINER, Eric. Understanding the 2007–2008 global financial crisis: Lessons for scholars of international political economy. **Annual review of political science**, v. 14, n. 1, p. 67-87, 2011. Disponível em: <https://www.annualreviews.org/content/journals/10.1146/annurev-polisci-050409-112539>. Acesso em: 31 jan. 2025.

HENRIQUES, Anna Beatriz Leite; LEITE, Alexandre Cesar Cunha; JÚNIOR, Augusto Wagner Menezes Teixeira. Reavivando o método qualitativo: as contribuições do Estudo de Caso e do Process Tracing para o estudo das Relações Internacionais. **Revista Debates**, v. 9, n. 1, p. 09-23, 2015. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/debates/article/view/52333>. Acesso em: 18 abr. 2024.

HEWISON, K. Thailand: An old relationship renewed. **The Pacific Review**, v. 31, n. 1, p. 116-130, 2018. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/09512748.2017.1357653>. Acesso em: 2 jan. 2025.

HOUGHTON, Benjamin. China's balancing strategy between Saudi Arabia and Iran: the view from Riyadh. **Asian Affairs**, v. 53, n. 1, p. 124-144, 2022. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/03068374.2022.2029065>. Acesso em: 29 dez. 2024.

HUANG S. **International trade geography** [M].Guang Zhou: jinan university press, 13-15. 2009.

IEA. Reliable, affordable access to all fuels and energy sources: **Energy Security. International Energy Agency**. 2024. Disponível em: <https://www.iea.org/topics/energy-security>. Acesso em: 29 mai. 2024.

IANCHOVICHINA, Elena; MARTIN, Will. Trade liberalization in China's accession to the World Trade Organization. **World Bank Publications**, 2001. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=19N\\_inNgMicC&oi=fnd&pg=PA8&dq=china+and+trade+organization+2001&ots=iA1TO8KMiS&sig=VfvqsyILcZYMODgP8NqUrvSKLZk](https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=19N_inNgMicC&oi=fnd&pg=PA8&dq=china+and+trade+organization+2001&ots=iA1TO8KMiS&sig=VfvqsyILcZYMODgP8NqUrvSKLZk). Acesso em: 16 dez. 2024.

JACKSON, V. Power, trust, and network complexity: Three logics of hedging in Asian security. **International Relations of the Asia-Pacific**, v. 14, n. 3, p. 331-356, 2014. Disponível em: <https://academic.oup.com/irap/article/14/3/331/838526?login=false>. Acesso em: 2 jan. 2025.

JASH, Amrita. Saudi-Iran Deal: A Test Case of China's Role as an International Mediator. **Georgetown Journal of International Affairs**. 2023. Disponível em: <https://gija.georgetown.edu/2023/06/23/saudi-iran-deal-a-test-case-of-chinas-role-as-an-international-mediator/>. Acesso em: 29 jan. 2025.

JONES, Donald W. How urbanization affects energy-use in developing countries. **Energy policy**, v. 19, n. 7, p. 621-630, 1991. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/0301421591900945>. Acesso em: 10 jun. 2024.

KAPLAN, Robert. **A Vingança da Geografia: a construção do mundo geopolítico a partir da perspectiva geográfica**. Amsterdã: Elsevier. 2013. ISBN: 978-8535270952.

KAS. BRICS Plus: What Next for the Global South?. **Konrad Adenauer Stiftung**. 2023 Disponível em: <https://www.kas.de/en/brics-plus>. Acesso em: 29 jan. 2025.

KAYANI, Farrukh Nawaz; SALEEM, Khalil Abu. Strangers to strategic allies: An overview of thriving, prospering and blossoming Sino-Saudi relations. **WSEAS Transactions on Business and Economics**, v. 21, n. 110, p. 2355-2361, 2024. Disponível em: <https://www.wseas.com/journals/bae/2024/c265107-2717.pdf>. Acesso em: 16 dez. 2024.

KEOHANE, Robert O.; NYE, Joseph S. Power and interdependence revisited. **International organization**, v. 41, n. 4, p. 725-753, 1987. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/international-organization/article/power-and-interdependence-revisited/F9A484FBBF233AC29FE8BE79D16C382D>. Acesso em: 18 jun. 2024.

KHAN, Anwar et al. Impact of technological innovation, financial development and foreign direct investment on renewable energy, non-renewable energy and the environment in belt & Road Initiative countries. **Renewable Energy**, v. 171, p. 479-491, 2021. Disponível em: [https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0960148121002500?casa\\_token=\\_HwfiHiBaHYAAAAA:H4s7YQhZAZNzTUMND79OQlpDsAMEhh2Y8beXWTAIrRqOROrpfLRz7jIh9UVOC-sA7\\_jk9X\\_NGg](https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0960148121002500?casa_token=_HwfiHiBaHYAAAAA:H4s7YQhZAZNzTUMND79OQlpDsAMEhh2Y8beXWTAIrRqOROrpfLRz7jIh9UVOC-sA7_jk9X_NGg). Acesso: 29 dez. 2024.

KHONG, Y. F. Coping with Strategic Uncertainty: The Role of Institutions and Policies in the Evolution of the ASEAN Regional Forum. **Institute of Southeast Asian Studies**, 1997. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/resrep05715>. Acesso em: 2 jan. 2025.

KING, Gary; KEOHANE, Robert O.; VERBA, Sidney. **Designing social inquiry: Scientific inference in qualitative research**. Princeton university press: New Jersey, 1994.

KLAUS, Oliver. Ready, steady, gas: the Saudi gas sector is set for significant investment in 2004. Oil and petrochemicals projects are not being ignored either. **MEED Middle East Economic Digest**, v. 48, n. 2, p. 40-42, 2004. Disponível em: <https://go.gale.com/ps/i.do?id=GALE%7CA112689227&sid=googleScholar&v=2.1&it=r&linkaccess=abs&issn=00477230&p=AONE&sw=w>. Acesso em: 24 dez. 2024.

KOBAYASHI, Yoshikazu. Corporate Strategies of Saudi Aramco. **The James A Baker III Institute for Public Policy**, Rice University, Texas, US, 2007. Disponível em: [http://large.stanford.edu/publications/power/references/baker/studies/noc/docs/NOC\\_Kobayashi%20SAramco.pdf](http://large.stanford.edu/publications/power/references/baker/studies/noc/docs/NOC_Kobayashi%20SAramco.pdf). Acesso em: 16 dez. 2024.

KOGA, K. The concept of “hedging” revisited: the case of Japan's foreign policy strategy in East Asia's power shift. **International Studies Review**, v. 20, n. 4, p. 633-660, 2018. Disponível em: <https://academic.oup.com/isr/article/20/4/633/4781685?login=false>. Acesso em: 2 jan. 2025.

KOROLEV, A. Russia in the South China Sea: balancing and hedging. **Foreign Policy Analysis**, v. 15, n. 2, p. 263-282, 2019. Disponível em: <https://academic.oup.com/fpa/article-abstract/15/2/263/4860420?login=false>. Acesso em: 2 jan. 2025.

LEITE, Alexandre César Cunha. **O projeto de desenvolvimento econômico chinês–1978-2008: a singularidade de seus fatores políticos e econômicos**. 2011. 219f . 2011. Tese de Doutorado. Tese de (Doutorado)-Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. Disponível em: [https://www.lareferencia.info/vufind/Record/BR\\_cc6409a59723ea0d591c3e0e51a189a6](https://www.lareferencia.info/vufind/Record/BR_cc6409a59723ea0d591c3e0e51a189a6). Acesso em: 21 ago. 2024.

LEVY, Walter J. Oil and the Decline of the West. **Foreign Affairs**, v. 58, n. 5, p. 999-1015, 1980. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/20040578>. Acesso em: 18 jun. 2024.

LIEBER, Robert J. Oil and power after the Gulf War. **International Security**, v. 17, n. 1, p. 155-176, 1992. Disponível em: <https://direct.mit.edu/isec/article-pdf/17/1/155/691586/isec.17.1.155.pdf>. Acesso em: 16 dez. 2024.

LI, Hui et al. A novel nonlinear multivariable Verhulst grey prediction model: A case study of oil consumption forecasting in China. **Energy Reports**, v. 8, p. 3424-3436, 2022. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2352484722003973>. Acesso em: 1 jul. 2024.

LI, Jun; WANG, Xin. Energy and climate policy in China's twelfth five-year plan: A paradigm shift. **Energy Policy**, v. 41, p. 519-528, 2012. Disponível em: [https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0301421511008895?casa\\_token=leNHCd-PeU0AAAAA:Knbw31LbVMvMnX6o3uPQtjCTA5vf859z323Zb5bSxBKd-A-2gLnTtv9ZmKOrCY0I4hti5Q4I5e-c](https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0301421511008895?casa_token=leNHCd-PeU0AAAAA:Knbw31LbVMvMnX6o3uPQtjCTA5vf859z323Zb5bSxBKd-A-2gLnTtv9ZmKOrCY0I4hti5Q4I5e-c). Acesso em: 10 jun. 2024.

LI, M., LI, L., & STRIELKOWSKI, W. (2019). The impact of urbanization and industrialization on energy security: A case study of China. **Energies**, 12(11), 2194. Disponível em: <https://www.mdpi.com/1996-1073/12/11/2194>. Acesso em: 18 jun. 2024.

LI, M. Rising from Within: China's Search for a Multilateral World and its Implications for Sino-US Relations. **Global Governance**, v. 17, n. 3, p. 331-351, 2011. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/23033744>. Acesso em: 2 jan. 2025.

LIM, Tai Wei et al. **China's one belt one road initiative**. World Scientific: Singapura, 2016.

LIN, Christina. The Belt and Road and China's long-term visions in the Middle East. **ISPSW Strategy Series**, v. 512, p. 1-10, 2017. Disponível em: <https://css.ethz.ch/content/dam/ethz/special-interest/gess/cis/center-for-securities-studies/resources/docs/ISPSW-512%20Lin.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2024.

LOIOLA, Isabella Barbosa; LEITE, Alexandre Cesar Cunha; SPELLMANN, Samuel. A Cooperação Estratégica China-Irã no Setor Energético Frente à Hegemônia Norte-americana. **REI-Revista de Estudos Internacionais**, v. 14, n. 1, 2023. Disponível em: <https://revista.uepb.edu.br/REI/article/view/1731>. Acesso em: 18 abr. 2024.

LUBELL, Harold. Security of supply and energy policy in Western Europe. **World Politics**, v. 13, n. 3, p. 400-422, 1961. Recuperado de <https://www.cambridge.org/core/journals/world-politics/article/security-of-supply-and-energy-policy-in-western-europe/E3A94F450D9D5BBB8AB677887957A44F>. Acesso em: 22 mai. 2024.

MACKINDER, Halford J.. The geographical pivot of history. **The Geographical Journal**, 23 (4): 421-437. 1904. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1775498?origin=crossref>. Acesso em: 18 abr. 2024.

MAJEROWICZ, E.; PARANÁ, E. (Orgs.). **A China no capitalismo contemporâneo**. São Paulo: Expressão popular. 2022. ISBN: 978-65-5891-063-3.

MEARSHEIMER, J. J. The false promise of international institutions. In: **International Organization**. Routledge, p. 237-282, 1994. Disponível em: <https://www.taylorfrancis.com/chapters/edit/10.4324/9781315251981-9/false-promise-international-institutions-john-mearsheimer>. Acesso em: 2 jan. 2025.

MEARSHEIMER, J. J.. **The tragedy of great power politics**. WW Norton & Company: New York. 2001.

MEDEIROS, Carlos Aguiar de. **A China como duplo pólo na economia mundial: desindustrialização e reprimarização no Brasil e América Latina**. 2012. Disponível em: <http://www.iea.usp.br/publicacoes/textos/medeiroschina.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2024.

MEDEIROS, Evan S. Strategic hedging and the future of Asia-pacific stability. **The Washington Quarterly**, v. 29, n. 1, p. 145-167, 2005. Disponível em: [https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1162/016366005774859724?casa\\_token=Ed5nomQC4SEAAAAA:7\\_XuMwUzmL5Y1Txsnl4R0ysJpi4uGWnqqpNw-E9MLS5tCOxKGFvXHZbOpDUdxlbDq4F-xG62YUtGmfGg](https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1162/016366005774859724?casa_token=Ed5nomQC4SEAAAAA:7_XuMwUzmL5Y1Txsnl4R0ysJpi4uGWnqqpNw-E9MLS5tCOxKGFvXHZbOpDUdxlbDq4F-xG62YUtGmfGg). Acesso em: 18 jun. 2024.

MELIKOGLU, Mehmet. Shale gas: Analysis of its role in the global energy market. **Renewable and Sustainable Energy Reviews**, v. 37, p. 460-468, 2014. Disponível em: [https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1364032114003189?casa\\_token=bouDeYXNijMAAAAAA:xFWe6VQEZ5-WHFfrLLsKYSQx4LX2SI-E1-WqUPbdFRjHTSwT2GFPUXINGlZ-u2uBdAouKqznmv4](https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1364032114003189?casa_token=bouDeYXNijMAAAAAA:xFWe6VQEZ5-WHFfrLLsKYSQx4LX2SI-E1-WqUPbdFRjHTSwT2GFPUXINGlZ-u2uBdAouKqznmv4). Acesso em: 27 dez. 2024.

MELLO, A. S.; Parsons, J. E. Strategic hedging. **Journal of Applied Corporate Finance**, v. 12, n. 3, p. 43-54, 1999. Disponível em: [https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1745-6622.1999.tb00029.x?casa\\_token=UQpl3CnjljUAAAAA:-lbwwHvgKCGZan7wNL\\_ALUzztR5PL20qp9IR4zkpy1w\\_0xNIhQfRv\\_uFqVLyUq8pjNwm5mtbqI3WDZAmdw](https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1745-6622.1999.tb00029.x?casa_token=UQpl3CnjljUAAAAA:-lbwwHvgKCGZan7wNL_ALUzztR5PL20qp9IR4zkpy1w_0xNIhQfRv_uFqVLyUq8pjNwm5mtbqI3WDZAmdw). Acesso em: 2 jan. 2025.

MFA. His Majesty King Abdullah to Visit China. **Embassy of the RPC in the Kingdom of Saudi Arabia** 19 jan. 2006. Disponível em: [http://sa.china-embassy.gov.cn/eng/xwdt/200601/t20060119\\_1647041.htm](http://sa.china-embassy.gov.cn/eng/xwdt/200601/t20060119_1647041.htm). Acesso em: 26 dez. 2024.

MFA. Visit by President Jiang Zemin to Six Countries in Europe, Africa and Asia. **Ministry of Foreign Affairs The People's Republic of China**. 2024. Disponível em:

[https://www.mfa.gov.cn/eng/zy/wjls/3604\\_665547/202405/t20240531\\_11367582.html](https://www.mfa.gov.cn/eng/zy/wjls/3604_665547/202405/t20240531_11367582.html). Acesso em: 26 dez. 2024.

MING-TE, H.; LIU, T. T. T. Sino-U.S. Strategic Competition in Southeast Asia: China's Rise and U.S. Foreign Policy Transformation since 9/11. **Political Perspectives**, v. 5, n. 3, p. 96-119, 2011. Disponível em: <https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/6508855/Sino-US-strategic-competition1-libre.pdf>. Acesso em: 2 jan. 2025.

MORK, Knut Anton. Business cycles and the oil market. **The Energy Journal**, v. 15, n. 1\_suppl, p. 15-38, 1994. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.5547/ISSN0195-6574-EJ-Vol15-NoSI-3>. Acesso em: 27 dez. 2024.

MUKHAMMADSIDIQOV, Mukhammadolim; TURAEV, Abrar. The Influence Of The Energy Factor On Modern International Relations. **The American Journal of Political Science Law and Criminology**, v. 2, n. 12, p. 5-15, 2020. Disponível em: <https://inlibrary.uz/index.php/tajpslc/article/view/12056>. Acesso em: 18 jun. 2024.

NAKOV, Anton; NUNO, Galo. Saudi Arabia and the oil market. **The Economic Journal**, v. 123, n. 573, p. 1333-1362, 2013. Disponível em: <https://academic.oup.com/ej/article-abstract/123/573/1333/5081401>. Acesso em: 1 jul. 2024.

NEVO, Joseph. Religion and national identity in Saudi Arabia. **Middle Eastern Studies**, 1998, 34.3: 34-53. Disponível: [https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/00263209808701231?casa\\_token=PIQEmcV5IjOAAAAA:HM2mjCg9Dse-WHFIMP2QIE8Rq3O0pU0yQIdNGFqzbzRwDUrmHiLDsllaKUIIuvc13TzG7eeu4xkmmfg](https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/00263209808701231?casa_token=PIQEmcV5IjOAAAAA:HM2mjCg9Dse-WHFIMP2QIE8Rq3O0pU0yQIdNGFqzbzRwDUrmHiLDsllaKUIIuvc13TzG7eeu4xkmmfg). Acesso em: 13 nov. 2024.

NURUNNABI, Mohammad. Transformation from an oil-based economy to a knowledge-based economy in Saudi Arabia: the direction of Saudi vision 2030. **Journal of the Knowledge Economy**, v. 8, p. 536-564, 2017. Disponível em: [https://idp.springer.com/authorize/casa?redirect\\_uri=https://link.springer.com/article/10.1007/s13132-017-0479-8&casa\\_token=qDn\\_8THzsFgAAAAA:kTj29J9\\_SvBe-AmfRR6gm-YjKtSBgmb1hBOvab8A3czwTyAWp4HyhFvuuJYMWuOPtlbHNRU36foy-uS9jQ](https://idp.springer.com/authorize/casa?redirect_uri=https://link.springer.com/article/10.1007/s13132-017-0479-8&casa_token=qDn_8THzsFgAAAAA:kTj29J9_SvBe-AmfRR6gm-YjKtSBgmb1hBOvab8A3czwTyAWp4HyhFvuuJYMWuOPtlbHNRU36foy-uS9jQ). Acesso em: 18 dez. 2024.

ODELL, P. **Oil and world power: a geographical interpretation**. Harmondsworth: Penguin Pelican. 1970.

OECD (Organization for Economic Co-operation and Development). **Energy Security and Climate Policy-Assessing Interactions**. Organization for Economic Co-operation and Development, 2007. Disponível em: [https://www.oecd-ilibrary.org/energy/energy-security-and-climate-policy-assessing-interactions\\_9789264109940-en](https://www.oecd-ilibrary.org/energy/energy-security-and-climate-policy-assessing-interactions_9789264109940-en). Acesso em: 29 mai. 2024.

OPEC. Saudi Arabia facts and figures. **Organization of the Petroleum Exporting Countries**. 2022. Disponível em: [https://www.opec.org/opec\\_web/en/about\\_us/169.htm](https://www.opec.org/opec_web/en/about_us/169.htm). Acesso em: 18 abr. 2024.

OTTAWAY, David. The King and us: US-Saudi relations in the wake of 9/11. **Foreign Aff.**, v. 88, p. 121, 2009. Disponível em: [https://heinonline.org/hol-cgi-bin/get\\_pdf.cgi?handle=hein.journals/fora88&section=46](https://heinonline.org/hol-cgi-bin/get_pdf.cgi?handle=hein.journals/fora88&section=46). Acesso em: 27 dez. 2024.

PAIVA, Iure. Relações internacionais, mudanças climáticas e dimensão ambiental da segurança energética: Inserção da temática na estrutura política, jurídica e institucional do Brasil. **Comércio, globalização e formação do capital social**. Belo Horizonte: Arraes Editores, p. 393-407, 2015. Disponível em: <http://plone.ufpb.br/gesene/contents/documentos/publicacoes/cbdi-2015-relacoes-internacionais-mudancas-climaticas-e-dimensao-ambiental-da-seguranca-energetica-insercao-da-tematica-na-estrutura-politica-juridica-e-institucional-do-brasil-1.pdf/@@download/file/CBDI%202015%20-%20Rela%C3%A7%C3%B5es%20internacionais,%20mudan%C3%A7as%20clim%C3%A1ticas%20e%20dimens%C3%A3o%20ambiental%20da%20seguran%C3%A7a%20energ%C3%A9tica%20-%20Inser%C3%A7%C3%A3o%20da%20tem%C3%A1tica%20na%20estrutura%20pol%C3%ADtica,%20jur%C3%ADica%20e%20institucional%20do%20Brasil.pdf>. Acesso em: 29 mai. 2024.

PAINTER, David S. Oil and the American century. **The Journal of American History**, v. 99, n. 1, p. 24-39, 2012. Disponível em: <https://academic.oup.com/jah/article-abstract/99/1/24/854919>. Acesso em: 20 ago. 2024.

PANT, Harsh V. Saudi Arabia Woos China and India. **Middle East Quarterly**, 2006. Disponível em: <https://www.meforum.org/1019/saudi-arabia-woos-china-and-india>. Acesso em: 16 dez. 2024.

PAKHOMOV, N. V. Global Energy Security as Global Public Good. **MGIMO Review of International Relations**, n. 1 (52), p. 173-186, 2017. Disponível em: [https://www.vestnik.mgimo.ru/jour/article/view/660/0?locale=en\\_US](https://www.vestnik.mgimo.ru/jour/article/view/660/0?locale=en_US). Acesso em: 18 jun. 2024.

PAUTASSO, D., OLIVEIRA, L. K. D.. A segurança energética da China e as reações dos EUA. **Contexto Internacional**, 30, 361-398. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cint/a/5pvsK6sqYCfz3HDtwNLTQkG/?lang=pt&format=html>. Acesso em: 23 jan. 2025.

PAUTASSO, Diego; UNGARETTI, Carlos Renato. A Nova Rota da Seda e a recriação do sistema sinocêntrico. **Estudos Internacionais: revista de relações internacionais da PUC Minas**, v. 4, n. 3, p. 25-44, 2016. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/estudosinternacionais/article/view/P.2317-773X.2016v4n3p25>. Acesso em: 10 jun. 2024.

PENG ER, L. Singapore-China relations in geopolitics, economics, domestic politics and public opinion: an awkward “special relationship”?. **Journal of Contemporary East Asia Studies**, v. 10, n. 2, p. 203-217, 2021. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/24761028.2021.1951480>. Acesso em: 2 jan. 2025.

POLLACK, J.. Saudi Arabia and the United States, 1931-2002. **Middle East Review of International Affairs**, 6(3), 77-102. 2002. Disponível em:

<http://www-personal.umich.edu/~twod/oil-ns/articles/research-07/research-saudi/pollack.pdf>.

Acesso em: 23 jan. 2025.

PRATT, Joseph A. The ascent of oil: the transition from coal to oil in early Twentieth-Century America. In: **Energy transitions**. Routledge, 2019. p. 9-34. Disponível em: <https://www.taylorfrancis.com/chapters/edit/10.4324/9780429051920-2/ascent-oil-transition-coal-oil-early-twentieth-century-america-joseph-pratt>. Acesso em: 18 jun. 2024.

RABBI, Mohammad Fazle et al. Energy security and energy transition to achieve carbon neutrality. **Energies**, v. 15, n. 21, p. 8126, 2022. Disponível em: <https://www.mdpi.com/1996-1073/15/21/8126>. Acesso em: 19 mai. 2024.

RADOMAN, Jelena et al. Securitization of energy as a prelude to energy security dilemma. **Western Balkans Security Observer-English Edition**, n. 4, p. 36-44, 2007. Disponível em: <https://www.ceeol.com/search/article-detail?id=59109>. Acesso em: 19 jun. 2024.

REGUER, Sara. Persian oil and the first lord: a chapter in the career of Winston Churchill. *Military Affairs: The Journal of Military History, including Theory and Technology*, p. 134-138, 1982. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1987894>. Acesso em: 17 mai. 2024.

REILLY, James. China's economic statecraft: turning wealth into power. **The Lowy Institute for International Policy**. 2013. Disponível em: [https://www.lowyinstitute.org/sites/default/files/reilly\\_chinas\\_economic\\_statecraft\\_web.pdf](https://www.lowyinstitute.org/sites/default/files/reilly_chinas_economic_statecraft_web.pdf). Acesso em: 2 out. 2024.

REUTERS. **Saudi Arabia signs initial deals with China on prince's visit**. 2016. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/world/saudi-arabia-signs-initial-deals-with-china-on-prince-s-visit-idUSKCN1151HF/>. Acesso em: 29 dez. 2024.

REUTERS. **Saudi Aramco to sign China's Yunnan refinery deal in 6 months**: Falih. 2-17 Disponível em: <https://www.reuters.com/article/saudi-china-oil/saudi-aramco-to-sign-chinas-yunnan-refinery-deal-in-6-months-falih-idUSL8N1L94F3>. Acesso em: 6 jan. 2025

RODHAN, Maitham A. The effect of US shale oil production on local and international oil markets. **International Journal of Energy Economics and Policy**, v. 13, n. 4, p. 433-443, 2023. Disponível em: [https://www.zbw.eu/econis-archiv/bitstream/11159/631264/1/1862644039\\_0.pdf](https://www.zbw.eu/econis-archiv/bitstream/11159/631264/1/1862644039_0.pdf). Acesso em: 27 dez. 2024.

RODRIGUES, C. EU-China Relations: Exploring the Possibility of Cognitive Dissonance. **Janus**, v. 14, n. 1, 2023. Disponível em: <https://janusnet-ojs.autonoma.pt/index.php/janus/article/view/33>. Acesso em: 2 jan. 2025.

ROMAN, Maitê; DRESCH, Victor Hugo. Rompimento da Aliança Sino-Soviética: a influência dos respectivos líderes e da política doméstica chinesa. **Revista Perspectiva: reflexões sobre a temática internacional**, 2017, 10.19. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/RevistaPerspectiva/article/view/83690>. Acesso em: 13 nov. 2024.

SALAH, Isam. The Effect of the Financial Crisis on the Middle East. **Global Bus. L. Rev.**, v. 1, p. 99, 2010. Disponível em: [https://heinonline.org/hol-cgi-bin/get\\_pdf.cgi?handle=hein.journals/glbure1&section=8](https://heinonline.org/hol-cgi-bin/get_pdf.cgi?handle=hein.journals/glbure1&section=8). Acesso em: 6 jan. 2024.

SALMAN, M.; GEERAERTS, G. The impact of strategic hedging on the foreign politics of great powers: the case of Chinese energy strategy in the Middle East. In: **China Goes Global Conference**, setembro, p. 25-27, 2013. Disponível em: [https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/43586099/The\\_Impact\\_of\\_Strategic\\_Hedging\\_on\\_the\\_F\\_20160310-2586-3t19ot-libre.pdf](https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/43586099/The_Impact_of_Strategic_Hedging_on_the_F_20160310-2586-3t19ot-libre.pdf). Acesso em: 2 jan. 2025.

SALMAN, M.; GEERAERTS, G. Measuring Strategic Hedging. In: **APSA 2014 Annual Meeting Paper**, 2014. Disponível em: [https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract\\_id=2451552](https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=2451552). Acesso em: 2 jan. 2025.

SALMAN, M.; GEERAERTS, G. Strategic hedging and China's economic policy in the Middle East. **China Report**, v. 51, n. 2, p. 102-120, 2015. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/0009445515570440>. Acesso em: 2 jan. 2025.

SALMAN, M.; GEERAERTS, G. Strategic Hedging and Balancing Model under the Unipolarity. In: **Midwest Political Science Association**, abril 16-19, 2015. Disponível em: [https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/42841241/Strategic\\_Hedging\\_and\\_Balancing\\_Model\\_un\\_20160219-14612-lyk0fk-libre.pdf](https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/42841241/Strategic_Hedging_and_Balancing_Model_un_20160219-14612-lyk0fk-libre.pdf). Acesso em: 2 jan. 2025.

SALMAN, M.; PIEPER, M.; GEERAERTS, G. Hedging in the Middle East and China-US Competition 1. **Asian Politics & Policy**, v. 7, n. 4, p. 575-596, 2015. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/aspp.12225>. Acesso em: 2 jan. 2025.

SALMAN, M. Strategic Hedging and Unipolarity's Demise: The Case of China's Strategic Hedging. **Asian Politics & Policy**, v. 9, n. 3, p. 354-377, 2017. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/aspp.12330>. Acesso em: 2 jan. 2025.

SAMUELS, Richard J. Public energy corporations in the industrial democracies: Japan in comparative perspective. **Journal of Commonwealth & Comparative Politics**, v. 22, n. 1, p. 53-101, 1984. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/14662048408447443>. Acesso em: 29 mai. 2024.

SARKER, Md Nazirul Islam et al. One belt one road initiative of China: Implication for future of global development. **Modern Economy**, v. 9, n. 4, p. 623-638, 2018. Disponível em: <https://www.scirp.org/journal/paperinformation?paperid=83814>. Acesso em: 29 dez. 2024.

SAUDI ARABIA. Saudi Vision 2030. **Kingdom of Saudi Arabia**. 2016. Disponível em: [https://www.vision2030.gov.sa/media/rc0b5oy1/saudi\\_vision203.pdf](https://www.vision2030.gov.sa/media/rc0b5oy1/saudi_vision203.pdf). Acesso em: 30 jan. 2025.

SAUDI crown prince seeks \$600 bln investment push with U.S. **Reuters**, 22 jan. 2025. Disponível em: <https://www.reuters.com/world/middle-east/saudi-crown-prince-seeks-600-bln-investment-push-with-us-2025-01-22/>. Acesso em: 24 jan. 2025.

SCHELDEN, THOMAS F. China's grand strategy: weaving a new silk road to global primacy. **Santa Barbara: Praeger**, 2020. Disponível em: <https://dokumen.pub/chinas-grand-strategy-weaving-a-new-silk-road-to-global-primacy-1440867909-9781440867903.html>. Acesso em: 2 jan. 2025.

SCHMIDT, Dirk. The financial crisis and its impact on China. **China Analysis Research Group on the Political Economy of China**, Trier University, 2009. Disponível em: [http://chinapolitik.org/files/no\\_67.pdf](http://chinapolitik.org/files/no_67.pdf). Acesso em: 27 dez. 2024.

SEN, Indrajit. Petrochina says in talks with Aramco for IPO deal. **Oil & Gas Middle East**. 2017. Disponível em: <https://www.oilandgasmiddleeast.com/products-services/article-17114-petrochina-says-in-talks-with-aramco-for-ipo-deal>. Acesso em: 25 dez. 2024.

SHAHBAZOV, Fuad. Iran and Saudi Arabia in SCO: A Strategic Shift in Gulf Alliances. **Gulf International Forum**. 2023. Disponível em: <https://gulfif.org/iran-and-saudi-arabia-in-sco-a-strategic-shift-in-gulf-alliances/>. Acesso em: 29 jan. 2025.

SHAN, Lee Yin. Oil markets' decades-long dependence on China could be ending. **CNBC**. 2023. Disponível em: <https://www.cnbc.com/2023/09/20/oil-markets-decades-long-dependence-on-china-could-be-coming-to-an-end.html>. Acesso em: 10 jun. 2024.

SHICHOR, Yitzhak. **East Wind over Arabia: Origins and Implications of the Sino-Saudi Missile Deal**. Berkley: Berkley Center for Chinese Studies. 1989.

SIMONS, Anna; TUCKER, David. The misleading problem of failed states: a 'socio-geography' of terrorism in the post-9/11 era. **Third world quarterly**, v. 28, n. 2, p. 387-401, 2007. Disponível em: [https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/01436590601153887?casa\\_token=e4riobiiTioAAAA%3ALvu4stwF5\\_at1tVQaojDC03fwsvEPSZImZQf3UOqLQKF-UExIIVk64ck-dT6040\\_yUII6hV5C0kwDsS9#d1e197](https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/01436590601153887?casa_token=e4riobiiTioAAAA%3ALvu4stwF5_at1tVQaojDC03fwsvEPSZImZQf3UOqLQKF-UExIIVk64ck-dT6040_yUII6hV5C0kwDsS9#d1e197). Acesso em: 26 dez. 2024.

SI, Shuyang et al. The effects of energy-related policies on energy consumption in China. **Energy Economics**, v. 76, p. 202-227, 2018. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0140988318304158>. Acesso em: 17 jun. 2024.

SIDAWAY, James D. et al. Introduction: Research agendas raised by the Belt and Road Initiative. **Environment and Planning C: Politics and Space**, v. 38, n. 5, p. 795-802, 2020. Disponível em: [https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/2399654420911410?casa\\_token=eQyt2NFaANcAAAAA:b7Un8zGHROgT5EtcIH91LmjcMXIVfz6IWIDEbtW2Bm-dUPIDuLTp00aCPoRv67zCEd11SaxbnP\\_LTNo&casa\\_token=1ptTSL06F0kAAAAA:QNa9n\\_ZjsXKVadiyIAjftSNmDzWlkUoEziSc4IA7x4EFiDMn7G1AsAdNn28obOeNc7\\_8WauEbVtH1c](https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/2399654420911410?casa_token=eQyt2NFaANcAAAAA:b7Un8zGHROgT5EtcIH91LmjcMXIVfz6IWIDEbtW2Bm-dUPIDuLTp00aCPoRv67zCEd11SaxbnP_LTNo&casa_token=1ptTSL06F0kAAAAA:QNa9n_ZjsXKVadiyIAjftSNmDzWlkUoEziSc4IA7x4EFiDMn7G1AsAdNn28obOeNc7_8WauEbVtH1c). Acesso em: 10 jun. 2024.

SOVACOOOL, Benjamin K. An international assessment of energy security performance. **Ecological Economics**, v. 88, p. 148-158, 2013. Disponível em:

[https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0921800913000396?casa\\_token=ekSulJYiZ\\_EAAAAA:Cajjgvy55r6PY6f-ZjrXyK6e6eyEwke0AqDrwPnRsFUKMUxcxOC376nb9Fjt1-gb-zj8CdIIzmJw](https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0921800913000396?casa_token=ekSulJYiZ_EAAAAA:Cajjgvy55r6PY6f-ZjrXyK6e6eyEwke0AqDrwPnRsFUKMUxcxOC376nb9Fjt1-gb-zj8CdIIzmJw). Acesso em: 19 mai. 2024.

STATISTA. Primary energy consumption in China from 2019 to 2022, by fuel. **Statista**. 2024. Disponível em: <https://www.statista.com/statistics/265612/primary-energy-consumption-in-china-by-fuel-type-in-oil-equivalent/>. Acesso em: 31 mai. 2024.

STATISTA. Primary energy consumption worldwide in 2022, by country. **Statista**. 2024. Disponível em: <https://www.statista.com/statistics/263455/primary-energy-consumption-of-selected-countries/#:~:text=China%20is%20the%20largest%20consumer,such%20as%20oil%20and%20coal>. Acesso em: 31 mai. 2024.

STATISTA. **U.S. crude oil imports per day from Saudi Arabia from 2000 to 2022**. 2024. Disponível em: <https://www.statista.com/statistics/487478/us-crude-oil-imports-per-day-from-saudi-arabia/#:~:text=The%20United%20States%20imported%20roughly,in%20the%20same%20time%20period>. Acesso em: 27 dez. 2024.

SU, Xiang; TAN, Junlan. Regional energy transition path and the role of government support and resource endowment in China. **Renewable and Sustainable Energy Reviews**, v. 174, p. 113150, 2023. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1364032123000060>. Acesso em: 20 jun. 2024.

SUN, Yun. Sino-Saudi economic engagement deepens. **Asia Times**. 2023. Disponível em: <https://asiatimes.com/2023/07/sino-saudi-economic-engagement-deepens/>. Acesso em: 22 jan. 2025.

TANG, James TH. With the grain or against the grain? Energy security and Chinese foreign policy in the Hu Jintao era. **Brookings Institution**. 2006. Disponível em: [https://ink.library.smu.edu.sg/soas\\_research/2372/](https://ink.library.smu.edu.sg/soas_research/2372/), Acesso em: 6 jan. 2024.

TESSMAN, B. F. System structure and state strategy: Adding hedging to the menu. **Security Studies**, v. 21, n. 2, p. 192-231, 2012. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/09636412.2012.67920>. Acesso em: 2 jan. 2025.

TESSMAN, Brock; WOLFE, Wojtek. Great powers and strategic hedging: The case of Chinese energy security strategy. **International Studies Review**, v. 13, n. 2, p. 214-240, 2011. Disponível em: <https://academic.oup.com/isr/article-abstract/13/2/214/1822238>. Acesso em: 9 jun. 2024.

THOMPSON, Mark C. 'Saudi vision 2030': A viable response to youth aspirations and concerns?. **Asian Affairs**, v. 48, n. 2, p. 205-221, 2017. Disponível em: [https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/03068374.2017.1313598?casa\\_token=pn\\_AbxpqrhYAAAAA:1fgVmm4P\\_1XqgnhX9XOXZnPu3x2WW0qXvlUFF-WNSNiL45qPC9VwLWv8nNbWS3ZH2TInm40J7VLgoWF7](https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/03068374.2017.1313598?casa_token=pn_AbxpqrhYAAAAA:1fgVmm4P_1XqgnhX9XOXZnPu3x2WW0qXvlUFF-WNSNiL45qPC9VwLWv8nNbWS3ZH2TInm40J7VLgoWF7). Acesso em: 29 dez. 2024.

TUNSJØ, Øystein. Hedging against oil dependency: New perspectives on China's energy security policy. **International Relations**, v. 24, n. 1, p. 25-45, 2010. Disponível em: [https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0047117809340543?casa\\_token=cd6V1Xo9SCQAAAAA:SfWYP9Vlj-0eaBgubvBZamwBtgpkpM2AFfnYz-ni1vVm0kdT2WDVQIr2sxt8K7WH-fYugRbJFcq-MkE](https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0047117809340543?casa_token=cd6V1Xo9SCQAAAAA:SfWYP9Vlj-0eaBgubvBZamwBtgpkpM2AFfnYz-ni1vVm0kdT2WDVQIr2sxt8K7WH-fYugRbJFcq-MkE). Acesso em: 19 jun. 2024.

UNGARETTI, Carlos Renato. O 14º Plano Quinquenal (2021-2025) da China em Perspectiva Doméstica e Internacional: Economia, inovação e meio-ambiente. **Núcleo de Estudos do BRICS**. 2021. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/nebrics/o-14o-plano-quinquenal-2021-2025-d>. Acesso em: 20 jun. 2024.

VENNESSON, Pascal. 12 Case studies and process tracing: theories and practices. **Approaches and methodologies in the social sciences**, v. 223, 2008. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/services/aop-cambridge-core/content/view/30CC215CC8FA7BA27BA2F29BA58FC3F6>. Acesso em: 18 abr. 2024.

VERRASTRO, Frank; LADISLAW, Sarah. Providing energy security in an interdependent world. **Washington Quarterly**, v. 30, n. 4, p. 95-104, 2007. Disponível em: [https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1162/wash.2007.30.4.95?casa\\_token=YDwXXcEH1NUAAAAA:ev9PyV9dg2gchnoZPrByOTpY6SmFWSOJO6vD0-canFSRsVpaWqqefbDA3MZJX65OWsYI5qARxwCJwh\\_OMg](https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1162/wash.2007.30.4.95?casa_token=YDwXXcEH1NUAAAAA:ev9PyV9dg2gchnoZPrByOTpY6SmFWSOJO6vD0-canFSRsVpaWqqefbDA3MZJX65OWsYI5qARxwCJwh_OMg). Acesso em: 18 jun. 2024.

VISION 2030. History & Heritage. **Vision 2030**. 2022. Recuperado de <https://www.vision2030.gov.sa/>. Acesso em: 1 jul. 2024.

WALDNER, David. Process tracing and causal mechanisms. **The Oxford handbook of philosophy of social science**, 2012, 65-84. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?hl=pt-PT&lr=&id=ar5BbV6h\\_mEC&oi=fnd&pg=PA65&dq=Process%09Tracing%09and+Causal%09Inference&ots=xj--d6TP13&sig=BjCwoA0xSzJjutHabsqBCFTqW70](https://books.google.com.br/books?hl=pt-PT&lr=&id=ar5BbV6h_mEC&oi=fnd&pg=PA65&dq=Process%09Tracing%09and+Causal%09Inference&ots=xj--d6TP13&sig=BjCwoA0xSzJjutHabsqBCFTqW70). Acesso em: 15 de nov. 2024.

WALTZ, Kenneth. **Theory of International Politics**. McGraw-Hill: New York. 1979. ISBN: 978-0075548522.

WANG, Haibo. Characteristics and trends of China's oil demand. **CNPC Research Institute of Economics and Technology**. 2010. Disponível em: <https://www.osti.gov/etdeweb/biblio/21390228>. Acesso em: 19 jun. 2024.

WANG, T. Y. Competing for friendship: the two Chinas and Saudi Arabia. **Arab Studies Quarterly**, p. 63-82, 1993. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/41858052>. Acesso em: 4 jan. 2025.

WANG Y. A Research on petroleum trade in China. **J. Traffic Constr. Manag.** (10):31-38.2006.

WINZER, Christian. Conceptualizing energy security. **Energy policy**, v. 46, p. 36-48, 2012. Disponível em: [https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0301421512002029?casa\\_token=r0LXUQmEUyWAAAAA:YITJgGrJO8RnTRWqC29hg5ocu6BYDXijPPVidQQH2Kiu25rqrCGQfOY6Rljo4-2EVRxKqSQPKD0](https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0301421512002029?casa_token=r0LXUQmEUyWAAAAA:YITJgGrJO8RnTRWqC29hg5ocu6BYDXijPPVidQQH2Kiu25rqrCGQfOY6Rljo4-2EVRxKqSQPKD0). Acesso em: 29 mai. 2024.

WIVEL, A. Security dilemma. **International Encyclopedia of Political Science**, v. 7, p. 2389-2391, 2011. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Anders-Wivel-2/publication/320211391\\_Security\\_dilemma/links/59d4e777a6fdcc181adc5d66/Security-dilemma.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Anders-Wivel-2/publication/320211391_Security_dilemma/links/59d4e777a6fdcc181adc5d66/Security-dilemma.pdf). Acesso em: 2 jan. 2025.

WOLFE, W. M. China's strategic hedging. **Orbis**, v. 57, n. 2, p. 300-313, 2013. Disponível em: [https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0030438713000215?casa\\_token=v1QMkT-5YGoAAAAA:ROIT5KHwAQxm43GwVIUqGVBMv\\_PZ9Nt0qwKzR1qNgYIqGCQKwcYuJCp3HH0pYc2GRit23143zeGK](https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0030438713000215?casa_token=v1QMkT-5YGoAAAAA:ROIT5KHwAQxm43GwVIUqGVBMv_PZ9Nt0qwKzR1qNgYIqGCQKwcYuJCp3HH0pYc2GRit23143zeGK). Acesso em: 2 jan. 2025.

WOLFE, Wojtek M.; TESSMAN, Brock F. China's global equity oil investments: economic and geopolitical influences. **Journal of Strategic Studies**, v. 35, n. 2, p. 175-196, 2012. Disponível em: [https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/01402390.2011.635467?casa\\_token=jnomNBuqBjMAAAAA:6kWR0qu4jT5YXr-lr1itE74oCe-8qvwg2BfgATvmGSQU2s6Jlt5k7iPIQq5vB0hIH3yH6TLixd5ARlz55Q](https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/01402390.2011.635467?casa_token=jnomNBuqBjMAAAAA:6kWR0qu4jT5YXr-lr1itE74oCe-8qvwg2BfgATvmGSQU2s6Jlt5k7iPIQq5vB0hIH3yH6TLixd5ARlz55Q). Acesso em: 10 jun. 2024.

WORLD BANK. **PIF Global Review**. 2019. Disponível em: [https://ppp.worldbank.org/public-private-partnership/sites/ppp.worldbank.org/files/2022-06/PIF\\_Global\\_Review-Vol\\_II\\_Interactive-IADB.pdf](https://ppp.worldbank.org/public-private-partnership/sites/ppp.worldbank.org/files/2022-06/PIF_Global_Review-Vol_II_Interactive-IADB.pdf). Acesso em: 25 dez. 2024.

WORLD BANK. **China Overview**. 2024. Disponível em: <https://www.worldbank.org/en/country/china>. Acesso em: 15 dez. 2024.

WORLDOMETER (2016). **China Oil Energy**. Disponível em: <https://www.worldometers.info/oil/china-oil/>. Acesso em: 18 jun. 2024.

WU, Kang. China's energy security: Oil and gas. **Energy Policy**, v. 73, p. 4-11, 2014. Disponível em: [https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0301421514003395?casa\\_token=tAc9PICKboUAAAAA:pZJUMdgcZDTozJfzuwXo-nX-SBpfA91OKdhkZbKYyajvnpJd\\_tywMR2RYgN3HQvq2LTPY7sYCdMD](https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0301421514003395?casa_token=tAc9PICKboUAAAAA:pZJUMdgcZDTozJfzuwXo-nX-SBpfA91OKdhkZbKYyajvnpJd_tywMR2RYgN3HQvq2LTPY7sYCdMD). Acesso em: 9 jun. 2024.

WU, Rui; ZHAO, Jun. O enfraquecimento contínuo da ideologia na construção das relações China-Arábia Saudita: uma revisão histórica. **Asian Journal of Middle Eastern and Islamic Studies**, 2020, 14.4: 554-566. Disponível em: [https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/25765949.2020.1841994?casa\\_token=\\_mh000m49mkAAAAA:yBxDToEFAodYLzavBPMf1MZH4RbCgYpP5L3IYhVpfoUzU0WgOhGP4KbrLbZY0IPsNCV1nu3jgUsnw](https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/25765949.2020.1841994?casa_token=_mh000m49mkAAAAA:yBxDToEFAodYLzavBPMf1MZH4RbCgYpP5L3IYhVpfoUzU0WgOhGP4KbrLbZY0IPsNCV1nu3jgUsnw). Acesso em: 2 out. 2024.

XIAOPENG, Guo et al. A research on the gravity model of China's oil trade in the strategic context of One Belt One Road. **Journal of Economics and International Finance**, v. 9, n. 10, p. 95-102, 2017. Disponível em: <https://academicjournals.org/journal/JEIF/article-full-text/BB7505866798>. Acesso em: 28 dez. 2024.

YANG, Zishi; DU, Le; DING, Liping. The China-Saudi Arabia (Jizan) industrial park under the belt and road initiative. **Asian journal of middle eastern and Islamic studies**, v. 14, n. 4, p. 528-537, 2020. Disponível em: [https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/25765949.2020.1841990?casa\\_token=S9tbnMji](https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/25765949.2020.1841990?casa_token=S9tbnMji)

[oi8AAAAA%3A1hxSetQRutiDVJvtLHKfU89STJ5U8L2BtevmRl6OO2p1L\\_irdX\\_OG4DVW KdG3C3bSsg35r-REOYYsWPr](https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0301421513013116?casa_token=Gd3V4zBKE9wAAAAA:zvZnZnVSGA4Mgf_SefN9zzuUbgMg8HcR_GCWPEdWzwVxMEc6C1YTIFl2A4nDC_0vLSmKJoagKO3v). Acesso em: 18 jul. 2024.

YAO, Lixia; CHANG, Youngho. Energy security in China: A quantitative analysis and policy implications. **Energy Policy**, v. 67, p. 595-604, 2014. Disponível em: [https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0301421513013116?casa\\_token=Gd3V4zBKE9wAAAAA:zvZnZnVSGA4Mgf\\_SefN9zzuUbgMg8HcR\\_GCWPEdWzwVxMEc6C1YTIFl2A4nDC\\_0vLSmKJoagKO3v](https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0301421513013116?casa_token=Gd3V4zBKE9wAAAAA:zvZnZnVSGA4Mgf_SefN9zzuUbgMg8HcR_GCWPEdWzwVxMEc6C1YTIFl2A4nDC_0vLSmKJoagKO3v). Acesso em: 9 jun. 2024.

YERGIN, Daniel. Energy Security in the 1990s. **Foreign Aff.**, v. 67, p. 110, 1988. Disponível em: [https://heinonline.org/hol-cgi-bin/get\\_pdf.cgi?handle=hein.journals/fora67&section=12](https://heinonline.org/hol-cgi-bin/get_pdf.cgi?handle=hein.journals/fora67&section=12). Acesso em: 24 mai. 2024.

YERGIN, D. Ensuring energy security. **Foreign affairs**, 69-82. 2006. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/20031912>. Acesso em: 10 jun. 2024.

YERGIN, Daniel. **A Busca: energia, segurança e reconstrução do mundo moderno**. São Paulo: Intrínseca. 2014.

YETIV, Steve A.; LU, Chunlong. China, global energy, and the Middle East. **The Middle East Journal**, v. 61, n. 2, p. 199-218, 2007. Recuperado de: <https://www.ingentaconnect.com/content/mei/mei/2007/00000061/00000002/art00002>. Acesso em: 18 jan. 2025.

YIN, Tianqi. Strong Power to Weak Power Strategic Hedging in Regional Conflicts and China's Involvement in the Saudi Arabia-Iran Rivalry. **International Journal of Asian Social Science**, v. 12, n. 8, p. 292-307, 2022. Disponível em: <https://ideas.repec.org/a/asi/ijoass/v12y2022i8p292-307id4560.html>. Acesso em: 18 jun, 2024.

YOM, Sean. US foreign policy in the Middle East: The logic of hegemonic retreat. **Global Policy**, v. 11, n. 1, p. 75-83, 2020. Disponível em: [https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/1758-5899.12777?casa\\_token=agPk39pL-C8AAAA:CxRuCTh8OLpmwZl-49-D6P0tY1on4URfryKERwtDmUmAjMfGDUEfTUuvNQW1s4Uh\\_rD3taihoW4P13xYlw](https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/1758-5899.12777?casa_token=agPk39pL-C8AAAA:CxRuCTh8OLpmwZl-49-D6P0tY1on4URfryKERwtDmUmAjMfGDUEfTUuvNQW1s4Uh_rD3taihoW4P13xYlw). Acesso em: 24 mai. 2024.

YUAN, J. D.. China's role in establishing and building the Shanghai Cooperation Organization (SCO). **Journal of Contemporary China**, 19(67), 855-869. 2010. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/10670564.2010.508587>. Acesso em: 22 jan. 2025.

ZHA, Daojiong; BRESLIN, Shaun. Oiling the wheels of foreign policy?: Energy security and China's international relations. In: **A Handbook of China's International Relations**. Routledge, 2012. p. 64-75. Disponível em: <https://www.taylorfrancis.com/chapters/edit/10.4324/9780203847039-10/oiling-wheels-foreign-policy-daojiong-zha-shaun-breslin>. Acesso em: 18 jun. 2024.

ZHANG, Chi. China and Saudi Arabia: A New Alliance. **The Diplomat**. 2016. Disponível em: <https://thediplomat.com/2016/09/china-and-saudi-arabia-a-new-alliance/>. Acesso em: 29 dez. 2024.

ZHANG, Juyan; BENOIT, William L. Message strategies of Saudi Arabia's image restoration campaign after 9/11. **Public Relations Review**, v. 30, n. 2, p. 161-167, 2004. Disponível em: [https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0363811104000207?casa\\_token=CvTQ\\_HW8Z58AAAAA:TD1zDp1MD-GohFdNvSIBq1lnhcaj87ltHfqbiPk4mT0oZ2gm3q5zLTXOTct1alu5nF-K\\_cMBS5A](https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0363811104000207?casa_token=CvTQ_HW8Z58AAAAA:TD1zDp1MD-GohFdNvSIBq1lnhcaj87ltHfqbiPk4mT0oZ2gm3q5zLTXOTct1alu5nF-K_cMBS5A). Acesso em: 27 dez. 2024.